

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
MESTRADO DE HISTÓRIA  
EBER DORNELAS DA COSTA SOUZA

**SENSIBILIDADES E PRÁTICAS  
NO ENSINO DE HISTÓRIA EM INHUMAS:  
1996 - 2006**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Goiânia, 2010

**EBER DORNELAS DA COSTA SOUZA**

**SENSIBILIDADES E PRÁTICAS  
NO ENSINO DE HISTÓRIA EM INHUMAS:  
1996 - 2006**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em História.

Sob orientação de: Profa. Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Goiânia, 2010

Souza, Eber Dornelas da Costa.

Sensibilidades e práticas no ensino de histórias em Inhumas :  
1996 – 2006 / Eber Dornelas da Costa Souza. – Goiânia : [s. n.],  
2010 (Goiânia : Gráfica e Editora Vieira).

105 p. : il.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, 2010.

Referências bibliográficas

1. História. 2. História - Inhumas. I. Título.

CDU 93/99(817.3)

### Índice para catálogo sistemático

1. História.....	93/99
2. História – Inhumas.....	93/99 (817.3)

EBER DORNELAS DA COSTA SOUZA  
(folha substituída pela colorida com as assinaturas)

**SENSIBILIDADES E PRÁTICAS  
NO ENSINO DE HISTÓRIA EM INHUMAS:  
1996 - 2006**

Dissertação apresentada e avaliada em 12/04/2010 pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Profa. Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel  
Presidente

---

Prof. Dr. Eduardo José Reinato

---

Profa. Dra. Terezinha Mendes Marra

## AGRADECIMENTOS

A Deus sobre tudo e sobre todas as coisas.

Aos meus pais Sebastião e Divina (*in memoriam*) pelo exemplo de vida e pelo seu esmero em nos fazer estudar.

Ao meu amado esposo Ary, pela confiança, dedicação incansável e apoio.

À Edyssa e Rebeca, filhas queridas, pelo incentivo e também pela compreensão, com a falta de tempo e pelo tanto que foram privadas de minha presença.

Ao Joel Dornelas, meu irmão, meu incentivador e que me proporcionou este curso, patrocinando-o.

À Heloisa Capel, pela dedicação amiga e zelosa.

Só uma coisa é certa: é preciso buscar.

Buscar é saber olhar pela janela.

Buscar é descobrir horizontes.

Buscar é saber ler as fontes.

Buscar é também narrar, registrar.

*É assim que se faz a História.*

*Sônia Nikitiuk*

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FOTOS E QUADROS .....</b>	<b>07</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>08</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I - INHUMAS: CIDADE E O PANORAMA EDUCACIONAL.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 - Inhumas: Histórico da Cidade.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 - Instrução Pública em Inhumas: um panorama histórico.....</b>	<b>23</b>
<b>1.2.1 - As Escolas – campo.....</b>	<b>26</b>
<b>1.2.1.1 – Colégio Estadual Rui Barbosa.....</b>	<b>26</b>
<b>1.2.1.2 – Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula.....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO II – SENSIBILIDADES E CULTURA ESCOLAR.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 - Sensibilidades: base de representações.....</b>	<b>31</b>
<b>CAPÍTULO III – SENSIBILIDADES E PRÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>41</b>
<b>3.1 - As normas reguladoras e o ensino de história.....</b>	<b>41</b>
<b>3.2 - Sensibilidades e Práticas Escolares.....</b>	<b>50</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>69</b>

## LISTA DE FOTOS E QUADROS

<b>Foto 01: Inhuma .....</b>	<b>12</b>
<b>Foto 02: Praça São Sebastião – 1960 .....</b>	<b>17</b>
<b>Foto 03: Grupo Escolar 19 de Março – 1936 .....</b>	<b>17</b>
<b>Foto 04: Palácio Municipal .....</b>	<b>21</b>
<b>Foto 05: Máquina de Beneficiar Arroz – 1939 .....</b>	<b>22</b>
<b>Foto 06: Colégio Estadual Rui Barbosa – 2010 .....</b>	<b>26</b>
<b>Foto 07: Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula – 2010 .....</b>	<b>29</b>
<b>Quadro 01: Representantes do Poder Executivo de Inhumas .....</b>	<b>18</b>
<b>Quadro 02: Fotos dos Prefeitos de Inhumas .....</b>	<b>19</b>



## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de análise as Sensibilidades e Práticas no Ensino de História em Inhumas, Goiás, a partir de um olhar revelador sobre os sentimentos, às emoções e as sensações observadas na prática do profissional da educação. A análise busca fundamento baseados na História Cultural, por meio de diversos autores, em especial Sandra Jatahy Pesavento, para entender como estas sensibilidades são representadas na vida pessoal e no trabalho de cada um dos entrevistados. Na investigação realizada para este estudo, por meio de pesquisas e entrevistas, procura-se responder, fundamentalmente, à seguinte questão: como identificar a insegurança, a baixa estima dos professores, a falta de autoconfiança. Busca também a percepção de uma releitura sobre as sensibilidades e práticas efetivas dos professores de história. Após uma contextualização sobre a história de vida dos professores e uma reflexão sobre múltiplos caminhos, investigam-se as razões na busca pela auto-afirmação ao longo da vida e o caminho percorrido: professores de história. Portanto, pode-se considerar que as sensibilidades estão na base das representações sobre o mundo profissional dos professores e influenciam indireta e diretamente na forma como a legislação é aplicada. Por este motivo é importante identificar os sentimentos e motivações dos atores sociais envolvidos no ensino de história, para que se possa compreender as representações e práticas a ele relacionadas.

**Palavras-chave:** sensibilidades, ensino, história, professores.

## ABSTRACT

This work analyses the sensitivities and practices in the teaching of History in Inhumas, Goiás. It reveals the feelings, emotions and sensations observed in teachers' practices. To understand how such sensitivities are represented in the teachers' personal life and work, the analysis is based on Cultural History works by various authors, especially Sandra Jatahy Pesavento. This research aims to identify insecurities, low self-esteem and lack of confidence on the part of History teachers. Based on the teachers' backgrounds, I investigate their reasons for seeking self-assertion throughout their lives and teaching practices. Therefore, I consider sensitivities as the basis for defining representations of a teacher's professional universe, which exerts direct and indirect influence on the way the legislation is applied. For this reason, it is important to identify the feelings and motivations of History teachers in order to comprehend representations and practices related to the teaching of History.

**Keywords:** sensitivities, teaching, history, teachers.

## INTRODUÇÃO

*A História é uma disciplina que, como outras, passou por mudanças de paradigmas ao longo do século XX, com profundas repercussões nos processos de pesquisa e elaboração científica. Ao investigar as relações entre educação, sociedade e cultura mediadas pelo ensino da História, representam contribuições significativas de pesquisas realizadas no campo da História para a área da Educação.*

Ana Maria Monteiro

A escolha deste tema “Sensibilidades e Práticas no Ensino de História em Inhumas: 1996-2006” é decorrente da proposta de se discutir a tensão entre o texto das orientações curriculares nacionais, os PCNs, e as práticas dos professores de história em Inhumas, cidade do interior goiano. Para isso, procurou-se estabelecer o confronto do texto oficial, os PCNs, com as sensibilidades e práticas efetivas dos professores do ensino de história. Destaque particular é dado às dificuldades em aplicar as orientações legais e absorver a interdisciplinaridade, elementos que conformam a resistência às novas formas de representação, as que identificam diversas maneiras de pensar e ensinar história. A insegurança, a baixa estima dos professores, a falta de autoconfiança e falta de crença na formação continuada podem ser identificadas nas falas dos professores, nos relatórios de reuniões para aplicação dos parâmetros nacionais, na análise de suas trajetórias de formação e horizonte de expectativas. Em síntese, no que está explícito e oculto nos discursos escritos e orais.

Esta pesquisa, portanto, destaca em que as determinações legais para o ensino de história são investigadas por meio das sensibilidades, sentimentos que estão na base das representações que os profissionais de história têm sobre o processo regulador, sobre si mesmos e sobre a própria história. Para a realização desta pesquisa fiz o levantamento das leis reguladoras para o ensino de história e, por meio de entrevistas, procuro obter dados relevantes para a investigação das sensibilidades profissionais. Com base nos dados das entrevistas fiz o cotejo das determinações legais com as efetivas práticas de aplicação na escola.

Este é um trabalho sobre história de vida de professores. Uma reflexão sobre múltiplos caminhos, práticas e opções construídos ao longo da vida por algumas pessoas, tendo em comum, nas suas trajetórias, o ofício: o ensino de história.

O trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “Inhumas: cidade e o panorama educacional” busco fazer o relato da história do município, de sua ocupação, no início da metade do século XIX, até os dias atuais. É um breve histórico da cidade-campo: Inhumas cidade do interior goiano

que fica próximo à capital do Estado. O relato mostra a cidade desde sua origem, como pouso para tropeiros da antiga Goiabeiras até a emancipação do município. Na sequência, destaco a origem do sistema educacional, suas primeiras escolas e os cursos que foram ministrados. Das escolas-campo de pesquisa traço um perfil de sua origem e a importância dentro do processo ensino aprendizagem, o avanço do sistema educacional hoje, seu crescimento e quais instituições e quais cursos são oferecidos aos estudantes desta cidade e região.

No segundo capítulo abordei o tema “Sensibilidades e Cultura Escolar”. A Cultura escolar faz parte da tarefa de educar e socializar o homem para que não se destrua, e é, também, um direito de todos os homens. As sensibilidades constituem o eixo fundamental por meio das quais as representações sobre o mundo são organizadas e manifestam, na prática, por meio dos sentimentos, emoções e sensações, estudo que é bastante relevante para a História Cultural.

No terceiro capítulo, “Sensibilidades e Práticas no Ensino de História”, mostro as Normas Reguladoras, como vêm sendo aplicadas no processo ensino-aprendizagem de História e também a compreensão dos educadores no que se refere à aplicação destas leis. Por meio das entrevistas foi possível conhecer as sensibilidades presentes na vida de cada um dos entrevistados. Sensibilidades estas representadas pelas angústias que sofrem devido às pressões diárias. Por esse motivo é importante identificar os sentimentos e motivações dos atores sociais envolvidos no ensino de história, para que se possa compreender as representações e práticas a ele relacionadas.

## CAPÍTULO I

### INHUMAS: CIDADE E O PANORAMA EDUCACIONAL

#### 1.1 - Inhumas: Histórico da Cidade

*O nome de Inhumas nasceu de sugestão do jornalista Moyzés Santana, que assim quis perpetuar na lembrança de todos o fato curioso de só ali, até então serem encontradas as interessantes inhumas, aves de porte elegante, quase negras e cujo canto desperta em nós profunda nostalgia.*

Derval de Castro



**Foto 01** – Inhuma.

**Fonte:** olhares.com.br

Localizada na Região do Mato Grosso Goiano, a 40 km de Goiânia, o município de Inhumas tem uma excelente localização geográfica às margens da Rodovia GO-070. É conhecida como Rodovia dos Bois, que dá acesso aos principais eixos econômicos do Centro-oeste e região Norte do país pela rodovia Belém-Brasília, BR-153 e rodovias estaduais, favorecendo a distribuição de produtos para todo o território nacional.

O município faz parte da microrregião de Anápolis e da mesorregião do Centro-Goiano.

A história de Inhumas começou durante o século XIX, quando a Cidade de Goiás era a Capital do Estado de Goiás. O transporte ainda era feito por animais e os viajantes, vindos dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo ou Minas Gerais com destino à Capital de Goiás, paravam para repousar e descansar nos ranchos que ficavam à margem do córrego Inhumas, O local também servia de aluguel de pastos. Assim, Inhumas começou como um simples pouso de tropas:

Quando os transportes em Goiás eram feitos por animais. Eram ranchos pertencentes a proprietários de terras, que faziam do aluguel de pasto uma fonte de rendas, uma profissão rendosa. Ranchos estes, que ficavam à margem do córrego Inhumas que deságua no Rio Meia Ponte (ARTIAGA, 1951, p.311).

O povoado que no início contava com poucas casinhas era o ponto de pouso das tropas que faziam o trajeto da Cidade de Goiás a Campinas e isso colaborou para a sua ocupação.

Durante o século XIX, a população de Goiás aumentou continuamente, não só pelo crescimento vegetativo como pelas migrações dos estados vizinhos. Os índios diminuíram quantitativamente e a contribuição estrangeira foi inexistente. A pecuária tornou-se o setor mais dinâmico da economia (PALACIN e MORAES,1994, p.57).

Inhumas nasceu com o nome de Goiabeiras. O vilarejo surgiu a partir da referência a um extenso goiabal. As primeiras penetrações foram realizadas por tropeiros, caixeiros viajantes e outras pessoas que se dirigiam à antiga capital (cidade de Goiás), e o povoamento de Inhumas foi provocado por fazendeiros que fixaram residência por essas bandas, atraídos pela fertilidade da terra.

No meio da mata que cobria vasta extensão banhada por tributários das vertentes dos rios Meia Ponte e dos Bois, Goiabeiras era um ponto de referência na Estrada Real, que ligava a ponta da linha da Estrada de Ferro Goiás à antiga Capital do Estado. À margem do córrego que corta ao meio a cidade, havia moitas de goiabeiras, onde primitivamente, as tropas e os carros de boi faziam pouso e, daí, certamente, o topônimo que, por muitos anos prevaleceu (BORGES, 1980, p.20).

E Inhumas surgiu, ou melhor, se originou da antiga Fazenda Cedro, que teve seu primeiro posseiro João Antônio da Barra, que a vendeu a Felix Rodrigues Ramos que, logo após a compra, registrou-a com o nome de Goiabeiras.

[...] após a compra, a registrou em 20 de setembro de 1858, sob o n.º. 184, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, com a denominação de “Goiabeiras”, devido à abundância dessa árvore nessa região. Depois da aquisição de Felix Rodrigues Ramos, apareceu a primeira casa nos terrenos situados entre a margem do rio “Meia Ponte” e o córrego “Cemitério” (CASTRO, 1993, p.132).

Até ao final do século XIX tropas de muares e cavaleiros e carros de boi transportavam para Goiás diversas mercadorias. Para Goiabeiras, chegavam remédios, tecidos, calçados, sal, produtos manufaturados em geral e miudezas; em contrapartida, eram levadas mantas de toucinho, carne salgada, algodão não beneficiado, rapadura e mel. O transporte dos produtos só deixou de ser feito sobre o lombo de muares e cavaleiros quando o trem de ferro chegou ao território goiano em meados de 1909:

O transporte de produtos (importados ou para exportação), que até o final do séc. XIX era feito sobre lombo de muares e cavaleiros, sofreu interferência da onda do progresso. A estrada de ferro que começou a romper o solo paulista por volta de 1845 chegou ao território goiano em meados de 1909. Contudo, somente em 15 de agosto de 1912, passaria o primeiro trem carregado de trilhos, testando a solidez e a segurança da estrada (MOREIRA, NASCIMENTO e ABDALLA, 2008, p. 44-45).

O local motivou o casal Laurindo de Oliveira e Souza e Maria Rodrigues Ramos a construir sua morada junto ao pouso de viajantes, como diz o autor Jamil Miguel:

A intenção do casal Laurindo e Maria era comercializar com os viajantes os bens produzidos na região, tais como açúcar de forma, rapadura, aguardente, toucinho salgado, etc (MIGUEL, 2003, p.20).

Augusta Faro Fleury Curado, de mudança do Rio de Janeiro para Goiás em 1896, deixou, nas anotações de viagem, registradas suas impressões sobre o caminho. Ao passar por Campininha e outras fazendas, atravessando o mato grosso, assim descreve o arraial de Goiabeiras:

Ainda andamos uma légua e tanto no Mato Grosso (que eles denominam assim para diferenciar do mato em que se viaja e que tem paus finos, muitos vales e campos). Passamos o arraial de Goiabeiras, 25 casinhas brancas. É um lugarejo novo, mas muito agradável. Descansamos sob uma árvore e tomamos excelente café. Pousamos no Manuel Bueno, grande sítio de criar gado (GODOY, 2005, p.65).

Segundo Borges (1980, p.21) “[...] em 1900, *Inhumas contava com 12 casas habitáveis. Em 1905, foi construída pelo então superior do Convento de Campinas, Padre José Wendel, a capela de Nossa Senhora Santana, hoje padroeira da cidade.*”

Politicamente o povoado pertencia à comarca de Curalinho. A mudança de nome ocorre em 1908, quando o então Distrito de Goiabeira recebeu o nome de Inhumas, devido à

grande quantidade de aves “inhuma” na região. A inhuma, cujo plural é inhumas, vive em lagoas, brejos e às margens dos rios. De região de clima quente e temperado, eram comuns em Goiás, Minas e São Paulo. É também conhecida como inhaúma e anhiuma. Assim a sugestão do nome teve o intuito de perpetuar o fato de aqui serem encontradas as "taciturnas", essas aves de porte elegante, penas negras, de canto nostálgico, que enchiam de graça e beleza as margens do Rio Meia Ponte e ribeirões.

Goiabeira, embora um povoado economicamente ativo, ainda pertencia politicamente à Comarca de Curralinho (Itaberaí). Esta era governada por um Intendente e um Conselho. Em 1908 vigorava o 10º (décimo) Conselho, tendo como presidente o Coronel João Elias da Silva Caldas, que foi o responsável pela promulgação da Lei nº. 40, de 02 de dezembro de 1908, Lei que deu novo nome ao povoado, deixando ser denominado de Goiabeira para definitivamente ser chamado de Inhumas (MOREIRA, NASCIMENTO e ABDALLA, 2008, p.59).

Integrada na Bacia do Alto Meia Ponte e tendo como elemento típico de sua paisagem botânica a outrora floresta tropical, conhecida como Mato Grosso Goiano, a mais importante e rica placa de solos do Estado de Goiás, Inhumas, atraiu grande população migrante, o que favoreceu o desenvolvimento de atividades agrícolas e pecuárias.

Segundo Palacín e Moraes (1994, p.66), “*em 1920, três núcleos coloniais mais importantes desenvolveram-se em Goiás: um, de italianos, em Inhumas; outro, também de italianos, no município de Anápolis (Nova Veneza); o terceiro, de portugueses, na fazenda Capim Puba, no atual município de Goiânia*”.

Inhumas, a partir de 1920, foi um lugar de convergência de povos, idéias e culturas, pois

[...] ao longo de sua historia recebeu povos de diversas origens: como chilenos, italianos, peruanos, japoneses, alemães, austríacos, libaneses, sírios, argentinos, portugueses, espanhóis, nortistas, nordestinos, paulistas e mineiros, como de fato ainda tem muitas famílias representantes destas origens, que chegaram a Goiás à esteira da cultura do café, da criação de gado e da ferrovia e se fixaram na região, e formaram toda a base da cultura e economia do Município (SANTOS, 2007, p.24).

Com a migração de centenas de pessoas para Inhumas, misturando-se à gente do lugar, trazendo consigo novas culturas e novo ânimo, o distrito passou a reclamar pela sua independência administrativa, almejando a emancipação política. Com a emancipação, aumentaria a fama e o prestígio das terras de Inhumas, atraindo novos fazendeiros de outros Estados.

Entre muitos migrantes que contribuíram para o crescimento do município de Inhumas merece destaque José Cesário Silva. Paulista de Igarapava, José Cesário identificou-



se com a região, tornou-se da liderança no distrito inhumense, contribuiu para o progresso do povoado, divulgando e comercializando terras locais. Tornou-se fazendeiro na região de Serra Abaixo. Faleceu em 1935, com 36 anos de idade, em decorrência de um surto epidêmico de febre amarela.

Outro nome de grande peso no município, oriundo de família goiana, foi o de Sizelísio Simões de Lima. Sizelísio muito contribuiu para a emancipação político-administrativa de Inhumas, que ocorreu em 1931, de acordo com o relato presente no livro “Instantes da História de Inhumas” de Jamil Miguel:

Sizelísio defendia ardorosamente a emancipação do distrito... Para a subintendência do distrito fez nomear, novamente, José Rodrigues Rabelo. Embora temporárias essas nomeações servem para demonstrar a força política exercida por Sizelísio naquele período revolucionário que antecedeu a emancipação de Inhumas. Poucos dias depois, a Junta Governativa transferiu a chefia do Estado para Pedro Ludovico, nomeado interventor de Goiás. Na manhã do dia 19 de janeiro de 1931, Pedro recebeu Sizelísio no Palácio Conde dos Arcos, em audiência marcada pelo amigo Mário Caiado, que o acompanhava. Ambos levavam, em nome dos moradores do Distrito de Inhumas, o solene pedido de sua emancipação. Pedro, sensibilizado, assinou naquele mesmo dia o Decreto nº. 602, de 19 de janeiro de 1931 que fora preparado por Domingos Neto Velasco, seu secretário na época (hoje nome de avenida na cidade). Com ele emancipava Inhumas, nomeava José Rodrigues Rabelo para seu prefeito provisório e dava o prazo de 60 dias para a instalação do novo município (MIGUEL, 2003, p.39-40).

A luta pela emancipação chegara ao fim. Mas a vigência do Decreto nº. 602 ainda esbarrava no último obstáculo que era a falta de dinheiro para a instalação do paço municipal. *"Foi Sizelísio quem, mais uma vez, resolveu o problema. Ele pagou do próprio bolso aquela despesa e da festa ocorrida em 19 de março de 1931 quando, finalmente, nasceu o Município de Inhumas* (MIGUEL, 2003, p. 40).

O prefeito nomeado, José Rodrigues Rabelo, exerceu o cargo de 19 de março de 1931 até 18 de janeiro de 1936.

Uma de suas mais importantes medidas foi promulgar, no dia 27 de janeiro de 1932, um Decreto Municipal que denominava vários logradouros públicos, tais como, Praça Santana, Praça São Sebastião; ruas: Goiás, Leopoldo de Bulhões, 07 de Setembro, Domingos Neto, Antônio Carlos, Boa Vista, São João, João Pessoa e Padres Redentoristas (MOREIRA, NASCIMENTO e ABDALLA, 2008, p. 64).



**Foto 02** - Praça São Sebastião – 1960.  
**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal de Inhumas.

José Rodrigues Rabelo criou a primeira escola estadual, denominada Grupo Escolar 19 de Março.



**Foto 03** - Grupo Escolar 19 de Março – 1936.  
**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal de Inhumas.

Antes da instalação da primeira Câmara de Vereadores de Inhumas, o prefeito era assessorado por um Conselho Consultivo. "*O primeiro foi composto por Sixelísio Simões de Lima (presidente), Pedro de Abreu Roriz, José Jácomo, Mamédio Calil e Manuel Laurindo (idem, p. 64).*

Em 1º de dezembro de 1935, aconteceram as primeiras eleições, tanto para vereadores quanto para prefeito. Elas aconteceram sob a égide da Constituição de 19 de julho de 1934, que confirmava o primeiro Código Eleitoral Brasileiro (Decreto 21.076, de 24 de fevereiro de 1932).

[...] tanto os vereadores quanto o prefeito municipal eleito, Dr. José de Arimathéia Oliveira e Silva, foram diplomados e empossados, prestando compromisso em solenidade no dia 19 de janeiro de 1936, a qual foi presidida pelo Dr. José de Carvalho dos Santos Azevedo, Juiz eleitoral da 2ª Zona, com a participação do Dr. Waldomiro Honório Ferreira, Juiz Preparante Eleitoral (MOREIRA, NASCIMENTO e ABDALLA, 2008, p. 65).

Após o golpe do Estado Novo, o Dr. José de Arimathéia e Silva continuou exercendo o cargo de prefeito municipal, por força do Decreto de Nomeação de 29 de novembro de 1937, do Interventor Federal em Goiás Dr. Pedro Ludovico Teixeira.

**Quadro 1-** Representantes do Poder Executivo de Inhumas:

**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal de Inhumas

<b>Nº</b>	<b>PREFEITOS</b>	<b>PERÍODO</b>
<b>01</b>	José Rodrigues Rabelo	19/03/1931 a 31/12/1935
<b>02</b>	José de Arimathéia Oliveira e Silva	01/01/1936 a 01/08/1945
<b>03</b>	Geraldo Majela Franklin Ferreira	02/08/1945 a 18/02/1946
<b>04</b>	Sebastião de Almeida Guerra	19/02/1946 a 20/03/1947
<b>05</b>	Leônidas Luiz Brandão	21/03/1947 a 30/11/1947
<b>06</b>	Sebastião de Almeida Guerra	01/12/1947 a 31/01 1951
<b>07</b>	Elpídio Luiz Brandão	01/02/1951 a 31/01/1955
<b>08</b>	Sebastião de Almeida Guerra	01/02/1955 a 31/01 1959
<b>09</b>	Joaquim Gonçalves de Azevedo	01/02/1959 a 31/01/1961

<b>10</b>	Nelo Egídio Balestra	01/02/1961 a 31/01/1966
<b>11</b>	Francisco Arataque	01/03/1961 a 12/06/1961
<b>12</b>	Alcântara Marques Palmeira	01/02/1966 a 31/01/1970
<b>13</b>	Firmo Luis de Melo e Souza	01/02/1970 a 31/01/1973
<b>14</b>	Domingos Garcia Filho	01/02/1973 a 31/01/1977
<b>15</b>	Irondes José de Moraes	01/02/1977 a 31/01/1983
<b>16</b>	José Essado Neto	02/02/1983 a 31 12 1988
<b>17</b>	Irondes José de Moraes	01/01/1989 a 31/12/1992
<b>18</b>	João Antônio Ferreira	01/01/1993 a 31/12 1996
<b>19</b>	Luis Otávio do Nascimento	01/01/1997 a 31/12 2000
<b>20</b>	José Essado Neto	01/01/2001 a 31/12/2004
<b>21</b>	Abelardo Vaz da Costa Filho	01/01/2005 a 31/12/2008 01/01/2009 a atualidade

## Quadro 2 - Fotos dos Prefeitos de Inhumas.

Fonte: Site da Prefeitura de Inhumas.



**José Rodrigues Rabelo**  
19/01/1931 a 31/12/1935



**José Arimathéia e Silva**  
01/01/1936 a 01/08/1945



**Geraldo Magela F.**  
02/08/1945 a 18/02/1946



**Sebastião de A. Guerra**  
19/02/1946 a 20/03/1947  
01/12/1947 a 31/01/1951  
01/02/1955 a 31/01/1959



**Leônidas Luiz Brandão**  
21/03/1947 a 30/11/1947



**Elpídio Luiz Brandão**  
01/02/51 a 31/01/55



**Joaquim G. Azevedo**  
01/02/59 a 31/01/61



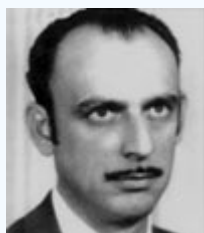
**Francisco Arataque**  
12/03/61 a 12/06/61



**Nelo Egídio Balestra**  
12/01/61 a 31/01/66



**Alcântara M. Palmeira**  
01/02/66 a 31/01/70



**Firmo Luiz Mello Souza**  
01/02/70 a 31/01/73



**Domingos Garcia Filho**  
01/02/73 a 31/01/77



**Irondes José de Moraes**  
01/02/77 a 01/01/89  
01/01/89 a 31/12/92



**José Essado Neto**  
02/02/83 a 31/12/88  
01/01/01 a 31/12/04



**Dr. João Antônio Ferreira**  
01/01/93 a 31/12/96



**Luiz Otávio Nascimento**  
01/01/97 a 31/12/2000



**Abelardo Vaz Filho**  
01/01/05 a 31/12/2008  
01/01/09 a atualidade

Com o término da Ditadura de Getúlio Vargas (1945) e a consequente redemocratização do país, as eleições de 1946, iniciou-se, também em Inhumas, a fase áurea da economia e prosperidade em vários segmentos. A alavanca propulsora era acionada à época pela agricultura. Também o comércio e a indústria se beneficiaram desta excelente fase.

Segue abaixo a relação de obras e locais construídos a partir desta fase, o que muito contribuiu para o aumento do progresso em Inhumas:

- Abertura da Rodovia Federal Goiânia – Inhumas (1946);

- Instalação da Sede Social do Inhumas Esporte Clube (1950);
- Construção do Hospital Nossa Senhora das Graças e inauguração da Matriz de Santana (1953);
- Instalação da Agência da Receita Federal e instalação do Ginásio de Inhumas (1950);
- Construção do Palácio Municipal abrigando os três poderes, na gestão do Prefeito Elpídio Luiz Brandão (1956);



**Foto 04** - Palácio Municipal

**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal de Inhumas

- Primeiro calçamento de Inhumas (Rua Goiás) e construção da primeira rodoviária (1959);
- Construção do prédio dos Correios, instalação do Banco do Brasil e inauguração do Estádio Zico Bandão (1960), dentre outros.

Os anos dourados prolongaram-se até 1962, momento em que o município vivenciou um dinamismo considerável nas esferas econômica, social, cultural e estadual.

Inhumas se destacou na década de 1940, com a atividade cafeeira, despontando como um pólo de comercialização de produtos agrícolas com as cidades circunvizinhas. Com isso surgem as beneficiadoras de café, depois do arroz e também do feijão, do milho e do algodão.





**Foto 05** – Máquina de Beneficiar Arroz - 1939

**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal de Inhumas

Foi também nesse período que a malha viária urbana se expandiu com a implantação de vários loteamentos, surgindo assim os bairros, vilas e setores da cidade. O sistema viário se estruturou através da Rua Goiás e da Avenida Domingos Neto. A primeira por abrigar um número significativo de estabelecimentos comerciais e de serviços, a segunda por se constituir na época, a principal entrada da cidade.

Com o crescimento da cidade, foram surgindo algumas empresas e indústrias.

Em decorrência do progresso, aumentou o número dos estabelecimentos hospitalares em mais três unidades (Hospital e Maternidade Mãe Maria; Hospital e Maternidade Dona Latifa; Hospital São Sebastião (hoje Hospital da Mulher) e conta atualmente também com o Hospital Municipal). O comércio e os serviços também se ampliaram visando atender à demanda local e externa.

A década de 1980 foi marcada pelo crescimento econômico, período este marcado pela instalação de algumas agroindústrias no município. Dentre elas Centroálcool Ltda (destilaria de álcool); Centrocouros S/A (transformação do couro através do curtimento, preparando-o para a industrialização); PURINA (produtora de alimentos animais); Agroceres (melhoramento genético, produção, seleção e comercialização de sementes).

Nessa mesma década foram instaladas agências bancárias, agência do INSS, agências da Receita Federal e da Receita Estadual, IBGE, IPASGO, agência do Ministério do Trabalho, OAB, CDL e Secretaria Estadual da Fazenda.

Inhumas tem hoje como atividades econômicas primárias cana-de-açúcar, arroz, milho, feijão, sorgo, soja, laranja, rebanho bovino, criação de aves para abate e produção de ovos; secundárias (indústrias de transformação e beneficiamento, destilaria de álcool, curtume, laticínio, abatedouros de bovinos, cerâmicas, marcenarias, máquinas de beneficiamento de arroz e café, fábrica de ração animal, indústria de produtos alimentícios,

indústria de calçados, confecções de vestuário e artigos de casa; terciárias estabelecimentos comerciais, de prestação de serviços em geral e bancários).

De acordo com o censo populacional realizado no ano de 2000, o município de Inhumas contava com 43.897 habitantes, sendo 39.976 na zona urbana e 3.921 na zona rural, com projeção de TC (taxa de crescimento) de 2,3% ao ano.

O aumento demográfico expressivo na cidade está relacionado à qualidade de IDH inhumense. Esse acréscimo deve-se ao elevado índice de emprego, alta produtividade no campo e autarquias ligadas ao Estado, responsáveis por assegurar a higienização e a sanitariedade municipal.

Em 2006, conforme taxa de crescimento projetado pelo IBGE, e dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família (PSF), o município possuía uma população urbana e rural de 44.983 habitantes.

Inhumas nasceu, cresceu e se tornou uma cidade que tem hoje atendimento em todos os aspectos: saúde, educação, segurança, comércio e indústrias. Destaca-se entre as cidades do interior goiano e, por ser muito próxima à capital, Goiânia, facilita a ida e vinda ao grande centro.

Por estar na educação o foco deste trabalho, destacar o surgimento das primeiras escolas dos primeiros professores é oportuno, pois se pode lançar um olhar sobre as dificuldades e soluções encontradas gestores e pelos moradores no processo de implantação do sistema educacional em Inhumas.

## **1.2. Instrução Pública em Inhumas: um panorama histórico**

A primeira unidade escolar de Inhumas foi instalada em 1.900. O seu primeiro professor foi Antônio Fulgêncio Sampaio e como primeira professora Ana Lemes de Siqueira.

Logo após a emancipação de Inhumas, o Estado instalou a primeira escola estadual. Nessa época a prefeitura mantinha três escolas municipais: duas na zona rural e a terceira era a da cidade.

No final da década de 40, a cidade padecia com a falta do curso ginasial (hoje, 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental). O município não dispunha de estruturas que pudessem dar continuidade aos estudos do ensino primário. As famílias de melhor poder aquisitivo enviavam seus filhos para internatos e colégios eclesiásticos em outras comunidades. Os jovens que desejassem continuar seus estudos tinham de, necessariamente deixar a cidade.



Tentou-se encontrar uma solução para proporcionar aos demais interessados a continuação de seus estudos, sem que houvesse necessidade de abandonarem a cidade. A solução encontrada foi a fundação de uma cooperativa

[...] que implantasse e mantivesse o curso ginasial. Essa cooperativa foi organizada por Clovis Fleury, funcionário de Elpídio Brandão. Animado com a idéia Wisquival Borges doou o terreno, localizado onde hoje se encontra instalada a Prefeitura Municipal. Porém, a obra não rendeu subsídios financeiros para sua construção (MOREIRA, NASCIMENTO e ABDALLA, 2008, p.86).

Em 1944, foi inaugurada a nova sede do Grupo Escolar 19 de Março, localizada na Praça São Sebastião, centro da cidade. E, em homenagem ao prefeito, este teve seu nome substituído para Grupo Escolar José de Arimathéia e Silva, retornando à sua denominação original um ano após o fim de sua administração.

Pela falta de espaço físico, o município emprestou o Grupo Escolar 19 de Março para sediar o curso ginasial.

Em 09 de dezembro de 1949 foi fundado o Ginásio de Inhumas, mantido pelo CNEG (Campanha Nacional de Educandários Gratuitos).

Contribuíram para o funcionamento deste: o prefeito Sebastião de Almeida Guerra; o Sr. Bolívar Leão, que atuava como tesoureiro; o Sr. Geraldo Reis (Ladico) como membro ativo da comissão; e de maneira especial Walter Guerra, filho do prefeito e mentor do projeto, este que trouxe em mãos os recursos financeiros necessários para a estruturação da unidade; entre outros, que buscavam alternativas para a consolidação do mesmo (idem, p. 86).

Iniciado com o curso ginasial, com o tempo foram-lhe acrescidos o curso científico e o de magistério. Privilegiado, o Ginásio de Inhumas sempre teve ótimos professores, com qualidade de ensino nunca igualada por outra escola da cidade.

De um convênio firmado entre a Administração Nelo Balestra, o Governo Mauro Borges e o Fundo de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) originou o (CTM) Centro de Treinamento do Magistério de Inhumas, inaugurado de 12 de agosto de 1963, com a presença do ministro da Educação Darci Ribeiro. De acordo com Jamil Miguel o objetivo do CTM era

[...] capacitar professores para o exercício da supervisão de Ensino nas escolas primárias, ou seja, da 1ª a 4ª série da fase inicial. Ali foram implantados métodos e técnicas que revolucionaram o então arcaico processo ensino-aprendizagem (MIGUEL, 2003, p.183).

O apogeu da educação deu-se com a inauguração do Centro de Treinamento do Magistério. Na época, estava prefeito da cidade de Inhumas Nelo Egídio Balestra e na parte

diretiva da Instituição, a Professora Sônia Seabra e como Delegada de Ensino Maria Baptista Pereira.

Movidos pelo centro de formação, inúmeras pessoas, provenientes de vários estados, migravam para Inhumas, objetivando aperfeiçoamento e capacitação pedagógica.

O ensino privado em Inhumas foi incrementado pela primeira unidade particular de nível fundamental: o Educandário Rui Barbosa de propriedade do casal José Barbosa e Dona Eleonor; o Educandário Nossa Senhora do Rosário, criado em 1960. Posteriormente, em meados da década de 1970, foi fundada a Escolinha da Mônica, de propriedade de Joiza Camilo. O nome é de uma personagem criada por Maurício de Sousa, desenhista de história em quadrinhos para crianças.

Na mesma época do Colégio de Inhumas e do Instituto de Educação havia mais três escolas de nível médio na cidade: Colégio Rui Barbosa, Colégio Rio Branco e Colégio 19 de Março, que dos três somente o primeiro continua até na atualidade, com o nome de Colégio Estadual Rui Barbosa.

Fatores de progresso estiveram simbolizados e presentes em Inhumas:

Através da criação do Ginásio de Inhumas e da Escola Técnica de Comércio Lucca Pacciolo (Instituto de Educação em 1957), este ministrava os cursos básico e técnico de comércio que veio possibilitar aos concluintes do quarto ano primário a continuação de seus estudos. Esta unidade escolar foi fundada pelo Professor Joaquim de Sousa Duarte e pelo fazendeiro Miguel da Cunha Medeiros (MOREIRA, NASCIMENTO e ABDALLA, 2008, p.92).

Atualmente, encontram-se vinculadas ao município inúmeras unidades educacionais do ensino básico aos centros universitários, ensino público municipal, estadual, federal e também privado.

Do ensino público municipal encontram-se 13 escolas urbanas e 6 escolas rurais, do ensino infantil até o ensino médio. Neles estão inseridos 386 professores, dos quais somente 20% não são graduados, contando com mais ou menos 5.000 alunos, todos estes atendidos pela rede municipal de ensino.

O ensino público estadual é servido pelo ensino fundamental (1ª e 2ª fase), ensino médio (1ª, 2ª e 3ª etapa) e também pelo ensino especial. No total são 11 escolas, e 252 professores da rede estadual.

No ensino privado, há 14 escolas, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental (1ª e 2ª etapa) e Ensino Médio.

No nível universitário, a cidade conta com a UEG: (Universidade Estadual de Goiás), que oferece os cursos de Letras e Pedagogia (regulares), Pedagogia (parcelada) e o

curso de Pós-graduação em Docência Universitária; a Faculdade de Inhumas (FacMais), com os cursos de administração, Ciências Contábeis e Enfermagem.

O Instituto Federal de Goiás oferece além do curso em nível médio, dois cursos de nível superior: Bacharelado em Informática e Licenciatura em Química.

Inhumas conta ainda com outros pólos e centros integrados de aprendizagem como UFG, UNIP, UNI-Anhanguera.

No campo educacional, pode-se dizer que, hoje, Inhumas se destaca, pois encontram-se vinculadas ao município inúmeras unidades educacionais, do ensino básico aos centros universitários.

Por ser o objetivo deste trabalho o conhecimento das sensibilidades, que são representadas por sentimentos e emoções, foram feitas entrevistas com diversos professores de colégios da rede estadual. Dessa forma, no item seguinte procura-se mostrar a proposta pedagógica, bem como as instalações físicas das aqui denominadas "escolas-campo".

### **1.2.1 - As Escolas – campo**

As pesquisas e as entrevistas para a elaboração deste trabalho, foram realizadas no Colégio Estadual Rui Barbosa e Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula.

#### **1.2.1.1 – Colégio Estadual Rui Barbosa**



**Foto 06** – Colégio Estadual Rui Barbosa - 2010

**Fonte:** Edyssa Dornelas

O Colégio Estadual Rui Barbosa encontra-se situado a Rua Pedro Roriz S/Nº, no setor Central da cidade de Inhumas, Estado de Goiás. Foi fundado na década de 60 (sessenta), com localização na rua Dr. Antônio Balduino nº 1577, Centro, e funcionava como escola de iniciativa privada, onde eram ministrados os cursos primário e ginásial.

Posteriormente, foi transferido para um prédio alugado, situado na Rua Presidente Kennedy s/n, centro, continuando na iniciativa privada até 1971.

De 1972 a 1975, a escola funcionou em regime de convênio parcial com a secretaria Estadual de Educação, a partir de 1976 o convênio foi transformado em total até 1982.

Em 1983, foi criado o Colégio Estadual Rui Barbosa no endereço atual através da lei nº 9.977 de 14 de janeiro de 1986.

A atual denominação da escola se deu com a lei nº 9383 de 14-11-83 e a Resolução da Portaria de nº 25 de 21-12-85 que autorizou o funcionamento dos cursos, de Ensino Fundamental de 1ª a 8ª séries e o ensino Médio na Habilitação de Magistério. O Ensino Médio de Magistério foi excluído no ano de 2002, curso que foi reconhecido pela Portaria 197/2000 até ano de 2002. A resolução 119/2004 validou a Renovação de reconhecimento referente ao ensino fundamental de 1ª a 8ª série até dezembro 2003.

Em 2004 foi implantado o curso de Jovens e Adultos referente ao ensino fundamental segundo segmento, com a Portaria 6616/2004 e em 2004, através da Portaria nº.3216/2004 foi autorizado, por período de 4 anos letivos a partir de 2002, a ministrar a Educação de Jovens e Adultos no nível de ensino médio.

A Resolução 186/2004 no art. 1º autoriza a ampliação da duração no Ensino Fundamental de 8 para 9 anos, do Sistema Educativo do Estado de Goiás, com matrículas a partir de 6 anos de idade a vigorar a partir de 2006.

No ano de 2005, a Resolução CEE N.º.142 autoriza a renovação dos atos autorizatórios com conseqüente validação dos atos pedagógicos regulares, modalidade de ensino de 1ª a 8ª série.

Atualmente, funciona atendendo os cursos do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, no período matutino e no vespertino. No turno noturno funciona a EJA – Ensino Médio. O colégio atendeu, durante o ano letivo de 2009, 24 (vinte e quatro) turmas distribuídas em 10 (dez) salas de aulas nos turnos matutino e vespertino, e quatro turmas no turno noturno. Percebe-se entre os alunos uma acentuada falta de ética, de compromisso, de uma postura em relação às questões morais, de respeito consigo e com o próximo e um despertar de uma sexualidade precoce.

Devido à boa conceituação que o Colégio Estadual Rui Barbosa tem por parte da comunidade, é grande a demanda por vagas. A escola no ano de 2009 contou com uma

clientela de 800 (oitocentos) alunos aproximadamente e 60 (sessenta) funcionários que, em sua maioria são qualificados em nível superior para desempenhar suas respectivas funções.

O Colégio Estadual Rui Barbosa é hoje uma instituição escolar reconhecida pela sociedade inhumense, dada a formação pedagógica de seus funcionários, o bom índice de aprendizagem de seus alunos, ao acervo de recursos didático-pedagógico e ainda pelo amplo espaço físico externo que oferece, sendo ainda privilegiado pela sua localização central.

O colégio é mantido com os recursos que recebe através das verbas PROESCOLA I e II e pelo PDDE. Recebe, também o dinheiro do Programa Nacional de Alimentação Escolar para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio – EJA.

A Coordenação de Desenvolvimento e Avaliação/Gerência de Gestão e Avaliação da Rede de Ensino é responsável pela aplicação das Avaliações da Prova Brasil e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) em todas as unidades escolares estaduais e municipais no Estado de Goiás, coordenando o trabalho de logística e a capacitação dos aplicadores das provas. A Prova Brasil e o Saeb são aplicados de 2 (dois) em 2 (dois) anos, em todo o país. Os estudantes fazem provas de Matemática e Língua Portuguesa, com foco em leitura. Além das provas, são aplicados, também, questionários com dados específicos sobre o estudante, o professor, o diretor e a escola. Na última avaliação, a escola ficou com a média 4,5 na Prova Brasil.

Uma das propostas do Projeto Político Pedagógico da escola é a avaliação do processo ensino aprendizagem.

A avaliação é uma das dimensões a serem consideradas ao elaborar um Projeto Político Pedagógico, visto que permite interpretar a realidade para redefinir metas, ações e processos. A avaliação não deve ficar presa às notas ou conceitos. Nela é incorporada a verificação do rendimento escolar do educando. Haverá durante o bimestre no mínimo duas avaliações ou quantas avaliações o professor achar necessário, somando um teto de 8,0 pontos. E a avaliação relacionada ao aspecto qualitativo valerá 2,0 pontos. A avaliação poderá ser através de testes e trabalhos dados pelos professores de cada disciplina (PPP - Rui Barbosa, 2009, p. 71).

A Lei de Diretrizes e Bases enfatiza o processo de Recuperação Paralela para que os resultados aconteçam ao longo do ano letivo.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 12/12/96 estabelece a avaliação contínua e acumulativa do desempenho do aluno, em que os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos.

O Colégio Estadual Rui Barbosa de Inhumas – Goiás, através de reuniões com diretor, coordenadores e professores analisaram e estudaram a Lei e incorporaram no trabalho diário do professor com o educando, prevalecendo neste primeiro momento o maior valor para o quantitativo, mas ficando estabelecido que as notas passassem a

ser somativas, avaliando todo o crescimento do aluno (qualitativo). A recuperação é paralela ao longo do ano letivo (idem, p. 71).

### 1.2.1.2 – Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula



**Foto 07** – Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula – 2010

**Fonte:** Edyssa Dornelas

O Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula foi fundado em 1959, com a denominação de Escola Técnica de Comércio Lucca Paciolo, em homenagem ao italiano considerado “Pai da Contabilidade”. A lei que estabelece sua criação é a Lei 8408 de 19/01/1978.

Em 1985, mudou o endereço e a denominação, passando a chamar-se Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula, com a Lei de criação 9926 de 23/12/1985, Está localizado em prédio próprio situado à Rua Leopoldo de Bulhões, s/n. Vila Santa Maria, Inhumas – Goiás.

O Colégio é mantido pelo Poder Público Estadual e administrado pela Secretaria de Estado da Educação, jurisdicionado à Subsecretaria Regional de Educação de Inhumas.

O Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula é hoje uma instituição escolar reconhecida por toda comunidade inhumense, devido à formação pedagógica de seus funcionários. O corpo docente é composto por vinte e oito professores, todos qualificados por

área, em nível superior. O colégio conta com um bom índice de aprendizagem de seus alunos. Possui amplo espaço físico externo e localização privilegiada.

Durante o ano de 2009 o colégio funcionou com 22 turmas nos turnos matutino, vespertino e noturno, num total de 625 alunos nos três respectivos turnos e um total de 23 pessoas no administrativo.

Para a administração o colégio, recebe as seguintes verbas: PROESCOLA I, PROESCOLA II e PDDE e fornece os seguintes níveis de ensino: Ensino Fundamental (6º ao 9º ano e Correção de Fluxo). Com autorização de funcionamento Nº 103 – de 17.05.79 – C.E.E./GO; Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Fundamental (2ª etapa); Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Médio (3ª etapa). Com portaria 7197 – 10/09/2002 – e reconhecimento nº 3.626/91 de 06/09/91 – SE/GO.

Mostrados alguns aspectos físicos e funcionais das escolas-campo da cidade de Inhumas, faz-se necessário explicitar esse novo conceito no campo de estudos da História Cultural, bem como as práticas no ensino de história, com o objetivo de entender como as sensibilidades são representadas na vida e no cotidiano dos profissionais da educação que foram entrevistados e falaram de seus sentimentos, emoções e sensações.



## CAPÍTULO II

### SENSIBILIDADES E CULTURA ESCOLAR

*As sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem àquele objeto a capturar no passado, a própria energia de vida.*

Sandra Jatahy Pesavento

#### 2.1 – Sensibilidades: base de representações

O termo sensibilidades se encontra no centro das ambições da História Cultural, e se pauta por pesquisar e entender os sentimentos que movem a individualidade de cada ser humano e os grupos sociais em que estão inseridos. E Pesavento assim as define:

*As sensibilidades são representadas pelos sentimentos, emoções e sensações. Elas se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades no espaço construído. Falam do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo imaginário, da cultura e de seu conjunto de significações construído sobre o mundo (PESAVENTO, 2004, p. 6).*

As emoções e os sentimentos são estados psicológicos e reações que têm nomes semelhantes (prazer, tristeza, pena, raiva, cólera, medo, amor) e o comportamento emocional pode ser melhor compreendido pela descrição da situação, dado que as expressões comportamentais, como as faciais, geralmente revelam um coquetel de emoções e sentimentos (DORIN, 1978, p.92).

Os acontecimentos que geram uma reação emocional, geralmente, são inesperados e, após a reação emocional, permanece em um sentimento desencadeado por ela. Existe um grande número de emoções. Estes sentimentos são representados por meio do medo, prazer, amor, ansiedade, frustração, dentre vários outros. É preciso entender como esses sentimentos manifestam e como podem ser identificados na vida das pessoas.

Para entender melhor estes sentimentos, na vida e na prática de cada entrevistado, é importante relatar como estes sentimentos se manifestam e como podem ser caracterizados.

O medo é uma reação emocional que se verifica pela presença ou pelo pressentimento de um perigo eminente. Na maioria das vezes, o medo representa um papel negativo, porque aumenta os movimentos de fuga do indivíduo, isto é, o medo leva as pessoas a fugirem, na maioria dos casos, quando, em certas situações, o positivo seria enfrentá-las. É



*uma forma condicionada de reação emocional desprazerosa, que tem a caracterizá-la, sobretudo a inibição e a insegurança* (idem, p.174).

A angústia é uma combinação de apreensões, incertezas e medos. Pode ser do tipo neurótico ou uma reação do ego ao perigo que, para o indivíduo, significa a situação externa real (idem, p.23).

A raiva é um estado emocional agudo, caracterizado por fortes reações do sistema nervoso autônomo, mormente ao ramo simpático e por respostas musculares de ataque, como defesa ante situações marcadas por agressividade, restrições, frustrações, etc (idem, p.241).

A insegurança é o sentimento de ser incapaz para tomar iniciativas e que é acompanhado de ansiedade (idem, p.145).

Todos os sentimentos relacionados acima foram observados durante as entrevistas e estão presentes na vida dos profissionais, marcando assim seus sentimentos, deixando-os transparecer revelando, por meio deles suas sensibilidades.

Dorin (1978, p.76) diz ainda que a depressão é um estado de desânimo, tristeza, desesperança, costumeiramente associado a sentimentos de culpa e autodesvalorização. Ocorre frequentemente na neurose. Na psicose, ocorre, às vezes, em reações afetivas. É um estado em que a atividade funcional está abaixo do normal

De acordo com a autora Davidoff, a ansiedade pode ser definida como uma emoção caracterizada por sentimentos de previsão de perigo, tensão e aflição e pela vigilância do sistema nervoso simpático. *Embora as pessoas mostrem níveis característicos de ansiedade, as respostas a qualquer evento específico dependem até certo ponto dos pensamentos e das percepções* (DAVIDOFF, 1983, p.442).

A autora observa que, quando não consegue relaxar e se sente ansiosa em tudo, a pessoa se sente muito tensa. Se não dormir bem, por conseguinte, sente-se constantemente cansada e esgotada. A reação é comer coisas quase sem parar e procurar coisas divertidas para fazer. Mas, às vezes, parece não ser possível encontrar qualquer coisa que relaxe ou que seja interessante. Quando a pessoa não gosta de nada, passa grande parte do seu tempo vendo televisão e depois se sente aborrecida por perder tanto tempo. E seus pensamentos acabam voltando ao tópico que a perturba.

É importante lembrar que as pessoas reagem de formas diversas às situações, devido a características pessoais, grau de envolvimento na situação, ou momento pessoal que estejam vivendo. Muitas vezes, uma reação aparentemente inexplicável tem razões muito sérias que até o próprio indivíduo desconhece. E todas essas reações emocionais são muito importantes para o indivíduo e ele deve aprender a conduzi-las para que possa haver um maior equilíbrio no grupo em que ele convive. *Às sensibilidades competem esta espécie de assalto ao mundo*

*cognitivo, pois lidam com as sensações com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais* (PESAVENTO, 2004, p. 1).

Pesavento (2004) afirma que Roland Barthes mostra precisamente a distinção e também o entrelaçamento entre o que ele denomina o *studium e o punctum*:

O *studium* pertence ao campo do saber e da cultura, reenvia ao conjunto de informações e de referências que constitui nossa bagagem de conhecimento adquirido sobre o mundo e que nos permite buscar as razões e as intenções das práticas sociais e das representações construídas sobre a realidade. O *studium* é dedutivo e explicativo da realidade. Já o *punctum* incide sobre as emoções, sobre aquilo que nos toca na relação sensível do eu com o mundo, refere-se ao que emociona, ao que passa pela experiência, pelas sensações. O *punctum* opera como ferida é algo que nos atinge profundamente e frente ao qual não ficamos indiferentes. Mas *studium* e *punctum* convivem, bem certo, são mesmo indissociáveis, uma vez que tudo o que toca o sensível é por sua vez, remetido e inserido à cultura e à esfera de conhecimento científico que cada um porta em si. Contudo, a dimensão deste mundo sensível, que se constrói como espectador e leitor, não se regem por leis, regras ou razões (PESAVENTO, 2004. p.1).

Segundo os autores Woodworth e Marquis, a frustração pode ser definida como dificuldades e obstáculos de pequena monta que aparecem a toda hora. Embora a maioria seja vencida facilmente, dificuldades mais sérias não são raras.

Tudo quanto obstrua o progresso na direção dum alvo que escolhemos, tudo quanto interfira na satisfação dum motivo, constitui obstáculo para nós. A reação mais natural ao encontrar-se um obstáculo é, como já dissemos, aumentar o esforço na direção do alvo (WOODWORTH E MARQUIS, 1997, p. 423)

Os autores afirmam ainda que a palavra frustração pode ser empregada em dois sentidos, essa dualidade provavelmente não causará muita confusão e que por vezes,

[...] frustração se refere a um estímulo, outras vezes a uma reação. Às vezes significa obstáculo invencível, ou malogro na tentativa de vencê-lo; outras vezes, significa a reação do indivíduo ao malogro, reação do indivíduo especialmente quando se trata de reação muito emocional. Pode ser que a pessoa “frustrada” tenha simplesmente sido contrariada em suas tentativas de resolver algum problema; ou, talvez, seja alguém que tenha reagido ao malogro com cólera, preocupação, ansiedade (idem, p. 423).

Pessoas felizes, confiantes, seguras, têm menos tendência a sentir-se perturbadas pela frustração que as pessoas inseguras e tendentes a conservar-se sempre na defensiva. Estes sentimentos são importantes para a análise das sensibilidades e as suas representações.

As sensibilidades se constituem no eixo fundamental por meio das quais as representações sobre o mundo são organizadas e traduzidas em práticas sociais. A representação foi incorporada na História Cultural pelos historiadores Marcel Mauss e Émile

Durkheim, no início do século XX. Eles estudaram as formas integradoras da vida social, construídas pelos homens para manter a coesão do grupo e que propõem como representação do mundo. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Estas sensibilidades são representadas por meio dos sentimentos, das emoções, das sensações de cada indivíduo. Sendo assim elas são representadas.

E neste trabalho o que se busca é recuperar estas sensibilidades para tentar explicar como elas podem agir na prática por meio das representações deixadas pelos profissionais da educação que foram entrevistados, tentar explicar como esta experiência do sensível pode ser relatada por meio das representações. Isso significa lidar com a vida privada, com trajetórias de vida. Conhecer e lidar com o que deixaram transparecer os mais sensíveis de seus sentimentos escondidos. Enfim, não apenas voltar-se para o estudo do ser humano em si, mas pensar como estas sensibilidades são representadas.

Representar é estar no lugar de novo, é um apresentar de novo. É a idéia de presença de uma ausência, formando assim um conceito ambíguo. A representação é uma construção feita a partir de fato, de um acontecimento. Ela envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. Elas se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade (PESAVENTO, 2003, p.40).

A História Cultural tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. A realidade social é dada a ler por meio de representações sociais e as sensibilidades estão na base dessa concepção de mundo. Assim define Pesavento:

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si própria e o mundo (PESAVENTO, 2003, p.42).

As sensibilidades brotam do íntimo de cada indivíduo por meio de suas ações, sentimentos e vão além do conhecimento científico, pois retratam o mais profundo dos sentimentos do ser humano como a forma de ser e de estar em que se traduz em sensações e emoções.

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. Na verdade, poder-se-ia dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou reação em face da realidade. Como forma de ser e estar no mundo, a imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade (PESAVENTO, 2007, p.10).

Segundo Dorin (1978, p. 35), a autoestima é a necessidade de preservar a própria imagem, de evitar a inferioridade, de lutar pela superioridade, de ter amor-próprio. Geralmente aparece como desejo de elogio. Ela é um dos aspectos da consciência do eu. Em psicologia, a autoestima inclui a avaliação subjetiva que uma pessoa faz de si mesma como sendo intrinsecamente positiva ou negativa em algum grau.

A baixa autoestima é o sentimento de se manifesta em pessoas inseguras, criticadas, indecisas, depressivas e que buscam sempre agradar outras pessoas. A autoestima elevada, em contrapartida, é a condição vivida por pessoas que são elogiadas, apoiadas, autoconfiantes, que têm amor próprio, não vivem em conflito e não são ansiosas e inseguras.

A importância da autoestima é consideravelmente grande, pois através dela o indivíduo se identifica com o eu interior e com outras pessoas com as quais se relaciona. Para contribuição da autoestima é importante que seja positiva.

Segundo Statt, é importante a pessoa gostar de si mesma para que possa se controlar melhor. Os psicólogos denominam esse sentimento de autoestima.

Quanto maior a auto-estima, mais a pessoa é ajustada e mais fácil é lidar consigo mesma. Pessoas fanáticas, em geral, têm uma baixa auto-estima, o que é compensado por sentimentos de superioridade em relação a outras pessoas e grupos. As pessoas de elevada auto-estima tendem a ser independentes e felizes com sua auto-imagem. Não necessitam odiar ninguém, nem a si próprias (STATT, 1997, p. 156).

As sensibilidades são representadas também pela percepção colocando-se junto com outras experiências e lembranças. Assim, o indivíduo, pela percepção, organiza as sensações e constrói o mundo qualificado através de valores, emoções e julgamentos. A leitura das sensibilidades é uma espécie de leitura da alma.

A sensibilidade revela a presença do eu como agente e matriz das sensações e sentimentos. Ela começa no indivíduo que, pela reação do sentir, expõe o seu íntimo. Nesta medida, a leitura das sensibilidades é uma espécie de leitura da alma (PESAVENTO, p.13-14).

É normal uma pessoa ter mágoa, tristeza e desapontamento, quando recebe um tratamento péssimo de qualquer pessoa, mas se continua sentindo decepção, tristeza, mágoa pela pessoa que o maltratou, então esta pessoa está ressentida. E ressentimento é sentir novamente.

O ressentimento é o produto direto da repressão da raiva. O ressentido não expressa seus sentimentos ao ofensor, não lhe demonstra seu desapontamento e desgosto e então passa a guardar a raiva, a fim de desferi-la no momento oportuno. O ressentimento é uma expressão

de sensibilidade, daquilo que a pessoa sente. E estas sensibilidades podem ser estudadas e representadas e compor o imaginário social.

Por meio da História Cultural, os historiadores buscam de recuperar o sistema de representações que compõem o imaginário social, que é a capacidade humana e histórica de criar um mundo paralelo de sinais que se coloca no lugar da realidade, uma reflexão sobre as sensibilidades.

Segundo Sandra Pesavento, o imaginário é um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas construíram para si, dando sentido ao mundo.

A idéia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a idéia de se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica (PESAVENTO, 2003, p.43).

Ainda segundo Sandra Pesavento, as sensibilidades capturam as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens foram capazes de dar a si próprios e ao mundo, em cada momento da história.

A autora ainda afirma que *“os homens conseguem traduzir o mundo em razões e sentimentos, pois aprenderam a sentir e a pensar. É através das sensibilidades que indivíduos e grupos se dão a perceber, por meio das emoções e dos sentidos”* (PESAVENTO, 2003, p.57). Para ela as sensibilidades são compreendidas como esse núcleo de percepção e tradução do mundo. Elas são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico.

O estudo das sensibilidades envolve considerar, portanto, os sentimentos, as sensações, as emoções, os valores, análise importante para a História Cultural, que marca a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador, pois, é através da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos e idéias. *“Sensibilidades estas que se exprimem em atos, em ritos em palavras e imagens e nos remetem ao mundo imaginário que os homens produzem em todos os tempos.”* (PESAVENTO, 2003, p.58).

Sensibilidade é um sentimento que também pode ser compartilhado e é social e histórico. É por meio da experiência histórica que os homens aprendem a sentir e a pensar, traduzindo o mundo em razões e sentimentos.

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir

o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção do mundo social, na sua relação com o outro (PESAVENTO, 2007, p.14).

Por meio da história cultural se têm resgatado as sensibilidades do passado, as marcas que ficaram nos materiais de artes, literatura e arquivos. Marcas estas que foram deixadas pelo homem, traços do mundo sensível de outra época.

E o historiador faz aqui um papel muito importante para a cultura de hoje, uma grande tarefa. Ele faz o passado existir no presente, realizando uma tradução daquilo que foi encontrado. Verificando seus indícios, o historiador traz uma concepção epistemológica para a compreensão da história.

Mas, como o historiador pode entender os marcos de um passado distante, um passado que ele não viveu? É aí que entra a tarefa da hermenêutica, de ultrapassar a distância temporal e cultural do passado, buscar no estranhamento do passado os sentidos e as motivações ocultas no tempo. Este é o grande desafio da história cultural: compreender o passado no tempo presente, tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de outro tempo pelos rastros que deixou. As sensibilidades estão presentes na formulação imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos

[...] as tais representações construídas no tempo, sejam aquelas dos homens do passado, sejam as dos historiadores do presente, não são verdadeiras nem falsas, mas sim registros sensíveis de uma percepção do mundo (PESAVENTO, 2007, p.17).

As sensibilidades constituem-se como a expressão da “energia da vida”, em que as sensações armazenadas na memória possibilitam uma releitura, uma evocação de uma experiência já escoada fazendo com que a vigor do passado ressurgisse novamente. Constituem-se como uma força onipresente, pois se encontram implícitas nas construções mentais do universo humano em todos os tempos. No entanto, é importante frisar que isso não significa resgatar as mesmas sensações, as mesmas emoções já idas, e sim compreender a intensidade das experiências acontecidas, entender a força sensível inclusa em cada fato. Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de outro tempo pelos rastros que deixou.

[...] As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social... Seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentimentos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida, a enargheia, de que nos fala Carlo Ginzburg... (PESAVENTO, 2004, p.2).

Segundo o autor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, como todo sentimento, a saudade é também um produto de uma dada sensibilidade que é construída socialmente. E assim a conceitua:

[...] saudade é uma palavra que recobre diferentes práticas, sensações, estados de espírito e que pertence apenas a alguns povos, os que podem pronunciar esta palavra e com ela expressar uma dada situação, um dado pedaço de tempo que quer reter e guardar como significativo, como constituinte de seu próprio ser (ALBUQUERQUE, 2006, p. 139).

Nesse sentido, a saudade é constatação de ausência e morte, bem como esperança de presença e ressurreição.

O saudosismo parece nascer da garantia diante da sucessão das novidades, como fruto da insegurança na presença de novas estruturas sociais que vêm substituir a antiga ordem, destruindo os lugares e as hierarquias sociais já estabelecidos.

Segundo o autor Albuquerque, a reflexão sobre a saudade sempre trouxe como corolário uma reflexão sobre a relação dos homens com o tempo. A história teria a mesma capacidade que a saudade de tornar presente o que é passado, de reviver o mesmo sentimento e a mesma emoção que foram sentidos em outros momentos. Saudade e história nos transportam para o passado, se apoderam de nós e nos fazem ser outros, compreender os outros que estão para além do rio da morte. Saudade e história seriam diálogos como os mortos. Saudade e história seriam essa ausência atenta de nós mesmos. Saudade e história seriam corridas em busca da origem, o encontro com a nossa própria promessa, com o fio perdido de nós mesmos, o reconhecimento do nosso rosto feliz que havia sido esquecido.

Saudade e história são, pois, a luta incessante contra o esquecimento. A saudade permite o acesso a uma das dimensões do tempo. O tempo e o espaço são as categorias centrais que definem nossa experiência terrena e corporal. Albuquerque diz que

[...] a saudade seria, portanto, uma atitude existencial, uma forma de viver o tempo e de se relacionar com a vida, uma forma de reação ao caráter passageiro e efêmero do existir humano e das ações que pratica. A saudade estaria instalada no coração do tempo de Freyre, viver temporalmente é viver saudoso, pois é viver sabendo que tudo que vive passa, que os melhores momentos já estão sempre se tornando passado (ALBUQUERQUE, 2006, p.135).

Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. Os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, permitem ir além da lacuna, do vazio, do silêncio.

O mundo do sensível é difícil de ser quantificado, mas é fundamental que seja buscado e avaliado pela História Cultural. As sensibilidades estão presentes na formulação

imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos. A rigor, a preocupação com as sensibilidades da História Cultural trouxe para os domínios da Clio a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.

As sensibilidades seriam, pois as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos.

O *Gap* entre o tempo do historiador e o tempo do acontecido impõe o passado como um outro que desafia e oculta seus sentidos. Ao estabelecer os marcos destes filtros do passado, é que a atividade do historiador se constrói como uma tarefa hermenêutica.

Não há, pois, como deixar de ter em conta aquilo que é próprio da história: o fato de que as respostas construídas sobre o tempo escoado são sempre provisórias, cumulativas, parciais, datadas, prováveis e que o historiador busca tornar sempre o mais possível, verossímil e convincente. Ao estabelecer os marcos destes filtros do passado, é que a atividade do historiador se constrói como uma tarefa hermenêutica, debate este que remonta ao século XIX (PESAVENTO, 2004, p.3).

O conhecimento do passado é sempre indireto, tateio de aproximação com uma ausência e uma lacuna que se quer preencher. Mesmo que se admita que a História seja uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, não só pelo método, mas, sobretudo, pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado, onde os homens sentiam e agiam de forma diferente.

O olhar-detetive do historiador da cultura interpretará tais sinais, estabelecendo nexos e relações para tentar chegar ao tal mundo do passado onde os homens falavam, amavam e morriam por outras razões e sentimentos. Sensibilidades remetem ao mundo imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construídas sobre o mundo.

Ora, sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação (idem, 2004, p. 5).

O estudo das sensibilidades envolve considerar, os sentimentos, as emoções, os valores, como são avaliadas pela História Cultural, como se expressam na vida e no cotidiano das pessoas, como podem ser vistas e analisadas como fonte de estudos.



Estudar sensibilidades é um grande desafio. Desafio este que pode deixar no pesquisador mais dúvidas do que certezas, por se tratar dos sentimentos, das emoções que estão no mais íntimo de cada ser humano. Neste trabalho, só por meio deste estudo é que foi possível verificar sentimentos como a auto-estima, a insegurança, a angústia, o medo e a tristeza. Todos esses sentimentos estão presentes na vida dos profissionais entrevistados, devido às pressões diárias, à falta de comprometimento por parte dos alunos, o desinteresse das famílias, a desvalorização da classe e também pela baixa remuneração. Esta leva muitos ou, por assim dizer, todos a uma jornada exaustiva de trabalho, com uma carga horária em dobro, para recompensar a baixa remuneração.

A educação, ainda é o caminho para a inserção do indivíduo à sociedade. Por meio da educação, profissionais levam seus alunos a um futuro de conhecimentos e de novas oportunidades, qualificando-os e ampliando suas conquistas profissionais. Para que os educandos possam chegar a conquistar todas essas qualificações, é necessário que os professores façam o trabalho da transposição didática. Processo este que, estabelece, entre professores e alunos, o trânsito do saber acadêmico ao saber ensinado, visando a uma educação de qualidade e aquisição de competência.

Para compreender esse papel da escola e do professor e de sua importância dentro do processo de ensino aprendizagem, de socializar o ser humano para ele próprio não se autodestruir, faz-se necessário discorrer em pouco sobre a cultura escolar.

## CAPÍTULO III

### SENSIBILIDADES E PRÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

*Uma lei, quando aprovada, tem um poder fático. Ela é um fato que se impõe, pela democracia representativa, em um Estado democrático de direito. Nessa medida, ela instituiu-se como um campo de referência, de significação e de obrigação.*

Carlos R. J. Cury

#### 3.1 – As Normas Reguladoras e o Ensino de História

Nas últimas décadas, as transformações processadas na sociedade, especialmente no cotidiano escolar, aliadas às mudanças historiográficas e à introdução de novas concepções do ensino-aprendizagem, impuseram uma nova regulamentação dos sistemas educativos a partir da criação de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB-1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's-1997-1998). A respeito das mudanças curriculares, Circe Bittencourt afirma:

As mudanças curriculares devem atender a uma articulação entre os fundamentos conceituais históricos, provenientes da ciência de referência, e as transformações pelas quais a sociedade tem passado, em especial as que se referem às novas gerações (...) diversidade cultural, problemas de identidade social e questões sobre as formas de apreensão e domínio das informações impostas pelos jovens formados pela mídia, com novas perspectivas e formas de comunicação, tem provocado mudanças no ato de conhecer e apreender o social (BITTENCOURT, 2004, p.134).

O direito à educação que, como já se afirmou no capítulo anterior, é um direito universal do homem, é tratado na Lei 9394/96 (LDB) no artigo 4º, inciso 1º: “*Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria*”. Assim, a LDB garante a todos os brasileiros ensino fundamental gratuito e o direito à educação, à formação plena como cidadão.

Neste trabalho, pretende-se destacar em que as determinações legais para o ensino fundamental de história são investigadas por meio das sensibilidades, sentimentos que estão na base das representações que os profissionais de história têm sobre o processo regulador, sobre si mesmos e sobre a própria história. Envolve, portanto, o arrolar das pistas indicadas para uma análise do processo de formação do profissional da área, a organização e a sistematização das leis reguladoras para o ensino de história.

Considerando-se que as sensibilidades estão na base das representações sobre o mundo profissional dos professores e influenciam indireta e diretamente na forma como a legislação é aplicada, é importante identificar os sentimentos e motivações dos atores sociais

envolvidos no ensino de história, para que se possa compreender as representações e práticas a ele relacionadas.

As leis de regulamentação, tanto da LDB como das matrizes curriculares, servem de suporte para orientação e fundamentação do ensino fundamental em nosso país e Estado, assim, busca-se entender como essas leis que regem o ensino influenciaram os profissionais da educação. E ainda, por meio da análise das entrevistas com os profissionais da área de história em Inhumas, identificar as sensibilidades pela recepção em materialidades, ou melhor, nas ações concretas que expressam seus sentimentos em relação às leis indicadas.

A necessidade de adequar o ensino das diversas áreas, levou profissionais da área de história a considerar as mudanças nos métodos de ensino. Nas décadas de 1980 e 1990, professores e especialistas das universidades locais, juntamente com professores estaduais e a rede de ensino de Goiás, levantaram uma discussão acerca de conteúdos abordados da área e ensinados nas escolas. Este trabalho resultou na reformulação do PCM (Programa Curricular Mínimo) que havia sido publicado na década de 1980 e reeditado no ano de 1995. Por muito tempo este documento serviu de referência ao trabalho dos professores nas aulas de História do ensino fundamental. O objetivo do PCM, documento oficial, seria promover as discussões e possibilidades de se usarem novas fontes nas aulas, criticarem tanto o livro didático quanto os materiais didáticos utilizados.

Foi pensando em todas as dificuldades que elaboramos a proposta de reformulação do currículo de História para a 2ª fase do 1º Grau. O que propomos é, antes de tudo, uma nova visão da própria disciplina: ao invés do estudo do passado, da sequência de fatos, datas e nomes, entendemos que o objetivo da História nos currículos escolares é levar o aluno a situar-se como sujeito do processo histórico. A História, nesta visão, é que possibilita a formação do cidadão consciente de suas funções sociais, atuando criticamente no meio em que vive (PCM, 1995, p.11-12).

O PCM ainda sugeriu a metodologia a ser trabalhada de acordo com os programas.

A metodologia de ensino sugerida junto aos programas, de acordo com a proposta, respeita o caráter dinâmico da Ciência da História, devendo ser essencialmente ativa. Acreditamos que a construção do conhecimento é feita pelo próprio aluno, sob a supervisão do professor. Assim, além dos conteúdos de História propriamente ditos, cabe também ao professor cuidar das formas de expressão do aluno – oral e escrita, e das leituras, essenciais para a compreensão do processo histórico. Da mesma forma, as noções de espaço e tempo, devem ser exaustivamente trabalhadas pelo uso de mapas e linhas de tempo, sem o que a História torna-se algo vago, alguma coisa de contornos imprecisos que ocorrem num tempo longínquo e que não nos diz respeito (idem, p.12).

Em 1996, surgem então os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) em versão preliminar, com a finalidade de auxiliar os professores em cada região do país. Também em 1996, foi concluída a nova LDB (Lei de diretrizes e Bases da Educação) As anteriores foram consideradas obsoletas. A Lei 9394/96, LDB, foi sancionada pelo Presidente Fernando

Henrique Cardoso e pelo Ministro da Educação Paulo Renato. Baseada no princípio do direito universal da educação para todos, a LDB de 1996 trouxe diversas mudanças em relação às leis anteriores. Ela expressa a política e o planejamento educacionais do país. São diretrizes embasadas na Constituição Federal, cujo Art. 3º define que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- ❖ igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- ❖ liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- ❖ gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- ❖ valorização dos profissionais do ensino, garantidos, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; dentre outros (Art. 3º Lei Nº 9.394 -96).

Em 1998, os PCN's tornaram-se documento oficial definitivo. Eles foram criados pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), para ajudar o professor a ampliar o horizonte de seus alunos, preparando-os para um mundo competitivo. Com tantas mudanças tecnológicas e novos assuntos debatidos pela sociedade, como ecologia, direitos do cidadão, educação sexual, ética na política e na vida pública, racismo e tantos outros, o currículo ficou defasado. Se o mercado de trabalho mudou, se a forma como a sociedade encarava alguns temas vinha se transformando, o ensino na sala de aula também precisava se atualizar. Os PCN's apresentaram idéias de como trazer esse mundo novo para as salas de aulas, dicas e exemplos práticos de como adaptar as propostas ao dia-a-dia profissional.

O texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais tenta dar uma resposta sobre o que da nossa cultura, da nossa memória é mais adequado transmitir às novas gerações que frequentam as escolas nas diferentes realidades socioculturais do Brasil. A diretriz apontada reforça a preocupação com a inclusão da diversidade cultural no currículo de história. Isso pode ser apreendido no conjunto do texto curricular, especialmente em alguns dos objetivos gerais para o ensino de história.

Os alunos deverão ser capazes de:

- conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas e políticas reconhecendo diferenças e semelhanças entre eles;
- reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas presentes em sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;

- valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como elemento de fortalecimento da democracia.

Neles ainda se encontram todas as áreas de conhecimento e também os chamados temas transversais, que são: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual e Trabalho e Consumo. Não se tratava de incluir novas matérias, mas de abordar assuntos que deveriam atravessar todas as disciplinas, nos quais o professor pudesse criar espaços para que crianças e adolescentes discutissem e opinassem sobre tais fatos. Com isso, pretende criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Essa regulamentação, segundo seus defensores, não teve assim a intenção de produzir um currículo único em todo país, mas servir como referência em conteúdos e metodologias de ensino, numa tentativa de diminuir as diferenças encontradas no ensino brasileiro. É importante frisar que os Parâmetros não se configuram numa proposta curricular fechada a ser seguida por todos. De acordo com os PCN's,

A renovação e reelaboração da proposta curricular reforçam a importância de que cada escola formule seu projeto educacional, compartilhado por toda a equipe, para que a melhoria da qualidade da educação resulte da co-responsabilidade entre todos os educadores. [...] Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional [...] Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo (PCN's introdução, p.7,10).

Os responsáveis pela elaboração dos PCN's, professores especialistas vinculados ao magistério superior, deixaram explícita a concepção da área no Brasil. Entretanto, cada Estado deveria discutir e elaborar a sua proposta para o ensino fundamental. Em Goiás, passou a ser debatido entre professores e especialistas da rede estadual, que aderiram às propostas e também aos temas transversais (Currículo em Debate, Caderno 3, p.85).

Para garantir a permanência do aluno e a qualidade do ensino a SEE (Secretaria de Estado da Educação) colocava como meta a proposta de Reorientação Curricular na segunda fase do ensino fundamental. Seu objetivo eram as ações que rompessem com a cultura de evasão e repetência favorecendo um trabalho pedagógico com habilidades, conteúdos significativos dos quais os jovens deveriam se apropriar até o final do ciclo de ensino. Com essas ações, esperava-se a melhoria no desempenho dos alunos e dos professores, que certamente, dariam um salto qualitativo no desenvolvimento de suas competências (Currículo em Debate, Caderno 1, p.7).

Em 2.004 foram realizadas várias oficinas pedagógicas por áreas de conhecimento, com a participação de escolas, subsecretarias e SEF (Superintendência de Ensino Fundamental), com assessoria do CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária). Para aprofundar os estudos e reflexões sobre a reorientação curricular, foram coletados e analisados vários dados e relatos levantados em (38) trinta e oito unidades escolares em Goiás, consideradas escolas-pesquisa (Currículo em Debate, Caderno 1, p.8). O objetivo era oferecer subsídios para o fortalecimento do trabalho pedagógico e melhoria da qualidade das aulas, como também para a organização e orientação de grupos de estudos. Com estas, pretendia-se criar na escola uma cultura de formação e beneficiar, assim, todos os professores e alunos da segunda fase do Ensino Fundamental da rede pública do Estado. Neste processo, ampliou-se o ensino Fundamental para (9) nove anos, tendo como fundamento o ensino por “competências e habilidades”. As “competências” deveriam orientar a seleção dos componentes curriculares do Ensino Fundamental e os conteúdos deveriam favorecer o desenvolvimento de habilidades como o conjunto formado por “saberes” e “competências específicas”.

A proposta de reorientação curricular realizada pelos educadores de Goiás veio mediante ações de caráter político pedagógico, de uma metodologia adequada e de um embasamento teórico bem definido para discutir as prioridades da educação no Estado. Coube aos gestores e professores promoverem, no espaço escolar, ações que garantissem o sucesso deste processo tais como: grupos de estudos por área do conhecimento e planejamento de suas atividades docentes. O Estado deveria assegurar e garantir estas discussões para que o currículo fosse construído com significado tanto para professores como para o educando. Só assim a qualidade educacional seria garantida e a escola cumpriria sua autonomia na construção de um currículo vivo, eficaz e capaz de atender os anseios da comunidade escolar com conteúdos e expectativas de ensino e aprendizagem necessários à formação cultural de jovens e adolescentes.

O Estado de Goiás, no âmbito de Políticas Públicas, buscou, junto com os professores, coordenadores pedagógicos e gestores, direcionar as ações educativas. A partir de algumas ações, entre as quais o processo de formação continuada, para que os educadores se apropriassem de conhecimentos não somente na sua área, mas que tivessem contato com todas as produções e pesquisas no campo educacional. A reorientação curricular proporcionaria aos profissionais nos seus grupos de discussão adquirir conhecimentos necessários para refletirem sobre as suas práticas pedagógicas, com isso se esperava que ocorressem mudanças de paradigmas. Neste sentido, fizeram-se mister os trabalhos teóricos para que os educadores adquirissem conhecimentos básicos para a construção de um currículo

vivo eficaz, que atendesse às novas orientações pedagógicas, efetivando-as tanto para os educadores quanto aos seus alunos na construção do ensino e aprendizagem. A formação é uma necessidade social e pessoal do profissional, ela é histórica na educação goiana e na construção da identidade profissional. A formação continuada em serviço buscaria atender as exigências contidas na legislação, visando o fortalecimento da democracia no espaço escolar.

Durante o processo de formação continuada dos profissionais da educação, fez-se necessário proporcionar atividades variadas, relacionadas à prática. Diante dessa necessidade é que foram elaborados os Cadernos de Apoio Pedagógico com propostas de integração de saberes entre as diversas áreas do conhecimento, de forma interdisciplinar e transversal. Esses cadernos serviriam de apoio para o processo de formação continuada dos professores como para o trabalho pedagógico individual e coletivo desses profissionais, em sua prática docente (Currículo em Debate, Caderno 5, p.8).

As matrizes de habilidades, apresentadas pela SEE do Estado de Goiás, passaram ser utilizadas no planejamento anual de 2.008 nas escolas públicas do Estado e também nos planejamentos diários, com o acompanhamento dos coordenadores da escola sob a orientação das duplas pedagógicas das subsecretarias de ensino que fazem o acompanhamento desse trabalho. Por outro lado, é preciso assinalar que, nas escolas públicas do Estado de Goiás, desde o ano de 2004, vem-se planejando, trabalhando para a implantação das matrizes curriculares. Assim, pode-se dizer que o trabalho de implantação ocorreu ao longo de todos estes anos. Para a conclusão do trabalho de implantação das matrizes, foram elaborados vários cadernos para auxiliar e ajudar não só o professor, mas também a todos os funcionários ligados à educação. Em Inhumas, esse trabalho chegou por meio da subsecretaria de ensino, que promovia encontros para a capacitação de professores e outras pessoas ligadas à educação. Vários encontros foram realizados nestes últimos anos, com o objetivo de treinar e qualificar todos os profissionais.

Na área de História, a proposta curricular pautou-se por preocupações e compromissos com o sentido da História ensinada em Goiás, pela responsabilidade do ensino da leitura e produção de textos como elementos fundamentais para a compreensão do processo histórico em sua complexidade e integração do indivíduo nos diversos círculos sociais, inclusive, no mundo do trabalho. A concepção de História encontra-se nas propostas curriculares que foram selecionadas e organizadas por professores especialistas, convidados pelo MEC e Secretarias Estaduais de Educação, em parceria com profissionais que atuam na rede do sexto ao nono ano, os quais definiram e organizaram os programas curriculares nas áreas específicas. O estudo do processo histórico a partir das atividades humanas que, durante muito tempo, os historiadores entendiam como histórias de heróis, atualmente é considerado

como tradicional e superado. Hoje não se pode perder de vista uma multiplicidade da compreensão da história com relação às ações humanas, envolvendo análises regionais acerca da localidade, identidade e cultura das populações.

Os conteúdos de História, propostos nos PCN's para o ensino fundamental, foram constituídos a partir da história do cotidiano da criança integrada a um contexto mais amplo que incluía os contextos históricos. Foram escolhidos, a partir da ideia de que conhecer as muitas histórias de outros tempos, relacionadas aos espaços em que vivem e de outros espaços, possibilita aos alunos compreenderem a si mesmos e a vida coletiva de que fazem parte. A predominância está voltada para as histórias sociais e culturais, sem excluir as questões políticas e econômicas (PCN's, 1.997, p.44).

A autora Selva Guimarães Fonseca afirma que o objetivo do saber histórico escolar é constituído de tradições, idéias, símbolos e significados que dão sentido às diferentes experiências históricas.

O professor de história, num determinado contexto escolar, com sua maneira própria de agir, ser, viver e ensinar transforma um conjunto de conhecimentos históricos em saberes efetivamente ensináveis e faz com que os alunos não só compreendam, mas assimilem e incorporem esses ensinamentos de variadas formas. No espaço da sala de aula, é possível o professor de história fazer emergir o plural, a memória daqueles que tradicionalmente não tem direito à **história**, unindo os fios do presente e do passado, num processo ativo de desalienação. Mas também pode, inconsciente ou deliberadamente, operar o contrário, apenas perpetuando mitos e estereótipos da memória dominante (FONSECA, 2003, p. 35).

Paralelamente a essas mudanças, ocorreram também novos estudos no âmbito das ciências pedagógicas, especialmente no campo da psicologia cognitiva e social, que também influenciaram a nova LDB e os PCN's, no que se refere aos métodos e objetivos do ensino de história. Difundiram-se estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem nos quais os alunos eram considerados como participantes ativos do processo de construção. Uma perspectiva que, para o ensino de história, significa valorizar atitudes ativas do sujeito como construtor de uma história e do conhecimento, em consonância com a visão de alguns educadores sobre propostas pedagógicas construtivistas.

Fonseca (2003) argumenta que, se o objetivo das instituições escolares é promover o acesso de todos os homens aos bens culturais, a pergunta que os educadores do mundo inteiro têm feito, com palavras diferentes, é a seguinte: que conteúdos curriculares são adequados e aceitos nessa escolaridade comum destinada a uma base social tão heterogênea? Em outras palavras, quais os elementos da cultura que devem ser transmitidos? Como realizar uma seleção de conhecimentos “representativa” dos diversos setores e visões sociais que respeite e



valorize as diferenças culturais dos alunos? Quais conteúdos e práticas escolares devem desenvolver para que as minorias culturais se sintam acolhidas?

Existe uma grande disputa teórica e política em torno dos processos de elaboração de currículos, especialmente de história. Permanentemente se está indagando: o que da cultura, da memória, da experiência humana deve-se ensinar e transmitir aos homens em nossas aulas de história? O que e como ensinar nas aulas de história? Para quê? Por quê?

Recorrendo ao texto da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, encontra-se uma resposta. Em forma de diretrizes, o documento expressa o que da cultura e da história o Estado brasileiro considera, hoje, necessário e adequado transmitir aos alunos nas aulas de história. Assim, de acordo com a LDB,

Art.26 – Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Parágrafo 4º - O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e européia.

Buscava-se assim, uma educação que respeitasse a diversidade, assim como as múltiplas culturas, apreendendo as semelhanças e as diferenças. Elementos estes fundamentais para o respeito ao outro e a construção da cidadania, concepção que se ampliou com a inclusão no currículo da “História e Cultura Afro-Brasileira”. Através do conhecimento da História do Brasil, considera-se a igualdade e a diversidade, com isso garante-se a aplicabilidade do princípio democrático à educação, sobretudo ao ensino de História com os seus pares e as disciplinas afins. Diante disso, tencionava-se estabelecer a interface e o respeito à diversidade proposta na Lei que enfatiza a importância das especificidades regionais e locais.

Assim, os temas sobre a História de Goiás foram introduzidos no currículo escolar, uma vez que a Lei definiu que o ensino de História enfatizará a História de Goiás, do Brasil, da América Latina e África e levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias.

Para entender as diferentes culturas e etnias, é necessário pensar nas relações de preconceito e identidade na diversidade da sociedade brasileira e valorizar a cultura dos afro-descendentes. Tendo em vista a Proposta de Educação para a Diversidade é que o governo federal criou a Lei Nº- 11.645, de 10 de março de 2.008. Esta altera a Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1.996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, modificada pela Lei Nº

10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelecendo a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na Educação Básica (Ofício Circular, 007/2008).

O ensino de história é importante para a compreensão da identidade local, da memória, do cotidiano do aluno, relacionando-o com a história das outras culturas, levando-o a estabelecerem relação do seu tempo com os outros tempos e espaços, possibilitando-lhe compreender o tempo histórico, o tempo cronológico e o seu espaço de vivência. Não se pode perder a oportunidade de discutir a concepção e o significado do ensino de História no mundo contemporâneo, empreender ações conjuntas que propiciem a interação entre professor e aluno, ensino e aprendizagem, conhecimento e pesquisa.

As leis de regulamentação tanto da LDB como das matrizes curriculares serviram de suporte para orientação e fundamentação do ensino fundamental em nosso país e Estado de Goiás. Por meio das entrevistas realizadas, é possível observar como estas leis que regem o ensino influenciaram os profissionais da educação. Através da análise das entrevistas com os profissionais da área em Inhumas, Goiás, será possível identificar as sensibilidades pela recepção em materialidades, ou melhor, nas ações concretas que expressam seus sentimentos em relação às leis indicadas.

Segundo Sandra Pesavento, as sensibilidades são compreendidas como um núcleo de percepção e tradução do mundo, como é possível observar:

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades competem essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade (2003, p.56).

Assim, o estudo das sensibilidades envolve considerar, portanto, os sentimentos, as sensações, as emoções, os valores, análise importante para a História Cultural, que marca a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador. Pois, através da experiência histórica pessoal é que se resgatam emoções, sentimentos e ideias.

### 3.2 - Sensibilidades e Práticas Escolares

*Quer seja para o arquivamento de experiências, ou para promover entendimento ou explicação de determinadas situações, a história oral deve obedecer a um sentido prático, utilitário e dialogar com a comunicação pública.*

José Carlos Sebe Bom Meihy

A história oral de vida, como o próprio nome indica, trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. O sujeito primordial desse tipo de história é o depoente, que tem maior liberdade para dissertar sobre sua experiência pessoal. Ela é o retrato oficial do depoente. Modernamente, a história oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e é reconhecida como história viva. A base de sua existência é o depoimento gravado. Sem gravação não se pode falar em história oral.

Segundo o autor José Carlos S. Bom Meihy, pode-se dizer que três elementos constituem a condição mínima da história oral: o entrevistador, o entrevistado e aparelhagem de gravação.

Para ele, a história oral é um procedimento pensado com antecipação:

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas. Com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 1998, p.24).

Esse mesmo autor adverte: *"Seria ingênuo pensar que qualquer pessoa despreparada, pelo simples fato de entrevistar alguém, estaria fazendo história oral"* (idem, 1998, p. 23).

De acordo com a autora Selva Guimarães Fonseca,

As narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. Aqui, ganham relevância as vivências e as representações individuais. As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: narrador e pesquisador. A história oral de vida constitui uma possibilidade de transmissão da experiência via narrativas (FONSECA, 1997, p.39).

Para proceder às entrevistas, foram feitos inicialmente os primeiros contatos com os entrevistados para marcar local, data e horário com cada um deles. Assim, as entrevistas

foram realizadas nos locais, horários e dias definidos pelos narradores. A maioria delas foi feita em seu próprio ambiente de trabalho e outras em suas próprias residências.

Por meio das entrevistas, objetivou-se, neste trabalho, conhecer as sensibilidades através do relato pessoal das experiências e vivências, pois como já citado, nas palavras de Pesavento: *"A sensibilidade está no cerne da história cultural, que se propõe a trabalhar com as formas pelas quais os homens, a partir de sua história, representaram a si próprios e ao mundo"*.

A respeito de como fazer história oral de vida de professores, assim observa Fonseca:

Fazer história oral de vida de professores consiste numa tentativa de produzir documentos e interpretações, nos quais os personagens – sujeitos que produziram e ensinaram – explicitam e atribuem diferentes sentidos às suas experiências, mostrando como suas produções, e suas ações profissionais estão intimamente ligadas ao modo pessoal de ser e viver (FONSECA, idem, p.43).

Para proceder às entrevistas, seguiu-se um planejamento, tal como recomendado por Meihy. Dessa forma, na primeira parte da entrevista, cada narrador falava livremente relacionando sua história de vida. Em seguida, o diálogo era direcionado para a formação acadêmica. Quando e onde estudou, se cursou a faculdade, quais os cursos feitos após graduação e quais outros cursos gostariam ainda de fazer. E uma questão levantada, neste ponto foi: por que a opção por história?

Na parte seguinte da entrevista, solicitava-se à pessoa que falasse sobre sua experiência profissional. Quando, como e onde iniciou a carreira como educador e outros trabalhos.

Na sequência o entrevistado falava sobre várias experiências ao longo de seu trabalho como educador, fazendo uma comparação entre o ensino do passado (recente) e o presente. A situação do professor na sala de aula, a realidade de seu trabalho, o que havia mudado, as dificuldades encontradas no dia-a-dia e como resolvê-las. Quais os desafios? Como enfrentá-los?

Na última parte da entrevista, era solicitado à pessoa que falasse do seu conhecimento sobre as normas reguladoras que regem o ensino, PCM, LDB, PCN'S e Matrizes Curriculares. Como estas leis chegaram até a instituição que trabalham, como foram recebidas, sua participação e aplicação destas leis. Para alguns dos entrevistados que trabalhavam na escola que foi polo de experiência para a implantação da Reorientação Curricular, solicitou-se que falassem dessa experiência e como acham que este trabalho de

implantação da reorientação curricular tem contribuído para a melhoria do ensino na sala de aula.

A entrevista era sempre encerrada com um agradecimento. O tempo de duração das entrevistas variou, dependendo da disponibilidade, das condições do ambiente em que estavam sendo realizadas, das interferências.

Depois das entrevistas, foi a etapa de transposição dos discursos orais gravados para o discurso escrito. Como diz Bom Meihy:

A história oral, porém, além de seu valor documental como gravação (que guarda em arquivos a modulação da voz e a situação da entrevista), precisa ser vertida para a linguagem escrita, a fim de facilitar trânsito, reflexão e estudos (MEIHY, 1998, p.30).

É o momento de reviver a experiência, de aprofundar-se no conhecimento do outro, de captar e sentir as angústias, certezas, inseguranças e preocupações; sentimentos estes e outros mais que estão presentes no relato de cada entrevistado. Esse momento exige atenção e sensibilidade.

A opção foi feita pela transcrição integral das fitas, ou seja, todas as intervenções do entrevistador e do narrador, registrando com fidelidade absoluta o que foi dito no encontro.

Com a transcrição pronta e em mãos, novo encontro foi realizado com os entrevistados, para que cada um tomasse conhecimento da mesma e que pudesse assinar a carta de cessão. É só por meio deste documento que se garante a existência pública do depoimento e os direitos de uso da entrevista (gravada ou escrita). Assim define Bom Meihy:

A carta de cessão tem de ser clara, pessoal, feita com cópia registrada em cartório quando se fizer necessário e constando, caso haja, os limites do uso da entrevista (se, além de poder ser ouvida e publicada no todo ou em parte, se pode ou não ser colocada em uso imediatamente ou se deve aguardar prazos neste caso quais). A inclusão (ou não) da entrevista nas páginas da internet também deve ser garantida (MEIHY, 1998, p.37).

As entrevistas foram realizadas no início do mês de setembro e no mês de outubro de 2009, com professores da Rede Estadual de Ensino, todo trabalhando na cidade de Inhumas. Os professores entrevistados são profissionais que têm entre 21 e 24 anos de experiência. Todos cumprem uma carga horária muito grande, além de sala de aula, exercem outras atividades: uma está na coordenação, outra como dinamizadora do laboratório de informática, outra como professora de apoio e outra trabalha também na rede municipal de ensino. Isso contribuiu para enriquecer suas experiências.

Como as entrevistas, em sua maioria, foram realizadas no ambiente de trabalho dos entrevistados, houve alguns momentos de interrupção que dificultaram a entrevista e provocaram a suspensão de algumas falas que, por isso, não foram concluídas.

Neste contato com os professores durante a realização das entrevistas, foi possível perceber as sensibilidades demonstradas por cada um dos entrevistados. Uns demonstraram firmeza, segurança, certeza e convicção. Falaram de suas experiências durante anos de educação, de sua paixão pelo ensino. Enquanto outros demonstraram insegurança, dúvidas, ressentimentos, mágoas, e autoestima baixa, deixando que as emoções aflorassem, acontecendo durante a entrevista várias interrupções acompanhadas de choro; por se sentirem tão sensíveis e estarem profundamente ressentidos, com fatos acontecidos recentemente em seus ambientes de trabalho.

Também relataram suas dificuldades com os alunos, já que não têm compromisso com os estudos e com as famílias não demonstram interesse e nem participação, na maioria dos casos. Ainda relataram a dificuldade que encontram no ambiente escolar, pelo fato de o grupo gestor deixar os professores sem apoio por estar muito preocupado e comprometido com a parte burocrática da unidade escolar, com o compromisso de cumprir com suas obrigações e responsabilidades, e por isso os professores enfrentam dificuldades. Dizem estarem sós nas salas de aula e sem muita solução para os problemas enfrentados na sala de aula, pois, além das dificuldades de aprendizagem que os alunos demonstram no dia-a-dia, têm também as dificuldades que trazem até a escola: dificuldades de ordem comportamental, de socialização, pois muitos vêm com a dificuldade socioeconômica, que obriga a maioria dos pais à trabalhar o dia todo para sustento da casa, deixando seus filhos, muito à mercê da sorte. Estes problemas refletem nas salas de aula e nas mãos dos professores. Como diz a entrevistada 05:

Olha da época que eu comecei para a época atual, quando eu comecei, comecei em uma escola primária, de primeira fase primária. Acho que as dificuldades eram enormes, por ser complexo o processo ensino aprendizagem, porém, naquela época em que comecei, tinha dificuldades como hoje também. No meu ponto de vista, na época em que comecei, as famílias dedicavam mais aos filhos do que hoje (entrevista 5, dia 29/10/2009).

Veja ainda o que diz a entrevistada 01:

O interesse, a participação, responsabilidade, porque quando a gente iniciou aqui há vinte anos atrás o aluno era diferente o professor era visto como uma peça muito importante, e hoje não é assim, se você está ali no corredor ó, se deixar, os meninos passam em cima “da gente” (entrevista 01, dia 01/09/2009).

Outra entrevistada relata que a grande dificuldade hoje está na desvalorização do professor, tanto pelo aluno, quanto pelos pais, família e comunidade:

É realmente está diferente. Porque, como se diz, aos 57 anos eu posso falar, que antigamente nós éramos mais valorizados pelo próprio aluno, pelos pais pela família pela comunidade, hoje o professor ele não é tão valorizado tanto quanto foi e o momento histórico o momento hoje é outro. Estas novas tecnologias, os alunos hoje eles vivem à frente de televisão, de computador... E eles... Chegam à sala de aula eles querem outra coisa, eles não querem aprender o que nós estamos lá para oferecer, eles não estão dando valor a este ensinamento acadêmico não, e tudo isto vem do pouco, do modo de vida que ele tem na família. Então, não é fácil, é diferenciada, a nossa valorização está muito pouca... Por isto que eu digo a gente trabalha mais pelo amor, é diferente de antigamente... Antigamente o professor era mais valorizado, a sociedade dava pela sociedade valorizar mais o professor, o próprio aluno valorizava (entrevista 02, dia 02/09/2009).

Dentro da análise da História Cultural, estudando as sensibilidades, tal como defende Sandra Pesavento, estudar as sensibilidades envolve considerar e os sentimentos e emoções que os professores demonstraram. E, ainda, através da experiência pessoal de cada entrevistado é que se pode resgatar estas emoções, estes sentimentos que são produzidos no cotidiano de cada ser humano.

Estes sentimentos podem ser compartilhados, como se percebe em um determinado momento de uma entrevista, em que a entrevistada demonstra sua ansiedade e preocupação para cumprir com seus compromissos e responsabilidades. Ela declara:

No turno da tarde eu estou acompanhando uma aluna que tem necessidades especiais. Como é? DTH, déficit de atenção, hiperatividade, é uma nova experiência na minha vida, está sendo uma nova experiência na minha vida, não é fácil, mas quando chega à noite que eu vou para a sala de aula, acaba toda angústia, o sofrimento, que às vezes eu passei com a minha aluna (entrevista n°. 02- 02/09/09).

Em outro momento, em outra entrevista, a entrevistada deixa transparecer sua insegurança em relação à sala de aula. Ela diz:

É claro que “a gente” não consegue manter uma sala “caladinha” por trinta minutos. Mas é um desafio para gente. Cada dia que passa, entro na sala, já fico pensando o que é que eu vou fazer para dar para aqueles meninos naquela outra aula (entrevista n°. 01- 01/09/09).

Também com a entrevista n°. 3, ela deixa transparecer sua insegurança quanto aos recursos tecnológicos utilizados hoje nas escolas, destacando a falta de conhecimento, de despreparo por parte do professor, enquanto os alunos estão à frente deles, com isso dificultando o trabalho do professor. Ela declara:

A gente tem muito, esta dificuldade, por quê? Porque hoje nós talvez ainda não estejamos conseguindo alcançar o nosso aluno, eu sinto esta dificuldade de alcançar, inclusive hoje, “por exemplo,” a questão do conhecimento, da tecnologia... Então eu

sinto que existe este despreparo por parte do profissional, da escola, aaainda, mee mesmo tendo recurso, por que hoje quase todas as escolas existem laboratório, mas nós não estamos todos preparados para isto. Você entendeu? Ainda é um fantasma ainda é um bicho de sete cabeças (entrevista nº. 03 - 02/09/09).

Para falar sobre sensibilidades, sentimentos que estão na base das representações que os professores de história têm sobre as leis que regem o ensino, sobre si e sua formação acadêmica e atuação profissional, apresenta-se a seguir uma breve avaliação das entrevistas realizadas e uma análise das sensibilidades averiguadas em cada entrevista.

Os professores entrevistados falaram de seus sentimentos, das dificuldades que encontraram com a implantação das novas mudanças, como as matrizes curriculares, e que toda experiência nova gera um desconforto, uma sensação de dúvidas, incertezas. Será que vai dar certo? Mas, cabe ao professor se adequar ao novo sistema e as novas formas de trabalho.

A entrevista nº 01 foi feita com a Professora Ana Maria de Moraes, divorciada. Trabalha no Colégio Estadual Rui Barbosa, com alunos de oitavo ano do Ensino Fundamental e também como dinamizadora do Laboratório de Informática. Possui mais de vinte e um anos de profissão. Quando decidiu fazer a graduação em história, já era professora e a opção pela disciplina foi pela oportunidade de fazer a parcelada na Cidade de Goiás.

A professora foi entrevistada em seu ambiente de trabalho. Estava tranquila, calma e segura em todas as questões que lhe foram propostas. Ela demonstrou ter sua autoestima em alta, é uma pessoa bem humorada e de bem com a vida. Respondeu a todas as perguntas com bastante tranquilidade.

Sobre sua história de vida relata que sua vida sempre foi em Inhumas, onde fez seus primeiros estudos, sua formação primária, ginásio e ensino médio. Ingressou na universidade fazendo outro curso, mas logo após veio o casamento e filhos, com isso dificultando seus estudos. Então decidiu por abandonar os estudos. Diz que ficou uns quinze anos sem estudar. Já com os filhos crescidos, surgiu o concurso para professores do Estado de Goiás. Fez e passou. Começou a trabalhar como professora de primeira fase por alguns anos. Aí surgiu a oportunidade de fazer um novo vestibular. Desta vez a opção foi por história e passou a ser professora na área de história, trabalhando de sexto ao nono ano do ensino fundamental. Também fez sua pós-graduação em história e diz ainda ter vontade de fazer mestrado, pois é uma maneira do professor não parar de estudar.

Falando de sua atuação profissional hoje, ela vê muita dificuldade no que diz respeito ao interesse, participação e compromisso dos alunos. Comentou também o fato de as famílias estarem transferindo a responsabilidade de seus filhos para a escola e ainda afirmou que o professor não é meramente um professor do conhecimento, ele tem que passar mais do que isso, inclusive às boas maneiras.



A respeito das normas reguladoras, ela declara:

Bom... Receber... Porque eu sou uma pessoa assim aquilo que vem, não me apavora, de primeiro momento não... Eu procuro ler, ver se eu entendo aquilo que está sendo passado para a gente... Mas a maioria dos funcionários acha que aquilo só vem no papel, que aquilo não funciona na prática, são coisas que eu acho que não vai se adequar neste primeiro momento. Acho que é a longo prazo aquilo ali... Não tem como você falar assim igual, por exemplo: *Não... Vai dar certinho! Vamos colocar cada conteúdo coerente com a habilidade né?* E a gente acaba... Eu acho que é muita informação para pouco tempo... (entrevista 01, dia 01/09/2009).

Falando de suas expectativas de futuro como professora, diz o que espera para a educação:

Olha, por mais que esteja tumultuado sabe? Por mais que agente vê coisas até que a gente poderia mudar, eu acho, eu tenho ainda esperança que a educação é o caminho para uma sociedade mais justa, uma sociedade mais... assim, melhor, as pessoas... melhor eu falo assim como ser humano. Eu acho assim, o caminho é a educação, acho que não tem outra, tem que ter o conhecimento, esta busca incessante do conhecimento, e isto tem que ser todo mundo (entrevista 01, dia 01/09/2009).

A entrevista número 02 foi realizada com a Professora Maria Helena Messias Vieira. Ela é divorciada. Trabalha no Colégio Estadual Rui Barbosa com alunos de sétimos e nonos anos do Ensino Fundamental e também como professora de apoio, atendendo a uma aluna com necessidades especiais. Há mais de vinte anos que está no exercício do magistério.

Esta entrevista foi realizada em sua residência, em um ambiente tranquilo e aconchegante. Ela é uma pessoa muito emotiva, chora o tempo todo, e isso dificultou seu relato. Durante a entrevista, demonstrou sua sensibilidade no que diz respeito aos seus sentimentos, já que, recentemente, passou por uma experiência dolorosa e desagradável. Em alguns momentos deixa transparecer sua dor, mágoa e ressentimento em relação a algumas pessoas que a feriram, por isso, chorou muito durante a realização da entrevista.

Fez um relato emocionado de sua história de vida, dizendo de suas experiências desde cedo na educação. Começou seus estudos em Minas Gerais, depois se mudou para Goiás, onde ela continuou na busca pelos seus ideais. Relatou sua trajetória, por onde passou, seu casamento, filhos, até chegar a Inhumas, cidade em que reside e trabalha hoje.

Quanto à opção pela disciplina história, relata ter sido apaixonada pela mesma desde criança. Como ela declara:

...meu sonho era fazer história, era graduar em História, porque no primário lá em Minas no terceiro ano até a admissão eu só eu tirava dez em história, mas naquela época era na base da decoreba, mas mesmo na base da decoreba, entendi muito pouco eu adorava história e como eu adoro história... (entrevista 02, dia 02/09/2009).

Trata-se de uma pessoa com bastante experiência de vida, já que trabalha na educação há muitos anos e já passou por diversos cargos dentro da educação. Atualmente, está atuando como professora de apoio e professora de história. Mas é uma mulher trabalhadora, sonhadora e, mesmo aos seus 57 anos, fez pós-graduação em Gestão Escolar, que concluiu em outubro de 2009. Declarou ainda ter sonho de fazer mestrado, dentro da área de que ela mais gosta, que é história.

A entrevistada diz que a educação hoje está muito diferente da época em que começou, argumentando que antigamente os professores eram mais valorizados, tanto pelos alunos, pela família e também pela comunidade e que, devido às novas tecnologias de hoje, os alunos não demonstram tanto interesse pelos estudos, por aquilo que os professores estão para ensinar, o que ela chama de ensinamento acadêmico. Por se considerar sonhadora, deseja chegar até o fim de sua trajetória como professora, com a motivação de sempre. Veja o que declara:

Eu sou sonhadora ainda, eu não sei até quando vou, até os 57 anos se vou até os 60 e 65 para aposentar, mas o que eu mais peço a Deus, que nunca morra em mim a esperança a motivação em sala de aula, porque aquele professor que chega em sala de aula, que não está motivado, aí a coisa fica difícil, mais difícil do que é (entrevista 02, dia 02/09/2009).

Sobre as normas reguladoras, diz conhecê-las já que passou por alguns anos na coordenação e na vice-direção, trabalhando diretamente com essas leis. A respeito das Matrizes Curriculares, ela declara:

[...] e a gente sabe conhece um pouquinho dessas matrizes curriculares, são ótimas, são muito boas, às vezes alguém fala assim: "São impostas", eu não as vejo como imposição da Secretaria de Educação não. Porque, o que anda acontecendo? Ultimamente com a reestruturação curricular somos nós professores, coordenadores que estamos lá escrevendo, ajudando a escrever, colocando no papel a realidade levantando os conteúdos, né? Dosando aqueles conteúdos que são necessários, mais necessários, digamos assim, então eu acho que as matrizes curriculares vieram para acrescentar, para acrescentar mesmo na educação (entrevista 02, dia 02/09/2009).

Segundo a entrevistada, aqueles professores que reclamam das Matrizes Curriculares, o fazem por falta de conhecimento, falta de leitura, falta de interesse e falta de motivação e afirma ainda que tudo depende do professor e de seu interesse e participação.

Ela conclui sua participação na entrevista dizendo que o governo poderia pagar melhor aos professores, para que pudessem fazer melhor, "fazer bem feito". Reclama que os governantes deveriam investir mais na educação.

A entrevista nº 03 foi realizada com a Professora Maria do Socorro Paranhos Alves, casada, que trabalha no Colégio Estadual Rui Barbosa, com alunos de sextos anos do Ensino

Fundamental e também como coordenadora pedagógica em outro turno. Há mais de vinte anos que é professora.

A entrevista foi realizada no Colégio onde trabalha como professora e em outro turno como coordenadora pedagógica. Por isso, a entrevista foi interrompida algumas vezes, devido à entrada de pessoas que queriam falar com ela.

Maria do Socorro é uma pessoa com a autoestima em alta. É segura e permaneceu bem humorada durante toda a entrevista. Ela diz vir de uma família muito simples e que, durante sua infância, morou e estudou na zona rural, onde seus pais moravam e trabalhavam. Depois se mudou para a cidade, para continuar seus estudos. Fala com carinho e entusiasmo sobre seus estudos e seus professores que, de certa maneira, acabaram por influenciá-la a ser professora. Quanto a ser professora, afirma que, desde seu ingresso na carreira, passou por algumas escolas e ocupou vários cargos dentro da educação. Já era professora quando decidiu fazer a graduação. Quanto à opção por história, diz que na época tinha simpatia pela área e que gostou muito e se identificou com esta disciplina.

Durante a realização desta entrevista, demonstrou firmeza, convicção no que se refere ao conhecimento das normas e também quanto às matrizes curriculares. Ela diz:

... foi positivo demais, não deixa de ter sido. Porque eu acho assim, só a capacitação que eu percebo assim que foi feita para nós profissionais ela já foi muito grande, de trazer isto para a escola... (entrevista 03, dia 02/09/2009).

Ela relata que a maior dificuldade que encontra nos alunos é a desestrutura familiar e que os problemas gerados em casa refletem-se no ambiente escolar, deixando o aluno sem vontade, compromisso e responsabilidade para com os estudos. Além disso, a indisciplina tem sido grande e gera conflitos na sala de aula.

A entrevista nº. 04 foi realizada com a Professora Maria de Lourdes Paula, casada. Trabalha nos colégios em dois colégios: Colégio Estadual Rui Barbosa, com alunos de sétimos e nonos anos do Ensino Fundamental e no Colégio Ary Ribeiro Valadão Filho, com alunos do Ensino Médio. Há mais de vinte e quatro anos que é professora.

A professora foi entrevistada na Biblioteca do Colégio Estadual Rui Barbosa, onde trabalha. Foi em um ambiente calmo, tranquilo e não ocorreram interrupções durante a entrevista.

Durante a realização da entrevista, demonstrou segurança e autoestima alta. É uma pessoa muito bem humorada. Respondeu a todas as perguntas com muita tranquilidade. Fala com bastante entusiasmo sobre sua história de vida, da sua família, fala ainda da importância dos estudos, principalmente dos estudos da infância, Fica claro que, desde pequena, teve apoio dos pais na educação que e na criação que tivera. Relata com alegria sobre sua

formação acadêmica e que a opção por história foi por gostar e se identificar com a disciplina. Diz achar importante estudá-la, conhecer a história de outros tempos e outros povos do passado; quem sabe se um dia, alguém não vá estudar a sua própria história também? Durante todo o tempo de profissão, que são vinte e quatro anos, sempre estive na sala de aula, como professora. Falando sobre o ensino na sala de aula diz ser hoje bastante diferente ao ensino da época em que começou, pois à medida que o tempo passa, muitas mudanças acontecem. Os alunos não querem, nem assumem o compromisso pelos estudos. E as famílias não apóiam muito, deixam a desejar. Quanto ao conhecimento das normas diz não ter muito conhecimento das mesmas, mas diz ser cumpridora de suas obrigações no dia a dia, naquilo que é proposto pela unidade escolar. Há encontros em que os professores se reúnem por área, planejam e discutem o trabalho a ser realizado. Diz que esse trabalho é acompanhado pela coordenação e tudo fica registrado em atas.

A entrevista nº 05 foi feita com a Professora Maria Terezinha Paiva Oliveira, que é casada e trabalha no Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula, com alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental. Há mais de vinte anos que é professora. Sua opção por história foi por ter-se graduado em história.

A entrevista foi realizada na residência da entrevistada, que gentilmente abriu suas portas para este trabalho. A entrevista aconteceu em um momento calmo, tranquilo. Durante a realização da entrevista, ela mostrou-se segura, tranquila, firme e convicta em suas respostas.

Ela começou a entrevista com um relato sobre sua história de vida, da origem de família simples, seus estudos e sua profissão.

Bom, meus estudos, sou de família muito simples, sempre estudei em escola pública e terminei em 1985 o magistério, comecei a trabalhar em 1986 em uma escola pública primária de crianças muito carente com dificuldades, além da dificuldade de aprendizagem, dificuldade econômica, sócio econômico. Trabalhei nesta escola dezesseis anos, com estas crianças dedicando e sempre fui apaixonada na área de educação e tanto é que estou até hoje trabalhando. Hoje trabalho em uma escola maior com ensino de sexto ao nono ano e que também continua este trabalho na área da educação. Fiz minha graduação, minha pós-graduação, somente a pós que tive que pagar, a graduação fiz em uma universidade pública também, e agora por fim terminei minha pós-graduação em uma universidade particular, sempre dedicando ao conhecimento, à busca do conhecimento para transmitir a estes alunos com quem eu trabalho (entrevista 05, dia 29/09/2009).

Na sequência, fez uma comparação entre o ensino do passado (recente) e o presente, as dificuldades e privilégios encontrados.

Olha da época que eu comecei para época atual... Quando comecei, comecei em uma escola primária... Primeira fase primária, as dificuldades eram enormes né? Por ser muito complexo o processo ensino aprendizagem, porém naquela época em que eu

comecei tinham dificuldades, como hoje também, mas tinham alguns privilégios da educação que a gente tinha naquela época que hoje não tem. Qual essa vantagem que tinha naquela época? No meu ponto de vista, na época em que comecei as famílias se dedicavam mais aos filhos do que hoje... (entrevista 05, dia 29/09/2009).

Sobre as normas reguladoras, acha que são importantes e que a escola sempre oferece um momento para estudar, rever as leis, as normas, as mudanças. Momento este sempre reservado pelo Momento Coletivo que é realizado pelas escolas.

Ela conclui falando de seus sonhos para futuro e o seu desejo de fazer mestrado, se possível, na área de história.

A professora é uma pessoa muito bem humorada, com a autoestima alta, o que facilitou este trabalho, pois a ela demonstrou bastante firmeza e tranquilidade no decorrer da entrevista.

A entrevista nº 06 foi realizada com a Professora Maria do Amparo Moraes do Nascimento, que é casada e trabalha em duas escolas: Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula e Colégio Municipal Padre Feliciano, com alunos da primeira e da segunda fase do Ensino Fundamental.

A entrevista foi realizada no Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula, ministra aulas do sexto ao nono ano. Há mais de vinte anos que é professora e sua opção por história ocorreu desde a escolha do curso superior, pois optou pela graduação em história. =

A professora inicia a entrevista fazendo um relato sobre sua história de vida, falando de sua trajetória, casamento, estudos e profissão atual.

Então meu início de escolaridade primária foi todo no Tocantins, estudei em escola pública e também em escola particular que era escola batista, onde fiz quase todo o meu primário. Depois passei para escola estadual, em Araguaína também e comecei fazendo até primeiro e segundo ano do segundo grau, fiz técnica hospitalar e também fiz técnico agropecuário, depois me casei, vim para Inhumas, aí continuei a estudar. Nós éramos de uma família muito pobre, muito pobre mesmo, nem por isso meus pais deixaram de investir na gente, sempre, sempre, achavam que a escola era o lugar fundamental para a gente crescer. Minha mãe então muito batalhadora. Me casei e vim para cá e aqui comecei estudando no colégio Manoel Vila Verde, no segundo grau, o segundo ano de novo, só que aí fiquei grávida e não terminei, fiz o segundo grau em técnico... técnica de laboratório, né? Não terminei tive meu primeiro filho, depois voltei a estudar novamente fazendo o segundo ano científico no Colégio Ary Ribeiro Valadão Filho. A partir dali comecei a trabalhar, comecei na prefeitura, depois fui fazendo concurso, fiz o primeiro concurso para professor, né? (entrevista 06, dia 30/10/2009).

Sobre o ensino do passado (recente) e o presente, a professora declara que antes a escola tinha mais respaldo por parte dos pais do que hoje. Também afirma que os alunos de hoje não sabem o que querem, e que está faltando a presença da família na vida destes alunos.

[...] naquela época no começo do meu trabalho, acho que a educação tinha o seu maior respaldo. Hoje trabalho com a primeira fase, mas trabalho com a segunda fase, os alunos eles já andam por si só, então o que acontece, temos muitos alunos que ainda não sabem o que querem. Têm muitas faltas, alunos que às vezes, vêm para a escola, mas não vêm para estudar, a família, eu acredito está faltando mais a presença da família na vida dessa criança. Temos alunos difíceis agora? Temos, continuamos tendo, mas eu acho que não é por aí não. Porque se os pais estiverem mais presentes e nos derem mais respaldo acredito que a educação só tende a melhorar, a educação é necessária para todos (entrevista 06, dia 30/10/2009).

Ela conclui sua entrevista falando de seus sonhos para futuro.

O meu sonho é que... nós tenhamos cada vez mais alunos de qualidade. Que nós possamos trabalhar com eles, ai Eber fico até... Porque precisamos, realmente precisamos de alunos, mas temos que ter alunos de qualidade, que a gente também trabalhe com amor, que todos nossos companheiros saibam que estamos trabalhando com criança, com gente, e que somos transformadores dessas cabecinhas, acho que estamos com a faca e o queijo na mão (entrevista 06, dia 30/10/2009).

A professora Maria do Amparo, durante a realização desta entrevista, demonstrou ser uma pessoa com a autoestima alta. É tranquila, transmite uma serenidade muito grande.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou.*

*Sandra Jatahy Pesavento*

O desenvolvimento deste tema se sustentou basicamente em conhecer e decifrar as sensibilidades presentes na apreensão e traduzidas na prática dos professores de história, na cidade de Inhumas. Tomando por base no conceito de que por meio das sensibilidades as representações sobre o mundo são organizadas e traduzidas em práticas sociais.

Para decifrar as sensibilidades no Ensino de História, a apreensão e tradução da prática na formação de professores, foram utilizadas, neste trabalho, as concepções da História Cultural. *A História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler...* (Chartier, 1.990, p. 16). A realidade social é dada a ler por meio de representações sociais e as sensibilidades estão na base dessa concepção de mundo. Os sentimentos estão, portanto, na base das representações que os profissionais de história têm sobre o processo regulador, sobre si mesmos e sobre a própria história.

Assim, as sensibilidades constituem-se como a expressão da energia da vida, as sensações armazenadas na memória possibilitam uma releitura, uma evocação de uma experiência já escoada, fazendo com que o vigor do passado ressurja. Constituem-se como uma força onipresente, pois, encontram-se implícitas nas construções mentais do universo humano em todos os tempos. No entanto, é importante frisar que isso não significa resgatar as mesmas sensações, as mesmas emoções já idas, e sim, compreender a intensidade das experiências acontecidas, entender a força sensível inclusa em cada fato.

A proposta deste trabalho foi realizar entrevistas com vários profissionais da educação que atuam na área de história em Inhumas. E por meio dessas entrevistas, verificar as sensibilidades encontradas e representadas por sentimentos, emoções e sensações de cada um destes profissionais.

Partindo da hipótese de que, por meio dessas entrevistas, seria possível identificar quais os sentimentos que mais afligem os professores, buscou-se apreender em seus relatos aspectos diversos: demonstração de autoestima alta ou baixa, estratégias para lidar com as situações conflitantes no dia a dia; o modo como reagem a situações como a desvalorização da categoria profissional, a falta de interesse dos alunos e o descompromisso das famílias, a

remuneração salarial que os obriga a assumirem uma jornada exaustiva de trabalho e ainda a falta de tempo para preparação das atividades das aulas e falta de tempo para fazerem um curso que lhes proporcionaria melhor qualificação. Até que ponto esses conflitos estariam presentes na vida dos educadores?

Por outro lado, buscou-se saber também até que ponto os professores estão preparados para aceitar o desafio e se estão se adaptando às novas mudanças, às novas normas que regem o ensino.

Assim, buscando conhecer os sentimentos em relação a esses aspectos, durante a realização das entrevistas, deixou-se o professor livre e à vontade para responder às questões propostas.

Para cada profissional foi perguntado sobre a sua história de vida, relacionando-a com a sua formação acadêmica. O porquê de sua opção pela história e como desempenha o ensino de história. Perguntou-se ainda quais são as suas expectativas como professor, Sua opinião a respeito do ensino do início de suas carreiras e do presente.

Em relação às novas mudanças, perguntou-se se eles conhecem as novas propostas, se estão se adequando às novas regras; como as mudanças foram introduzidas e como têm sido aplicadas na sala de aula.

Como resultado dessas averiguações foi possível identificar que os profissionais da área de história, em sua grande maioria, por assumirem uma jornada de trabalho exaustiva, em função da baixa remuneração (reclamação de quase unânime), e também acumularem, tarefas domésticas, como donas de casa, tinham pouco tempo para se dedicarem aos estudos e a uma melhor preparação. Por outro lado, o desinteresse por parte dos alunos aliado ao descompromisso das famílias provocam certo desencanto e é sentido pelos entrevistados como um dos problemas que contribuem para que o ensino não alcance o nível esperado e desejado por todos.

Diante de todas essas circunstâncias mencionadas, foi possível constatar que havia profissional com autoestima em baixa, deixando transparecer sentimentos visíveis como mágoa e ressentimento que se exteriorizaram, durante a realização da entrevista, por muito choro e reclamação das lutas, das dificuldades e das injustiças dentro do ambiente de trabalho. Foi possível também constatar profissionais com auto-estima em alta que, durante a entrevista, demonstraram-se seguros e firmes em todos os questionamentos, apontando vantagens e pontos positivos tanto em relação às novas propostas como em relação ao ensino. Apesar de perceberem dificuldades e problemas, conseguem superá-los, enfrentando-os tranquilamente durante a sua jornada de trabalho.



Em síntese, foi possível analisar que os sentimentos, emoções e sensações estão presentes na vida destes profissionais e que conhecer essas sensibilidades, marcas de subjetividade, permite conhecer também os diferentes sentidos que esses professores atribuem a suas ações. Enfim, as sensibilidades acabam por influenciar diretamente em sua prática. A importância atribuída ao estudo pelos pais da maioria dos entrevistados, quando ainda jovens, foi um valor que se mostrou unânime nas pesquisas e que, sem dúvida impulsiona a luta desses professores para procurarem oferecer um ensino melhor, um conhecimento cultural maior a seus alunos por meio da história. Isso reforça a ideia de que o conhecimento das sensibilidades é uma boa forma de se conhecer as marcas do passado e, dessa forma, tornar possível uma releitura desse passado. Cabe a cada um, saber enfrentar e lidar com essas sensibilidades.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *As Sombras do Tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história*. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PATERTE, Temis Gomes (orgs). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.
- ARTIAGA, Zoroastro. *Município de Inhumas*. In: *Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás*. 2º Tomo. Triângulo, 1951.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O Ensino de História: fundamentos e métodos*. Cortez. São Paulo, 2004.
- BORGES, Venerando de Freitas. *As origens de Inhumas*. In: *Dobras do Tempo*. Goiânia, O Popular, 1980.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: 1997-MEC / SEF.
- BRZEZINSKI, Iria. *Profissionalismo do magistério: atuais políticas educacionais para a formação e carreira*. Texto apresentado em Mesa Redonda do IX ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino). Águas de Lindóia: São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. Lei N° 9.394, de 20/12/96. In: *LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam*. Cortez. São Paulo. 2000.
- \_\_\_\_\_. *LDB Dez Anos Depois: reinterpretação sob novos olhares*. São Paulo: Cortez, 2008.
- CASTRO, Derval de. *Município de Inhumas*. In *Annaes da Comarca do Rio das Pedras*. Casa DUPRAT, São Paulo, 1933.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1990.
- CURY, Carlos R. J. Lei de *Diretrizes e Bases e perspectivas da educação nacional*. In: *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. São Paulo. N° 08. 1998: 72-85.

DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à Psicologia*; Tradução Auriphebo Berrance Simões, Maria da Graça Lustosa; revisão técnica Antônio Gomes Penna. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1983.

DORIN, E. *Dicionário de Psicologia*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1978.

FONSECA, Selva Guimarães. *Ser Professor no Brasil: História Oral de Vida*. São Paulo, Papirus, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados*. São Paulo, Papirus, 2003.

GODOY, Maria Paula Fleury de. *Do Rio de Janeiro a Goiás – 1896 (a viagem era assim)*. 2ª ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1985.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação - SEE. *Currículo em Debate: Direito à Educação - Desafio de Qualidade*. Caderno 1. Goiânia: SEE - GO. 2005.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação - SEE. *Currículo em Debate: Currículo e práticas culturais - As áreas do conhecimento*. Caderno 3. Goiânia: SEE - Go. 2006.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação - SEE. *Currículo em Debate: Matrizes Curriculares - Convite à reflexão e à ação*. Caderno 5. Goiânia: SEE - Go. 2007.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação - SEE. *Ofício Circular 007/2008*. Goiânia. 2008.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação e Cultura. *Programa Curricular Mínimo de História para o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série*. Goiânia: CERNE, 1995.

MEIHY, José Carlos S. B. *“Manual de História Oral”*. São Paulo, Loyola, 1998.

MIGUEL, Jamil. *Instantes da História de Inhumas*. Goiânia, Kelps, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

MOREIRA, NASCIMENTO E ABDALLA, Cleumar de, Otaviano Ribeiro do, Maria de Lourdes Salomão. *Inhumas: Identidade e Progresso*. Goiânia, Kelps, 2008.

NIKITIUK, Sônia L. (Org.). *Repensando o Ensino de História*. São Paulo, Cortez, 2001.

NÓVOA, Antônio (coord.). *Formação de professores e profissão docente*. In: Os professores e a sua formação. Lisboa, Dom Quixote, 1.992.

PALACÍN, Luís e MORAES, Maria Augusta de S. *História de Goiás*. 6ª ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Autêntica. Belo Horizonte. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frédérique. In: *Sensibilidades na história: Memórias Singulares e identidades sociais*. UFRGS, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Na contramão da vida: *Razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus*. In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PATERTE, Temis Gomes (orgs). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades*. Novo Mundo, Mundo Nuevos. Nº 4 – 2004.

PORTELLI, Alessandro. “*O que faz a história oral diferente*”. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC São Paulo, nº 14, fev. 1997.

\_\_\_\_\_. “*Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*”. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC São Paulo, nº 15, abr. 1997.

ROSA, Dalva E. Gonçalves, SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs.). *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

SANTOS, Welington Rodrigues dos. *Por que Inhumas é assim?* Goiânia, Kelps, 2007.

STATT, David A. *Introdução à Psicologia*; Tradução Profa. Dra. Anita Liberalesso Néri. São Paulo: HARBRA, 1977.

VASCONCELOS, Geni A. Nader (org.). *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

WOODWORTH, Robert S. e MARQUIS, Donald G. *Psicologia*. Tradução Lavínia Costa Raymond, 11ª edição. São Paulo, Nacional, 1997.

**DOCUMENTOS**

Atas de Reuniões: Colégio Estadual Rui Barbosa

Projeto Político Pedagógico (PPP) – Col. Est. Rui Barbosa

**SITES VISITADOS**

[www.olhares.com.br](http://www.olhares.com.br)

# ANEXOS

## **ENTREVISTA Nº. 01**

**Entrevistadora:** Eber Dornelas da Costa Souza

**Entrevistada:** Ana Maria de Moraes

**Local de trabalho:** Colégio Estadual Rui Barbosa

**Séries:** 8º ano

**Data da entrevista:** 01 de setembro de 2009

**Local da entrevista:** Colégio Estadual Rui Barbosa

### **Narração Inicial de Eber Dornelas:**

Ana Maria de Moraes, professora do Colégio Estadual Rui Barbosa. Então nós vamos ter agora este momento, esta conversa... E começando eu gostaria de pedir para você, Ana, que me falasse um pouco da sua história de vida, que você falasse onde você estudou, como que foi a sua formação, até chegar aos dias de hoje...

### **História de Vida**

Minha vida foi sempre em Inhumas mesmo, meu primário foi em Inhumas, meu colégio José Feliciano, que hoje é o João Lobo, a minha formação primária, certo? Depois o ginásio foi feito no Colégio XIX de Março que hoje funciona o Trevisan. O segundo grau foi feito no Manoel Vila Verde, na mesma época que eu fiz o magistério eu fiz também o técnico de contabilidade que foi lá no Colégio do Professor Jamil Miguel que era chamado de Lucca Paciolo e... Deixa eu me lembrar depois disso... Bom, terminei o magistério e contabilidade, pensei em fazer vestibular, fiquei fazendo técnico e magistério, aí eu acabei fazendo um mês de cursinho e decidi prestar para medicina veterinária.

Naquela época então, passei e cursei três anos e neste período também eu me casei e como você sabe a gente casa e de repente adquire família, né? Fiquei grávida e quando o Vitor estava com nove meses eu tornei a engravidar, neste período eu estava amamentando ele, fiquei grávida novamente, e eu tinha que ficar na escola o período integral, lá na Federal, na faculdade... E com este negócio de eu engravidar uma gravidez em cima da outra né? E eu acabei afastando e não voltei para a faculdade, não voltei e a gente resolveu voltar para Inhumas, porque eu me casei e fui para Goiânia. Depois que os meninos nasceram nós falamos: “Vamos voltar para Inhumas” Porque a cidade de Inhumas é uma cidade menor, vai

ser mais fácil “da gente” criar esses meninos, então eu fiquei um período né? Sbe eu não me engano um período de quinze anos, eu fiquei sem mexer com estudo.

### **Currículo Acadêmico:**

Aí depois disso surgiu um concurso para professora neste período, Luiz Antônio, meu caçula estava com cinco anos, aí minha irmã ligou e falou:

- “Ana vai ter o concurso do Estado, porque você não presta”?

- Aí eu falei: “Ai, Leni, já tem um tempo que “a gente” está parada”.

- “Não, mais você vai fazer, pode ir lá fazer a inscrição e começar a estudar”.

Ela falou assim para mim, isto parece que era o último dia de inscrição, aí eu fiquei pensando, pensando, não sei se eu volto, se eu presto, se eu não presto. Isso faltava um mês para prova do concurso, falei, ah, eu vou fazer a inscrição. Fiz a inscrição e neste período de um mês eu estudei, para este concurso. Quer dizer fui aprovada neste concurso, aonde tinha várias professoras que estavam já dentro da sala de aula “não passou”, inclusive Maria Helena na época que eu prestei não passou, e ela dava aula lá nas “Irmãs”, falei: Ai meu Deus do Céu... Bom, prestei este concurso, acabei sendo aprovada e um ano depois peguei uma sala de aula, peguei primário, porque era magistério né?

Na realidade eu tinha que pegar era sala de primário mesmo. Bom... Fiquei dando aula nesta sala de primário mesmo, não sei quantos anos que eu fiquei na sala de primário, acho que uns cinco anos ou mais... Aí surgiu a oportunidade de fazer outro vestibular, a licenciatura plena parcelada, a gente fez o vestibular, sendo novamente, acho que tenho até que agradecer a Deus, porque todas as coisas que eu prestei eu consegui...

**Eber Dornelas:** Foi bem sucedida...

**Ana Maria:** Passar, ser bem sucedida e “a gente” fez a licenciatura parcelada na Cidade de Goiás né? E depois fiz a pós-graduação também na Cidade de Goiás.

**Eber Dornelas:** Ai você fez a pós-graduação em História?

**Ana Maria:** Fiz esta licenciatura plena parcelada... Tanto a graduação, quanto a pós-graduação e continuo aí pensando em fazer o mestrado, mas até agora...

**Eber Dornelas:** Então você pensa em fazer o mestrado? Você tem vontade?

**Ana Maria:** Eu penso. Eu tenho vontade. Não sei se vou fazer. Acho que é uma maneira de você não parar de estudar. Porque você mesmo dando aula, você não vê tudo né?

**Eber Dornelas:** E você pensa em fazer na mesma área?

**Ana Maria:** Eu acho que sim, eu gosto de História, eu não só gosto de História, eu gosto de Geografia, Biologia.



**Eber Dornelas:** E o que te levou a fazer vestibular para História, Ana?

**Ana Maria:** Pelo fato de gostar do conteúdo de história.

**Eber Dornelas:** E você já era Professora...

**Ana Maria:** Pois é eu já era professora e uma das matérias que eu peguei, porque naquela época você poderia mesmo não sendo formada naquela área, de história, geografia, você poderia dar aula daquela maneira, hoje não, hoje que está uma coisa mais específica. Mas “a gente”... Eu gosto de história, de geografia de biologia... Eu dei aula de Ciência.

**Eber Dornelas:** E você se identificou com a História...

**Ana Maria:** É e naquele momento parece que quando surgiu a oportunidade de fazer graduação em história eu falei, *ah, vamos fazer!*

**Eber Dornelas:** Tem quantos anos já, que você é professora?

**Ana Maria:** 21...

**Eber Dornelas:** Aí caminhando para a aposentadoria...

**Ana Maria:** É 21, em agosto agora fez vinte e um anos.

**Eber Dornelas:** E como é a sua realização profissional hoje, como você se sente hoje como professora?

**Ana Maria:** Olha Eber, eu para ser sincera com você gosto... Quer dizer quando eu prestei o concurso eu falei para minha irmã, Ahh, Leni, eu não sei se eu gosto de dar aula, falei para ela, porque a gente nunca... Naquele período na realidade, papai nunca deixou a gente trabalhar, eu comecei a trabalhar depois que eu casei, porque papai falava que não que a gente tinha que estudar. Não tinha que se envolver com serviço... Então a gente acaba gostando mesmo né? De trabalhar na escola, eu acho que a gente tem que experimentar não só o cargo de professora, mas outros cargos também para você ver, porque aí você vai fazer uma comparação e saber com qual função “a gente” gostaria de ficar... Fiquei um tempo, você sabe, que eu fiquei um tempo na “gerente de merenda”, porque chega um período que você está cansada mesmo de “mexer” com aluno, você tem que dar um tempo, não porque você não quer aquilo... De maneira nenhuma... Gosto de estar na escola, você pode perceber que estou sempre atendendo... Sempre trabalhando, sempre em escola. Realmente! Às vezes eu me sinto não tão realizada na questão de você estar na sala de aula, e você às vezes não conseguir aquilo que você preparou para passar os alunos. Acho que isto acontece com qualquer professora, assim certo dia, não é todo dia que você está bem espiritualmente, não sei.. Acho que vários fatores contribuíram pra que isso... Tento quando estou na escola, problema meu, fique do portão pra lá... Porque acho que você não tem que descontar no aluno, problema seu, você tem que estar aqui dentro. Acho que às vezes nesta questão, eu

acho que deixo um pouco a desejar, na questão de você manter... É claro que “a gente” não consegue manter uma sala “caladinha” por trinta minutos, mas... é um desafio para a gente. Cada dia que passa entro na sala, já fico pensando o que é que eu vou fazer para dar para aqueles meninos naquela outra aula. Questão de disciplina, por exemplo, eu nunca tive problemas de menino me xingar, me maltratar, até hoje, mesmo com esta dificuldade menino nenhum nunca fez isto comigo... Em sala de aula mesmo às vezes em um momento de conversa eu nunca tive isto.

### **Comparação entre o ensino do passado (recente) e o presente**

*Eber Dornelas:* Ana você acha que mudou muito o sistema de dar aula? Da época que você começou até agora, está muito mudada?

*Ana Maria:* O sistema... Humm... Eu acho assim, estas normas que vêm lá de cima, eu acho que eles vão ter que repensar elas.

*Eber Dornelas:* E falando, destas normas, vamos falar um pouco sobre estas normas que vêm de cima, que chegam até nós e nós temos que entender...

*Ana Maria:* Eu acho que está fora da nossa realidade. Aqui em Inhumas, por exemplo, a realidade do Barbosa é uma, do Horácio é outra, do Manuel Vila Verde é outra... Então se eles mandam esta educação: “Ah, você não pode reprovar aluno”! Eu concordo que a gente não pode reprovar o aluno... Mas o aluno tem que ter o seu dever de aluno...

*Eber Dornelas:* O interesse, a participação...

*Ana Maria:* O interesse, a participação, responsabilidade, porque quando a gente iniciou aqui há vinte anos, o aluno era diferente, o professor era visto como uma peça muito importante e hoje não é assim, se você está ali no corredor ó, se deixar os meninos passam em cima “da gente”, agora estas normas, pode ser que a gente não tenha um estudo aprofundado sobre estas questões tudo. Está deixando assim... Eu não sei se é o próprio sistema, o meio ambiente, a comunicação, a tecnologia, a informação que os alunos estão tendo demais, eles esqueceram aqueles princípios básicos que não é bem a escola que tem que dar estes princípios básicos, é a família. E a família você sabe como está né? Não está bem estruturada, não tem o pai assim, presente, não tem uma mãe presente, né? Porque as mães também parecem que em um momento... Por exemplo, se você casar e ficar sozinha parece que você conseguia levar aquele filho, hoje a mãe não quer ter a responsabilidade do filho, o pai não quer ter a responsabilidade do filho e com isto, eu acho que ele não tem nem culpa, acho que ele é uma vítima.

**Eber Dornelas:** E você acha que com isto a família está transferindo a responsabilidade para escola?

**Ana Maria:** Tá! Eu acho! Chega aqui e... Eu trouxe este menino aqui para ver se vocês “dão conta dele”... A gente vai passar para ele, conhecimento informação...

**Eber Dornelas:** Então o professor não é meramente um professor do conhecimento...

**Ana Maria:** Não é, não está sendo né? A gente está tendo que parar a aula e dar outra coisa... Dar a formação de educação, no sentido que eu falo de educação é você saber respeitar, falar com o outro...

**Eber Dornelas:** De boas maneiras...

**Ana Maria:** Isso, de boas maneiras... Porque não está tendo né? Agora não sei falar, aqui para você o que anda acontecendo... Acho que é um momento de muita transformação e isto acaba tumultuando a cabeça dos filhos...

## **Normas reguladoras**

**Eber Dornelas:** Bom e falando ainda dentro destas normas que regem o ensino, há pouco tempo foram implantadas aquelas matrizes curriculares... Você participou de alguma reunião para poder implantar este sistema?

**Ana Maria:** Não especificamente, não. Eles mandaram, a reunião que nós tivemos, foi o diretor passando para gente aqueles textos, que você também acho que participou de alguns de como nós deveríamos elaborar o conteúdo em cima daquelas atividades.

**Eber Dornelas:** Como você enquanto professora... Como que você recebeu no primeiro momento, naquela época esta reorientação e como que você viu a reação dos outros professores seus colegas?

**Ana Maria:** Bom... Receber... Porque eu sou uma pessoa assim... aquilo que vem, não me apavora, de primeiro momento não... Eu procuro ler, ver se eu entendo aquilo que está sendo passado para gente... Mas a maioria dos funcionários acha que aquilo só vem no papel, que aquilo não funciona na prática, são coisas que eu acho que não vai se adequar neste primeiro momento. Acho que é a longo prazo aquilo ali... Não tem como você falar assim igual, por exemplo: *Não... Vai dar certinho! Vamos colocar cada conteúdo coerente com a habilidade né?* E a gente acaba... Eu acho que é muita informação para pouco tempo... Igual você está falando, você me perguntou se eu assisti... Ninguém foi capacitado, vamos dizer assim, para poder adequar aquelas normas curriculares que eles mandaram.

**Eber Dornelas:** Então você acha que faltou capacitação?

**Ana Maria:** Eu acho! Porque tudo... Apesar de que agora... eu não sei que hora e que dia... O professor tinha que ficar sem férias mesmo, para conseguir cumprir toda aquela jornada. Então eu sei que isso... Igual eu estou falando para você à gente que vai ter que adequar ao sistema, porque não tem como você mudar isso né? Mas “a gente” procura fazer o melhor que a gente dá conta... Porque realmente a gente fica... Não dá tempo Eber, não dá tempo.

**Eber Dornelas:** E este é o segundo ano... E hoje como você vê este trabalho hoje? É possível conciliar alguma coisa?

**Ana Maria:** Por isso que estou dizendo, eu falei para a diretora que eu queria pegar menos aula possível e ficar em outro departamento. Bom... Peguei só nove aulas... Então estou com as nove aulas e estou com o laboratório à tarde. No laboratório eu tenho que chegar aqui 12h30min. e sair 18h30min. Olha o período... A gente chega aqui meio dia e trinta, não tem ninguém na escola, mas diz que é para escola não ficar sozinha, que é para escola não ficar sem ninguém. Então, a Márcia sai 12h30min, eu tenho que chegar 12h30min e o Hugleibson tem que chegar 18h30min. Então, eu não sei acho que isso... eles estão visando outra coisa. É o professor não fazer greve, não fazer isso, não fazer aquilo, porque você não tem tempo. Por exemplo, eu estou no laboratório... Como é que chama a subsecretaria?

**Eber Dornelas:** É o NTE? (Núcleo Tecnológico da Educação).

**Ana Maria:** Isto é o NTE está dando curso para nós. Eu tive curso desde... Começou em julho até agora em agosto... Preparando capacitando nós para outros programas, para ver como que a gente pode trabalhar isto com os alunos... Quer dizer... Aí você acaba... Fica atropelada, você faz as coisas atropelada, porque não tem tempo... Por exemplo, antigamente você começava a estudar em março e você terminava em dezembro, e você via todo o conteúdo que a gente dá hoje... Às vezes até mais, eu não sei se é por motivo, a quantidade de alunos que tem demais, isto acaba acarretando mais cansativo para o professor, que você poderia dar uma aula mais assim, eu não sei se eu diria, ÉÉÉÉ... Mais assim voltada para o aluno, para você dar aquela assistência quase individual, e isto não dá, você faz... Agora a agente tá aí tentando implantar o monitor, para ver se você consegue aquele professor que é interessado, que é responsável, você sabe que você tem aluno deste porte... Então montar este programa do monitor em sala de aula, para ver se a gente consegue ajudar mais estas crianças... E com um monitor a gente vai conseguir ajudar melhor os meninos.

...Então Eber você sabe que antigamente os alunos tinham muita dificuldade em história, hoje...

**Eber Dornelas:** E a que você atribui isto?

**Ana Maria:** Eu acho que pela informação mesmo, é televisão, é vídeo, é filme... Então aquela gama de informação tá muito... Então eu acho que mesmo assim, eles têm dificuldade na questão da leitura, interpretar e de entender, você entendeu? Mas eu acho que ainda, eles já estão bem melhor do que quando eu iniciei...

**Eber Dornelas:** Na educação você fala?

**Ana Maria:** Assim, na compreensão do texto de história, eles tinham muita dificuldade, e também o professor está pegando mais no pé, vamos dizer assim, ler mais livro, jornal... Apesar de que eles têm toda esta informação, eles ainda têm preguiça de ler...

**Eber Dornelas:** E você acha que o professor, sendo qualificado por área... Isso ajuda?

**Ana Maria:** Com certeza, isto ajuda e muito né? E muito. Porque aí você tem outra visão. Você entendeu? Por exemplo, a minha visão de hoje, depois que eu fiz o curso de história tudo, é bem diferente do que quando eu entrei para dar aula de história que eu não era formada em história, entendeu? A gente vê muito isso, igual você está falando mesmo, a gente tem, tanta informação se a gente pudesse ver todas...

**Eber Dornelas:** Quem sabe né? Ana para concluir me fala sobre suas expectativas de futuro, como professora o que você espera para estes próximos anos na educação?

**Ana Maria:** Olha, por mais que esteja tumultuado sabe? Por mais que a gente vê coisas até que a gente poderia mudar, eu acho, eu tenho ainda esperança que a educação é o caminho para uma sociedade mais justa, uma sociedade mais... assim, melhor, as pessoas... melhor eu falo assim como ser humano. Eu acho assim, o caminho é a educação, acho que não tem outra, tem que ter o conhecimento, esta busca incessante do conhecimento, e isto tem que ser todo mundo.

**Eber Dornelas:** É verdade! Ok, Ana, muito obrigada pela sua atenção, obrigada mesmo.

**Ana Maria:** Eu que agradeço.

## ENTREVISTA Nº. 02

**Entrevistadora:** Eber Dornelas da Costa Souza

**Entrevistada:** Maria Helena Messias Vieira

**Local de trabalho:** Colégio Estadual Rui Barbosa

**Séries:** 7º e 9º anos

**Data da entrevista:** 02 de setembro de 2009

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada

### **Narração Inicial de Eber Dornelas**

Eu gostaria que neste primeiro momento você falasse sobre sua trajetória de vida, sobre sua formação, onde você começou toda a sua trajetória até chegar neste momento hoje, nesta qualificação, sua graduação e tudo aquilo que você passou durante estes anos, as suas expectativas como que você conseguiu chegar até aqui, Maria Helena.

### **História de Vida**

***Maria Helena:*** É Eber, eu fico até emocionada porque não foi muito fácil. Como eu sempre falo, comecei assim na Educação, eu considero que eu comecei na educação aos 11 anos de idade, nesta época eu morava em uma pequena cidade de Minas Gerais, eu sou mineira, que chama-se Amanhece, é um município de Araguari no Triângulo Mineiro, e lá naquela época, porque como sabe, já estou com 57 anos, naquela época tinha admissão depois do 4º ano e eu fiz admissão e depois da admissão eu não consegui por motivos particulares, morava com meus avós, e não me deixaram ir para a cidade mais próxima que era Araguari, para fazer o ginásio, naquela época era o ginásio, e eu passei muitos anos sem estudar, mas até então eu gostava muito e aí eu comecei a lecionar, nas roças, nas fazendas e comecei a dar aula particular em casa e substituía também no grupo... e este grupo eu não esqueço o nome que era Grupo Escolar Arthur Bernardes; e até hoje tenho vontade de voltar a esta cidadezinha para ver se ainda existe este grupo.

## **Currículo Acadêmico:**

Depois disso passaram-se alguns anos eu estava com 11, aos 17, eu mudei para Goiânia, e quando eu cheguei a Goiânia aí sim eu tive a oportunidade de fazer o ginásio, né? Na época eu precisava fazer umas provas, uma seleção para entrar no Ginásio, e eu fiz, só que na época estava abrindo um novo colégio, que era o presidente Castelo Branco, em Campinas, e aí foi lá que eu fui fazer do sexto ao oitavo ano. Fiz graças a Deus, estudava a noite, porque durante o dia, tinha que trabalhar para sobreviver e eu estudei. Quando terminei casei, casei e fui para cidade de Jussara e lá infelizmente por nove anos eu fiquei parada. Fiquei parada cuidando de casa, de filho de tudo, mas nunca esquecia do estudo, tinha vontade e meu sonho era fazer e graduar em História, porque no primário lá em Minas no terceiro ano até a admissão eu só eu tirava dez em história, mas naquela época era na base da decoreba, mas mesmo na base da decoreba, entendi muito pouco. Adorava e adoro história até hoje. Sou uma simples professora, mas amo a nossa disciplina. Mas depois de Jussara, viemos para Inhumas, casei, fui para Jussara e viemos para Inhumas, lá eu estava parada, quando cheguei aqui, consegui fazer o magistério. Fiz no Colégio Manoel Vila Verde, e aí eu formei no magistério e fiquei apta a ser professora né? A ser professora do primeiro ao quarto ano, aí neste período não teve nenhum concurso público, e eu trabalhei na Escola Estadual João Lobo Filho, uns oito anos e ainda era regime pró-labore, não era concursada e aí neste período eu fiz... Eu prestei um concurso do Estado, e por incrível que pareça... É uma história muito interessante... Que eu dava aula e ajudava as minhas colegas aqui à noite, tem dia que até meia noite trabalhando e ajudava as minhas colegas, todas elas que estudavam comigo passaram e eu não. “Foi” mais quatro anos eu continuei no pró-labore, nunca desisti, e neste período não era só pró-labore, não era só no Estado, eu lecionava também no Educandário Nossa Senhora do Rosário, que é particular e depois no Frei Nazareno que também é uma outra escola particular; passei também seis meses pela Escolinha da Mônica que é outra escola particular e sempre trabalhando com educação, aí Deus ajudou que eu passei no próximo concurso e continuei trabalhando e sempre. Quando estava de pró labore, eu estava no João Lobo Filho, quando eu passei e fui chamada, eu fui para o Sebastião Guerra, mas aí a diretora do João Lobo, me chamou de volta e lá eu continuei trabalhei segundo ano, terceiro, quarto ano e no finalzinho, passei ser coordenadora...

***Eber Dornelas:*** você trabalhou um tempo na coordenação?

***Maria Helena:*** Na coordenação. Tive uns meses na secretaria à noite para ajudar, mas sempre na coordenação, mas nunca deixei sala de aula, e quando eu voltei para sala de aula, eu voltei para educação de jovens e adultos, ensino médio em História e início foi Antônio

Augusto do Carmo e depois no Rui Barbosa. Neste período de coordenação e de sala de aula, foi muito importante aprendi muito. E neste período eu prestei vestibular, prestei vestibular aos 49 anos? Não aos 48 anos de idade, lá na Cidade de Goiás para História e passei... Oh, Eber, eu te digo, foi nossa, eu emociono, foi muito bom, foi uma realização na minha vida, eu achava que nunca faria faculdade e fiz. Estudei muito, chorei, porque às vezes eu sou muito emotiva chorando né? Mas consegui os três anos e graças a Deus graduei naquilo que queria, que era História e continuei trabalhando.

Depois passado algum tempo, trabalhando em sala de aula, com a minha história passei a coordenadora do Rui Barbosa, trabalhei por algum tempo como coordenadora depois passado algum tempo, eu não estou dizendo datas que às vezes é meio difícil para guardar as datas, tá? Aí depois da coordenação eu passei... Nós candidatamos a um processo de candidatura e eu passei, foram mais dois anos. Aí nestes dois anos eu saí de sala de aula, eu senti muito falta da minha história, da história, realmente eu senti muita falta. E hoje eu saí da direção e estou de novo em sala de aula, com História, Filosofia, Sociologia que tem tudo a ver, porque a nossa História é maravilhosa ela abrange tudo né? Também estou realizando mais um sonho, consegui fazer minha pós-graduação. Este ano agora eu comecei o ano passado em 2008 agora em outubro dia três, estarei defendendo minha monografia em Gestão Escolar, a monografia foi em cima do PPP da Escola, o projeto Político Pedagógico e aos 57 anos estou realizando mais uma etapa da educação o que me deixa emocionada, feliz, então assim, na sala de aula eu me sinto realizada, às vezes...

No turno da tarde eu estou acompanhando uma aluna que tem necessidades especiais. Como é? DTH, déficit de atenção, hiperatividade, é bom, é uma nova experiência na minha vida, está sendo uma nova experiência na minha vida, não é fácil, mas quando chega a noite que eu vou para a sala de aula, eu acaba toda angústia o sofrimento, que as vezes eu passei com a minha aluna que se chama Marielly. Então, eu sou feliz na educação, às vezes a gente reclama um pouco do salário, porque não está fácil a vida.

**Eber Dornelas:** Maria Helena, você acha que hoje esta jornada exaustiva de trabalho que você está levando e muitos outros professores são para compensar o salário que você ganha, que nós ganhamos.

**Maria Helena:** Olha o salário não compensa, o salário infelizmente ele é pouco, mas às vezes eu digo a gente tem que agradecer o pouco e o muito, e se a gente faz com amor compensa, porque graças a Deus está vindo direitinho todo mês e sabendo controlar leva, mas não está fácil não, poderia ser melhor, deveria ser melhor... Porque o professor que é professor de verdade ele trabalha. Assim, mais pelo amor que ele tem, principalmente pelas nossas



crianças estão precisando demais de uma instrução não só acadêmica, mas de valores, de amor mesmo. Acho que nesse sentido não sei se poderia falar mais, não sei...

### **Comparação entre o passado (recente) e o presente**

**Eber Dornelas:** Maria Helena, então agora eu gostaria que me falasse hoje, você me falou de toda esta trajetória sua, de tudo por onde passou, você chegou até aqui e como vê o diferencial de quando você começou até hoje. Porque de primeiro nós tínhamos um número reduzido de alunos em sala de aula, o compromisso de alunos, e hoje nós não vemos tanto compromisso do aluno, então gostaria que você falasse deste momento que nós estamos vivendo hoje.

**Maria Helena:** É realmente está diferente. Porque, como se diz, aos 57 anos eu posso falar, que antigamente nós éramos mais valorizados pelo próprio aluno, pelos pais pela família pela comunidade, hoje o professor ele não é tão valorizado tanto quanto foi e o momento histórico o momento hoje é outro. Estas novas tecnologias, os alunos hoje eles vivem à frente de televisão, de computador... E eles chegam à sala de aula, eles querem outra coisa, eles não querem aprender o que nós estamos lá para oferecer, eles não estão dando valor a este ensinamento acadêmico não, e tudo isto vem do pouco, do modo de vida que ele tem na família. Então não é fácil, é diferenciado, a nossa valorização está muito pouca... Por isto que eu digo a gente trabalha mais pelo amor, é diferente de antigamente... Antigamente o professor era mais valorizado, a sociedade dava, pela sociedade valorizar mais o professor, o próprio aluno, valorizava também eu não sei se é neste sentido que você está querendo saber, mas é assim que eu vejo. Hoje mais do que nunca depende de nós, do educador, as aulas mais motivadas... Apesar de que, a gente vê o professor ou a gente vai preparada para uma determinada aula, com um objetivo a metodologia diferenciada, quantas e quantas vezes não conseguimos aplicar passar isto para este aluno porque a cabeçinha dele está em outro lugar. Eu não sei, fico vendo estes alunos, agora como professora de apoio fico vendo nossos alunos, o professor chega lá querendo passar o conteúdo para ele de modo diferenciado, e ele não aceita, ele quer conversar com o colega, ele quer discutir às vezes o que está acontecendo agora e o professor sim, ele tem que entrar nesta onda e discutir com ele a atualidade do que esta acontecendo também, mas nós temos professores despreparados para isto, vamos falar a verdade, nós temos professores despreparados para o conhecimento, e para o que nosso jovem hoje está almejando. Nós temos sim.

**Eber Dornelas:** E o que você acha que seria a solução neste momento, com a sua visão em relação a isto.

**Maria Helena:** A minha visão em relação a isto, eu vejo o seguinte, nós estamos tendo muita preparação do professor, como as, como é que fala? As capacitações, esta palavra que eu queria lembrar e não saiu, as capacitações que nós estamos tendo, mas às vezes os professores falam “gente, lá na capacitação é uma coisa, a realidade é outra, na hora hoje você entra teoria é uma e a prática é outra”... Realmente é outra, mas uma coisa eu digo, os temos que ter esperança e temos que tentar colocar isto em prática, não é hoje, não é amanhã, é plantando uma sementinha para colher frutos lá na frente. E tem professores que chegam de lá cheios de novos conhecimentos e no primeiro empecilho, na primeira dificuldade ele desiste e nós não podemos desistir, não podemos, não podemos. Às vezes falam, me dizem “*ah, Maria, você é muito sonhadora*”, eu sou, mas eu sei que plantando uma sementinha, quantas sementinhas eu já plantei e ela pensava “*não vai adiantar nada não*”, quando é fé surge, um ou outro, um ama ou outra sementinha ela brota.

**Eber Dornelas:** Maria Helena, então você vê que os professores estão desmotivados, não estão se preocupando com a vida do aluno?

**Maria Helena:** Olha Eber, muitos sim, muitos sim. É ruim falar desse jeito, mas é uma verdade que eu vejo, não adianta tampar o sol com a peneira grossa não? Sei lá porque a minha idade, sei lá porque eu sou mais velha, e penso assim, os mais jovens não pensam assim, mas não adianta tampar, não. Depende muito de nós, depende muito, muito. Agora depende também do governo valorizar mais, porque não vêm me falar que dinheiro não faz falta, e como faz, faz muito falta infelizmente... E viver só de amor e de brisa, ninguém vive não, isto é verdade. Mas precisa sim, as nossas capacitações são muito boas, eu já participei de várias, como coordenadora, como professora, tenho participado, porque lá as nossas capacitações hoje é uma troca de experiência, nada mais é isso. E tem gente que não entende isso, quer ir lá e ver coisas novas se eles vão nos fornecer uma metodologia de trabalho, esta metodologia, ela é fornecida sim, mas através dos nossos companheiros, dos professores, um passando para o outro o que fez e o que deixou de fazer. Chega e é barrado, mas não podemos desistir não, não podemos. Eu sou sonhadora ainda, eu não sei até quando vou, até os 57 anos se vou até os 60 e 65 para aposentar, mas o que eu mais peço a Deus, que nunca morra em mim a esperança a motivação em sala de aula, porque aquele professor que chega em sala de aula, que não está motivado, aí a coisa fica difícil, mais difícil do que é.

**Eber Dornelas:** Você fala dos seus sonhos, dos seus anseios, você está terminando agora no próximo mês a sua pós e você pretende continuar estudando? Você tem este sonho de continuar, fazer um mestrado, alguma coisa?

**Maria Helena:** Eber, quando eu vejo, assim, você que saiu da nossa escola, vejo a professora Silvia que está fazendo mestrado, a professora Lindalva, agora a minha amiga do

coração que a gente estudou juntas em Goiás, a gente fez história a Ireni Motta, fazendo elas têm me motivado. Mas eu fico pensando, eu não sei, parece que meu emocional anda muito abalado aí eu penso: “Será que eu vou dar conta” aí eu: “eu vou dar conta, to dando conta agora”. Trabalhar com computador é muito difícil, eu choro, meus filhos vêm, digitam para mim enquanto eu estudo, enquanto eu escrevo, eles passam por mim. Esta monografia eu envolvi toda a família os três filhos vieram e me ajudaram, não na escrita no estudo, mas assim, na máquina para digitação para enviar e tal, já aprendi muito, envio os meus trabalhos para os professores e tal. Mas aí eu fico pensando “Será que eu vou dar conta? ” Um filho meu até chegou para mim “*Mãe, você não vai estudar mais não, né? Porque você chora demais e fica dando trabalho demais*”. Não sei não, acho que vou fazer mestrado. Eles ficam rindo né? “*A senhora quem sabe*”. Vocês ajudam, continuam ajudando? Eles respondem que ajudam, mas eu não sei Eber. Agora se for para eu fazer é dentro da História, fiz gestão escolar, eu estava em uma gestão. O que aprendi sobre gestão democrática, compartilhada, foi muita coisa e aí a gente não continua né? E ficar dando palite como a gente saiu da gestão é difícil é quase impossível, porque a gente está interferindo né? Oh... Mas quanta coisa que eu aprendi maravilhosa, Eber, como eu aprendi com este curso de pós-graduação em Gestão Escolar.

***Eber Dornelas:*** Isto com certeza serviu para você crescer muito, Maria Helena.

***Maria Helena:*** Eu acho que sim, Eber, eu acho que sim. Mas eu queria tanto estar colocando em prática tanta coisa boa. Mas assim, eu não vou colocar em prática às vezes na gestão, influenciando os professores e tal, às vezes a gente deixa alguma coisa, nos momentos coletivos e tal... Dá alguma sugestão, mas como professora eu sei que eu cresci muito eu aprendi tanto.

## **Normas reguladoras**

***Eber Dornelas:*** Como você passou muito tempo na coordenação, você esteve na vice-direção, você conhece bem sobre as normas reguladoras, que regem nosso ensino. Eu gostaria que você me falasse agora sobre estas normas, como elas vieram, sobre a LDB. Primeiro nós tivemos o PCM, depois veio a LDB, depois vieram os PCN’s e por fim de 2004, foi implantada no Estado de Goiás, a Reorientação Curricular que são as matrizes curriculares, que são aqueles cadernos que foram elaborados e continuam ainda e eu gostaria que você me falasse o que você sabe sobre este trabalho.

***Maria Helena:*** Como coordenadora, tudo bem. Mas você sabe que é uma outra realidade que “eu vou colocar”. Porque quando a gente está na coordenação geral, como vice-diretora,

trabalhamos sim, muito com PPP com PDE, tudo em cima de leis, né? Mas também, nós ficamos muito, digamos assim, até de apoio para coordenação do dia a dia, trabalhando muito com a indisciplina, trabalhando muito com os pais né? E tem os momentos realmente de PDE, de PP ((PPP)), das reuniões mensais com professores, do grupo gestor, os momentos coletivos que geralmente fazemos estudos e a gente sabe conhece um pouquinho dessas matrizes curriculares, são ótimas, é muito boa, às vezes alguém fala assim: “São impostas”, eu não as vejo como imposição da Secretaria de Educação não. Porque, o que anda acontecendo? Ultimamente com a reestruturação curricular somos nós professores, coordenadores que estamos lá escrevendo, ajudando a escrever, colocando no papel a realidade levantando os conteúdos né? Dosando aqueles conteúdos que são necessários, mais necessários, diga assim, então eu acho que as matrizes curriculares vieram para acrescentar, para acrescentar mesmo na educação. O estudo das habilidades né? E quando fala que tem até as competências e habilidades, às vezes, a gente não entende muito bem, porque é tão quase a mesma coisa que a gente não entende muito bem este estudo né? Mas eu acho assim, que estas novas normas, elas são realmente para acrescentar e ajudar o professor, aquele que lê, que segue, apesar de que realmente quando no início do ano a a gente faz o planejamento das atividades anuais é em cima das matrizes...

**Eber Dornelas:** Já faz algum tempo que a escola está trabalhando...

**Maria Helena:** Já está trabalhando, já está trabalhando, e o bom da reorientação curricular das matrizes é que os professores das áreas afins reúnem e conversam e fazem seus planejamentos, então a escola que caminha neste direcionamento ela só tende a crescer. É isso que eu sei e que vivenciei das matrizes curriculares, sabe? E uma coisa, assim, agora na pós, estudando muito sobre... E foi em cima mesmo do Projeto Político Pedagógico da escola, que é o direcionamento da escola, é a carteira de identidade da escola, e que todos tem que conhecer e que todos têm que estar envolvido, e que a gente percebe que ainda não acontece não... Foi realizada uma avaliação institucional em cima de todos os segmentos da escola, foi colocado os gráficos, nos murais e visto o resultado do trabalho nosso na escola, eu achei que foi excelente, pelo menos para mim foi algo que nunca tinha acontecido na escola, nunca tinha acontecido na escola. Claro teve as pessoas que propriamente dizer que negaram a participar não negaram, mas que fizeram por fazer, que respondiam ao questionário da gente ou as perguntas, uns jogaram em cima da mesa, como se aquilo fosse nada, mas quando viram o resultado nos murais, tanto no corredor da escola, para a comunidade para os alunos, a comunidade externa, quando na sala da coordenação, direcionada ao professor e ao grupo gestor, eles viram que a coisa séria e é muuito bom e o não conhecimento e o não comprometimento com o PP ((PPP)) da escola, compromete a unidade, mas fiz este trabalho

na nossa escola, e sei que a partir de agora, eu sei que está sendo visto com mais clareza e a participação está sendo maior. Por isto que eu digo, a gente faz uma gestão escolar e dá vontade de mostrar tudo aquilo que a gente viu e a Reorientação Curricular, ela é indispensável na escola, não tem momento não, professor reclama. Nós professores, trabalhamos três períodos, então os momentos é difícil de achar momentos para estudar para fazer juntos, mas os momentos coletivos acontecem...

**Eber Dornelas:** Maria Helena só para concluir pensando junto, tem professores que reclamam da reorientação, das matrizes curriculares. Você acha que é falta de conhecimento, de leitura?

**Maria Helena:** Falta de conhecimento, de leitura, falta de interesse, de motivação. Porque quando a gente fala em diversas reuniões, em diversos encontros, nestes estudos... “Isto é sonho. Não dá tempo!” Mas se a gente quiser a gente arruma um tempinho, arruma, arruma um tempinho sim. Eu acho que a gente deveria vamos dizer assim, privilegiar estes momentos. Porque quando fazem ficam felizes... Eu como coordenadora, como vice-diretora geral eu parabenizava, sabe? Aquele grupo que dava um jeitinho, que reunia e que fazia um relatório do que foi falado do que foi estudado do que foi repassado, Na nossa escola já aconteceu...

**Eber Dornelas:** Ou você acha que falta capacitação por falta, do que veio da Secretaria do Estado, para estar qualificando melhor os professores no sentido de trabalhar com estas matrizes.

**Maria Helena:** Eber tudo bem. Às vezes demora a acontecer, mas quando acontece dá para ver pra gente ver o que é importante e levar por muito tempo fazendo sem ser chamado na secretaria, ser chamado na subsecretaria para estar fazendo. Acho que depende muito de nós, depende muito de leitura e como se diz, não sei se é porque estou fazendo a pós-graduação e estou entusiasmada, que às vezes duas horas, chego da escola 22h40min., 23h da noite, tomo um lanche, vejo um pouquinho de televisão e eu particularmente à noite que eu rendo, aí que eu vou para o computador, eu pego um livro alguma coisa para ler fazer meu plano de aula este tipo de coisa até duas, duas e meia da manhã, isto para mim é normal, aí é que eu rendo, isto para mim é normal. E o dia que eu faço isso, no outro, você sabe que o serviço de casa eu não tenho ninguém para me ajudar, mas eu fico tão feliz de pensar assim, hoje à noite eu vou para a escola, mas eu vou embasada. Vou sabendo o que eu vou fazer. Vou levar meus alunos para o laboratório de informática, eu já sei os endereços da internet que eles vão entrar eu já sei o que eu quero, o meu projeto já está feito para ser entregue ao dinamizador no laboratório ou então só em sala de aula mesmo. Eu acho assim, acho que o governo poderia nos pagar bem melhor, para que nós pudéssemos fazer bem melhor, fazer

bem feito, investir mais na educação, e está precisando. Eu às vezes penso assim: “Ah, eu vou aposentar vou entrar na lei dos vinte e cinco anos e vou me aposentar” ao mesmo tempo penso “ Que eu vou ficar fazendo dentro de casa, será que eu vou dar conta de ficar longe daqueles meninos?”

***Eber Dornelas:*** Quantos anos dedicados né Maria Helena?

***Maria Helena:*** Quantos anos dedicados... será que eu vou dar conta de ficar longe? Parece que eu não vou dar conta de aposentar, me desculpe, eu me emociono rápido.

***Eber Dornelas:*** Imagina Maria Helena, quero agradecer a sua disponibilidade de me receber aqui na sua casa.

***Maria Helena:*** Obrigada você, eu que agradeço.

## ENTREVISTA Nº. 03

**Entrevistadora:** Eber Dornelas da Costa Souza

**Entrevistada:** Maria do Socorro Paranhos Alves

**Local de trabalho:** Colégio Estadual Rui Barbosa

**Séries:** 6º anos

**Data da entrevista:** 02 de setembro de 2009

**Local da entrevista:** Colégio Estadual Rui Barbosa

### **Narração Inicial de Eber Dornelas:**

Vamos começar nossa entrevista então, nesta sala e desde já eu agradeço então você por ter me recebido, e falar um pouco comigo sobre a sua experiência de vida. Neste primeiro momento eu gostaria que você falasse um pouco sobre sua história de vida, toda a sua trajetória, onde você passou, onde você iniciou até você chegar na sua trajetória de vida, até hoje.

### **História de Vida**

*Maria do Socorro:* Para mim também é um prazer estar falando com você, não deixa de estar também participando também da sua história, isto para mim, também é importante. Bem Eber, a minha história em termos de escolaridade, eu fui alfabetizada na zona rural e até o 4º ano, que antes era o 4º ano, e depois eu vim para a cidade, mas meus pais sempre moraram na roça e nós ficamos aqui para estudar, os filhos ficaram aqui para estudar. Depois eu terminei o meu ginásio no Luca Pacciola que é o Instituto de Educação, mas desde então desde a quinta série que eu tinha na minha cabeça que eu seria uma professora. Eu até comentava muito com a Dona Cidinha Cardoso que era a minha professora de português, que eu queria ser professora... Então, depois assim que eu terminei, eu não tinha dúvida... Assim que eu terminei a oitava série eu vim fazer o magistério, aí eu fiz o ministério no Colégio Rui Barbosa, onde atualmente eu estou. Então para mim foi prazeroso, fazer, porque era uma coisa que eu sempre quis eu não tive assim muita frustração na época do estágio, eu fiz um estágio, tive umas professoras assim que eu nunca esqueço né? Como a Vera Rabello, porque foram umas professoras que marcaram. Lembra? Porque nós estudamos juntas. Então você sabe que realmente foi um magistério muito bem feito. Nós nos preparamos para ir para uma

sala de aula, o que eu acho que é importante demais, e até hoje eu me pergunto: Porque acabou com o magistério? Porque eu acho que a didática é muito importante.

### **Currículo Acadêmico:**

Depois que nós terminamos o magistério, ainda fiquei um ano e meio trabalhando em uma loja, onde eu fiquei no meu primeiro trabalho eu permaneci no trabalho, aí surgiu a oportunidade de fazer o cursinho. Foi aí que fiz o concurso, apesar de que estava meio desacreditada e tal, até pela minha trajetória de vida, assim de vir de uma zona rural e as dificuldades foram muito grandes porque sempre meus pais tiveram que ficar na zona rural para sustentar “a gente” para a gente poder estudar, então eu acho que talvez eu não acreditava muito no meu potencial, não sei talvez estas coisas que a gente traz de infância, mas aí graças a Deus passei, aí passei fui. Comecei lá no Antônio Augusto só como uma experiência, depois fui para o Castelo Branco, lá fiquei dezessete anos. Então lá comecei com a Educação de Jovens e Adultos, neste fiquei só um ano, no próximo ano já fui e peguei uma sala do 4º ano, neste 4º ano fiquei mais dois anos trabalhando. Logo fui convidada a ir para coordenação, mas eu não saí da sala de aula, permaneci na sala e na coordenação, aí desta sala de aula e coordenação eu fiquei no Castelo Branco. Nesta trajetória de coordenação e sala de aula fiquei oito anos trabalhando na coordenação. E no Castelo Branco foi experiência profissional, de vida, porque é uma escola da periferia, onde realmente nós começamos, ali era uma escola pequenininha e nós fomos crescendo a comunidade foi crescendo.

Então Eber, assim foi e surgiu à oportunidade, sempre trabalhei... E, lá no Castelo Branco, quando eu estava na direção, ainda não tinha faculdade. Agora com pouco tempo de estudo terminei minha graduação, tem uns seis anos, então neste período eu dava aula de história, de matemática, de português né? Depois surgiu a oportunidade de estar “pegando” a direção, que foi a primeira eleição para diretor e visto que meu trabalho na escola eu já tinha muito tempo na comunidade, eu cresci ali, profissionalmente, junto com a comunidade da escola, eu conhecia todo mundo, todo mundo me conhecia então não foi difícil: uma aceitação de 100% na época que fui à eleição para diretor, graças a Deus, envolveu toda a comunidade, funcionário, então foi muito bom. Então eu peguei a escola como apoio de todo mundo, então isso já foi um ponto positivo demais, aí eu comecei a graduação, foi quando eu fui para Anápolis, que foi a primeira parcelada...

**Eber Dornelas:** E você fez o que?

**Maria do Socorro:** Eu fiz História. Se falar para você que eu sempre sonho em fazer o curso de história, vou falar para você que não foi, porque como sempre tive na cabeça de



querer ser professora, tinha na cabeça de fazer pedagogia, mas só que muita gente “me tirou de cabeça”, porque foi naquela época que pedagogia, não você não pode pegar aula, você não pode fazer, então para você não vai ser legal, você vai ter sempre que ficar com o primário, aquelas idéias, aí tá, peguei e optei lá... Falei bom, vou optar por história que é realmente o que tenho mais simpatia, realmente foi muito bom, inclusive creio que, assim, dentro do curso da parcelada, foi realmente com chave de ouro, porque foi o primeiro e foi uma coisa muito bem feita. É claro que não como regular, mas assim, uma turma muito boa, muita gente. Nós vínhamos em quinze professores aqui, então foi um curso muito bom, nós fizemos em três anos. Quando saí da direção, fiquei quatro anos porque isto foi na reeleição. Então, está vendo que é assim, fiquei um tempo fora da sala de aula, depois que acabou meu mandato de quatro anos, fui convidada para ir a subsecretaria. A Nancy me convidou a subsecretaria, senti uma certa resistência porque eu tinha um verdadeiro amor pela escola, porque afinal foram dezessete anos ali, então era minha vida na escola... Mas pensei bem e falei: bom eu vou né? Tentar novos horizontes, estudar um pouco mais. Fui para subsecretaria, mas fui para o departamento pedagógico, então fui acompanhar algumas escolas né? “A gente” tinha certa experiência com coordenação, direção, aí fui acompanhar, aí acompanhei um ano as escolas, não como dupla, mas fiz um acompanhamento geral. Aí depois deste um ano eu fui convidada para ser monitora do Pró Gestão, aí o pró-gestão é a formação de professores, de diretores né? A parte gestora. Aí eu fiquei, eu trabalhei um ano com Pró-Gestão nesta formação dos gestores, foi uma experiência maravilhosa, adquiri muito conhecimento, muita experiência com as outras escolas, então acabou que eu acompanhei as 32 escolas da subsecretaria com este curso de pró gestão, o trabalho né? O trabalho é feito por módulo, então foi muito bom... E aí depois eu continuei com dupla, eu trabalhei dois anos na subsecretaria como dupla pedagógica e dupla pedagógica também é uma experiência única, porque você além de viver a parte pedagógica da escola você vive também a parte burocrática, então eu pude fazer este trabalho... Aí eu acompanhei algumas escolas do interior, acompanhei aqui em Inhumas, aí depois destes dois anos, aí eu senti na vontade de voltar para escolas aí aqui surgiu à oportunidade, inclusive foi quando você saiu durante seu mestrado, e a Silvana me convidou e como era na área de História eu pensei bom, é uma oportunidade que eu tenho na área de história, já tinha trabalhado aqui com uma oficina pedagógica, a escola que eu me formei, então tudo de bom, aí quando eu vim para cá eu comecei a trabalhar com as suas turmas, que era sétimo, nono, sexto anos, inclusive estou até hoje na sala de aula, porém hoje estou trabalhando de manhã, na parte pedagógica que é coordenação e a tarde eu faço trabalhos de professora, este ano agora só estou com os sextos anos. E então é isso a minha trajetória mais ou menos dentro da educação.

## **Comparação entre o ensino do passado (recente) e o presente**

**Eber Dornelas:** Ok. Bom, Socorro, então você já teve várias experiências passou por tudo, nestes seus longos anos de experiência dentro da educação. Eu gostaria que você me falasse um pouco agora, sobre como que você vê a Educação, como era antes quando você começou e como ela está hoje? A nossa realidade de trabalho? A situação do professor, quando você começou e como ela está hoje a nossa realidade de trabalho?

**Maria do Socorro:** Eber é tão assim, claro, visto que eu já passei por todas estas experiências, talvez assim, eu tenho uma visão de professor enquanto sala de aula, que eu estou lá dentro e vivendo a dificuldade que “a gente” tem, mas eu tenho uma visão ampla, por quê? Porque eu vejo longe, eu vejo, por exemplo, o que nós como professores, podemos estar fazendo... E o que eu percebo é que antes tínhamos muita dificuldade em questão de recurso, né? A gente supria neste sentido. Não sei nem se é ilusão que era diferente em questão dos nossos alunos. Porque realmente aluno peralta a gente sempre teve, dificuldade com acompanhamento da família nós sempre tivemos, isto desde que comecei, só que estas dificuldades, no sentido de abertura, no sentido do pai procurar a escola eu vejo que hoje, o pai ainda tem esta dificuldade, agora vejo assim, hoje ela dá esta abertura para este pai? Eu vejo que a nossa visão hoje é de dar esta abertura, o trabalho que é feito dentro da escola. Então o trabalho que é feito hoje na escola, neste sentido de estar trabalhando com o profissional dentro da escola, desta aceitação que a parceria é importantíssima, que o pai dentro da escola é de suma importância para nós, para nós... Para gente poder conseguir fazer este trabalho junto com a família... A dificuldade maior que eu vejo hoje é esta, não pelo fato da falta de abertura do pai dentro da escola, porque eu sinto que melhorou muito, porque nós somos preparados para isto dentro da educação a gente percebe que sem esta parceria é quase que impossível e quando existe esta parceria mesmo em pequena proporção a diferença é muito grande. Mas o que sinto? Eu sinto que a dificuldade nossa também hoje é que a desestrutura familiar é muito grande... Então às vezes você vai cobrar isso do pai e da mãe, sendo que lá a desestrutura familiar é muito grande para a criança, para o adolescente, então eu percebo isto, neste sentido eu sinto a dificuldade maior. Agora a dificuldade de ensinar a gente tem? A gente tem muito, esta dificuldade, por quê? Porque hoje nós talvez ainda não estamos conseguindo alcançar o nosso aluno, eu sinto esta dificuldade de alcançar, inclusive hoje por exemplo a questão do conhecimento, da tecnologia... Então eu sinto que existe este despreparo por parte do profissional, da escola, ainda, mesmo tendo recurso, por que hoje quase todas as escolas existem laboratório, mas nós não estamos todos preparados para isto. Você entendeu? Ainda é um fantasma ainda é um bicho de sete cabeças talvez para o aluno

não, mas para nós professores ainda é um bicho de sete cabeças, talvez para o aluno não, para nós professores, entendeu...

**Eber Dornelas:** E o que você acha que precisa ser feito, para que o professor tenha condições de chegar este momento, Socorro, para não sentir esta dificuldade, de estar na frente do aluno, e preparando o aluno, capacitando ele?

**Maria do Socorro:** É até complicado estar te falando isso, mas eu sinto. Eu percebo profissionais que estão chegando... Aí é que eu te falo, eu não sei, na minha cabeça, na minha visão eu sinto falta, deveria para o professor realmente ser professor, independente da faculdade ele tinha que ter um curso técnico lá, magistério...

**Eber Dornelas:** Então, voltando à questão, quando você mencionou da sua história de vida lá atrás, que quando você fez o magistério você se sentiu qualificada pedagogicamente para estar em uma sala de aula... E que você ainda mencionou assim que deveria ter o curso até hoje? Então você acha que os professores estão indo para a faculdade e não estão tendo a qualificação profissional para assumir uma sala de aula. Ou seja, ele aprende o conteúdo...

**Maria do Socorro:** Ele aprende o conteúdo, mas a didática, o pedagógico, nós temos aqui experiência de professores, que eles realmente eles não conseguem, porque que eles não conseguem? Porque eles não foram preparados. Eles têm o conteúdo? Têm o conteúdo. Eles sabem o conteúdo, só que eles não têm didática nenhuma, ele não têm o controle, não consegue. Eu não sei nem te falar se o plano de aula, você pode preparar um plano lindo maravilhoso, e na hora de executar você não consegue colocar em prática, aí a culpa é só do aluno, você entende? Porque hoje a culpa é só do aluno: o aluno não deixa, o aluno não deixa o aluno não deixa tá? Mas aí o que fazer? Na minha visão percebo assim, nós que fomos preparadas é diferente, nós temos dificuldade lá na tecnologia? Mas nós temos condições de correr atrás, nós temos condições de nos preparar porque nós temos condições de estar diante daquele aluno e fazer com que ali ele se interesse. Então o que eu faço uma análise com estes professores de antes e os que estão chegando hoje e que eu estou podendo viver esta experiência junto com eles. Eu acho que na universidade para preparar estes professores, deveria ter uma disciplina voltada só para eles. Tem que pensar nisso...

## **Normas reguladoras**

**Eber Dornelas:** Bom, Socorro... Dentro das Normas Reguladoras que regem nosso ensino, eu gostaria que você falasse sobre seu conhecimento sobre estas normas. O que você sabe?

**Maria do Socorro:** Normas assim... Dentro da Unidade?

**Eber Dornelas:** Dentro da escola... Você lembra que nós começamos com os PCM's, que é o Programa Curricular Mínimo, depois veio a LDB, vieram os PCN's e agora há pouco tempo atrás, a escola onde você trabalhava foi referencial sobre a Reorientação Curricular, você conhece isto melhor do que eu, que sua escola foi pólo para poder trabalhar sobre a reorientação, então gostaria que você estivesse falando a sua experiência como diretora sobre a Reorientação Curricular.

**Maria do Socorro:** Eber, eu acho assim, foi positivo demais, não deixa de ter sido. Porque acho assim. Só a capacitação que foi feita para nós profissionais ela já foi muito grande, de trazer isto para a escola... Agora o que eu vejo? Eu vejo assim, que as normas existem? Existem. Porque hoje o regimento escolar já há muito tempo que ele existe e existe também o PPP (*PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO*), mas o que ainda falta dentro das nossas unidades? Conhecimento deste documento, por parte de todos. Porque o que trabalha, quando, por exemplo, vem para a escola, o programa PDE? Este PDE foi uma revolução quando veio dentro da escola, dentro das unidades. Porque este PDE... Eu participei do primeiro encontro do PDE, justamente que foi assim ó, foi uma... Na verdade no primeiro momento foi um escândalo, uma reviravolta na nossa cabeça, mas, ele foi um planejamento para dentro da escola. Nós já alcançamos muitas histórias com o PPP, mas ainda falta... A LDB, que né? Muita coisa eu acho assim, que já pode estar renovando, atualizando... Mas que muitos não conhecem... Então o que eu percebo é isto: Houve melhora? Muito. Houve participação? Sim. Mas ainda falta, por parte ainda de nossos profissionais, este interesse de estar buscando o que é este rendimento escolar, o que é a nossa proposta pedagógica, o que realmente o nosso PDL propõe. Entendeu? Então isto há dentro da escola este estudo? Há. Mas de forma o que? De forma condicionada, de forma que a gente tem que fazer este trabalho e ter um momento só, mas por interesse próprio do professor estar indo buscar, do professor ter este interesse de conhecer sua escola, de estar vendo o que pode, o que não pode... Eu ainda percebo que isto é um trabalho longo, que agente já iniciou, mas que não pode deixar ele morrer, que vai ser a longo prazo, porque conquista a gente já tem... Principalmente com os professores que estão chegando agora na educação.

**Eber Dornelas:** E você acha que estas matrizes então, elas têm ajudado estes professores novos, que estão chegando?

**Maria do Socorro:** Eu acho que sim, eu acho que têm ajudado a escola em si, o grupo principalmente os gestores. Do gestor a gente ta conseguindo assim ir encaminhando. Mas ainda falta muito, muito, muito... Porque pensa você, um professor que está chegando agora, porque “a gente”, percebe a dificuldade dele lá, primeiro você tem que trabalhar com

ele para ver se ele consegue ir à sala de aula, porque se ele não souber o pedagógico, como é que ele vai trabalhar na sala de aula dele?

***Eber Dornelas:*** Bom Socorro, era isto que eu gostaria conversar com você estar esclarecendo com você sobre isto, agradeço a sua atenção mais uma vez.

***Maria do Socorro:*** Eu que te agradeço se eu pude ajudar em alguma coisa.

## **ENTREVISTA Nº. 04**

**Entrevistadora:** Eber Dornelas da Costa Souza

**Entrevistada:** Maria de Lourdes Paula

**Local de trabalho:** Colégio Estadual Rui Barbosa

**Séries:** 7º e 9º anos

**Data da entrevista:** 02 de setembro de 2009

**Local da entrevista:** Colégio Estadual Rui Barbosa

### **Narração Inicial de Eber Dornelas:**

Maria de Lourdes, em primeiro lugar quero agradecer você, pela sua disponibilidade em contribuir, em me ajudar nesta empreitada, nesta tese da minha dissertação e qualquer coisa que você precisar de mim, coloco a sua disposição. É um prazer conhecer você, não a conhecia.

E para começar gostaria que falasse sobre sua história de vida, onde você começou a estudar, sua trajetória, por onde passou até você chegar onde está hoje e também sobre sua qualificação.

### **História de Vida:**

**Maria de Lourdes Paula:** Eu sou natural aqui de Inhumas mesmo, só fui criada em Heitorai, então estudei lá fiz primário, na época falava primário, fiz ensino fundamental, ensino médio lá, toda a minha vida escolar praticamente foi lá neste interior nesta cidade e assim se importou muito, meus pais sempre se interessaram muito, minha família sempre se interessou muito pela nossa educação. Meu pai sempre olhava os cadernos como estavam, então nós tivemos acompanhamento à vida inteira.

### **Currículo Acadêmico:**

Terminei o ensino médio e logo que terminei o ensino médio passei no concurso do Estado, naquela época não precisava concluir ter graduação para fazer o concurso foi em 1988, fiz passei e já comecei a trabalhar sem experiência nenhuma né? E já comecei logo com criança pequena, tive muita dificuldade porque não é fácil mesmo, até hoje não é fácil então e naquela época que eu não tinha experiência nenhuma foi muito pior. Mas aí eu fui aprendendo

e trabalhei muitos anos com criança no ensino infantil e depois o primário e depois mudei para Goiânia e percebi a necessidade de fazer uma graduação, transferi, porque eu já era contratada e pude transferir e prestei o vestibular na época... A primeira vez que tentei passei, aí eu fiz na UEG, na Federal e na Católica, passei nos três e escolhi fazer UEG que era História e na Federal, tinha feito letras, tentei conciliar os dois. Eu fiz dois anos e aí ficou “bem puxado” porque eu trabalhava, tinha criança pequena, estudava, fazia os dois cursos estudava, estudava muito. Aí quando estava terminando já o segundo ano de letras resolvi trancar e terminar só o curso de história, e assim fiz, terminei meu curso de história porque eu gostava mais...

**Eber Dornelas:** Você se identificava mais com a história?

**Maria de Lourdes Paula:** Sim, me identifica mais, e depois que terminei, como meu marido é daqui mudei para cá (Inhumas). Depois que mudei para cá, é que fui fazer pós graduação. Quando fiz faculdade já tinha mais de dez anos que era professora. Já tem oito anos que moro aqui; quando mudei para cá, fui fazer a pós, aí fiz na Federal. Na época, continuei abrindo e trancando a matrícula uns três anos depois que eu tinha trancado a primeira vez, só que aí resolvi que não ia voltar e parei né? Desisti também, porque aí também não vale mais depois de “um certo” tempo, desisti mesmo do curso de letras e falei, ah vou para frente né? Aí já fiz a pós lá, a pós graduação lá na Federal...

**Eber Dornelas:** Em qual área você fez?

**Maria de Lourdes Paula:** Fiz na área de História Regional e Geral... Também era muito cansativo, porque lá o curso era presencial, né? De pós graduação... Então eu ia três vezes por semana, então chegava aqui em Inhumas (trabalho lá no Ari Valadão e aqui no Rui Barbosa), já descia do lado da escola e ficava até às 23:00 hs trabalhando e no outro dia ia para a faculdade de novo. Foi muito corrido. No período que eu comecei a fazer a pós, tive vontade de fazer mestrado né? Eu falava que ia terminar a pós e já ia começar o mestrado, mas depois desisti, achei muito cansativo e aí até hoje estou assim, terminei a pós e (fora) os cursos normais que a gente faz eu não estudei mais, já tem uns seis anos que terminei minha pós graduação...

**Eber Dornelas:** E você pensa em continuar estudando?

**Maria de Lourdes Paula:** Assim em por enquanto não, mas eu acho assim, minha filha ainda está pequena, ainda precisa muito de mim, pode ser que daqui a uns dois anos eu ainda vou querer...

**Eber Dornelas:** E o que você mais identificou na sua história com a História enquanto disciplina?

*Maria de Lourdes Paula:* Ah, eu acho, adoro história, acho assim que a gente foi vivendo e construindo nossa história, e “a gente” sabe que algum dia, alguém vai estudar a nossa história da mesma forma que “a gente” está estudando a história de outros tempos né?

*Eber Dornelas:* É isto é muito importante... Você tem quantos anos de profissão?

*Maria de Lourdes Paula:* Iiiiixi... 24 anos...

*Eber Dornelas:* E perto já de aposentar...

*Maria de Lourdes Paula:* Não perto de aposentar porque agora não pode mais por causa da idade, vou ter tempo de serviço, mas não vou ter idade...

*Eber Dornelas:* Você trabalhou em outra profissão além de ser professora?

*Maria de Lourdes Paula:* Eu entrei no Estado com 18 anos...

*Eber Dornelas:* Então este tempo todo só sala de aula?

*Maria de Lourdes Paula:* Só sala de aula...

### **Comparação entre o ensino do passado (recente) e o presente**

*Eber Dornelas:* Como que é hoje a sua experiência como professora? Porque hoje depois de tantos anos que você tem ai de profissão... 24 anos... Como é que é hoje em relação ao passado quando você iniciou... Tem muita diferença?

*Maria de Lourdes Paula:* Tem assim, porque... Parece que hoje os meninos eles são assim mais ativos ou sei lá às vezes as famílias não apóiam muito, mas eu gosto, não acho que seja ruim de todo não, Eu só acho que é um pouco mais difícil do que era antes. Porque o tempo vai passando, as pessoas, é diferente, cada geração é diferente né? Não tem mesmo como ser igual né? A gente não pode também querer isso, claro que as mudanças elas acontecem, então é um pouco mais difícil do que era antes.

### **Normas reguladoras**

*Eber Dornelas:* E sobre as normas que regem nosso ensino, estas leis que vem lá de cima, vamos colocar assim, que chegam até nós... Qual o conhecimento que você tem sobre estas leis? Nós começamos com os PCM'S, que é o Programa Curricular Mínimo, depois veio a LDB, na seqüência vieram os PCN'S e agora há poucos anos para cá foi a Reorientação Curricular, que são as matrizes curriculares trabalhando por área sobre as habilidades...O que você tem de conhecimento, principalmente sobre estas matrizes curriculares.



***Maria de Lourdes Paula:*** Para te falar a verdade, eu não sou assim, uma conhecedora total do assunto não, mas o que eu conheço é o que a gente trabalha em sala, que “a gente” utiliza estas matrizes para planejar né? “A gente” reúne por área...

***Eber Dornelas:*** Que é um dos objetivos das matrizes curriculares.

***Maria de Lourdes Paula:*** A minha carga horária maior é na escola de ensino médio... Agora hoje todos os professores estão nas suas áreas, nas suas respectivas áreas, então “a gente” reúne “a gente” tem lá na nossa escola muito isso, “a gente” reúne pelo menos uma vez por mês, fora aquelas coisas que tem normais a gente reúne por área, “a gente” discute o conteúdo, por exemplo, nós somos três professores de história de ensino médio, então “*o meu primeiro ano está igual ao seu*”, então “a gente” discute os projetos que a gente vai realizar, então a gente faz sempre em parceria, aí quando por exemplo, agora mesmo, em setembro eu vou levar os meus meninos para uma excursão, a uma cidade histórica, aí isso engloba todos os professores de história do ensino médio, e a gente faz o projeto juntos, a gente executa juntos... Então é por área a gente está sempre trabalhando junto.

***Eber Dornelas:*** E já tem algum tempo que a escola trabalha com estas matrizes?

***Maria de Lourdes Paula:*** Tem...

***Eber Dornelas:*** E como você vê os outros professores eles aceitam bem estas matrizes? Você acha que estas leis foram bem aceitas, pela educação, pelos professores?

***Maria de Lourdes Paula:*** Uai! Têm alguns que às vezes não gostam muito de participar, de reunir estou falando da minha área, a gente escuta entre os outros colegas, mas como é norma da escola se reúnem né? Lá a gente tem o encontro por área, e todos têm, lá tem uma agendinha, a gente agenda que dia é o nosso encontro, então eles estão sempre olhando, as coordenadoras estão olhando para ver que dia nós vamos reunir por área e o que vai ser comentado, vai tudo lavrado em ata, é tudo organizadinho... Então mesmo que tenha uns que às vezes não queiram que não gostem.

***Eber Dornelas:*** O trabalho está sendo cumprido dentro das normas, dentro das leis... Então era esta parte que eu gostaria de esclarecer com você e agradecer esta sua atenção este seu tempo dispensado para esta entrevista.

***Maria de Lourdes Paula:*** Obrigada você.

## ENTREVISTA Nº. 05

**Entrevistadora:** Eber Dornelas da Costa Souza

**Entrevistada:** Maria Terezinha Paiva Oliveira

**Local de trabalho:** Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula

**Séries:** 6º ao 9º ano

**Data da entrevista:** 29 de outubro de 2009

**Local da entrevista:** Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula

### **Narração Inicial de Eber Dornelas:**

Vou começar a conversa com você, Terezinha, Maria Terezinha Paiva Oliveira e em primeiro lugar quero agradecer, pela sua disposição de contribuir com esta entrevista. Gostaria que, neste primeiro momento, você estivesse relatando sobre seu histórico, sua vida, seu estudo, sua graduação, onde você começou a estudar até chegar à sua graduação profissional.

### **História de Vida**

Bom... Eu que te agradeço por ter me escolhido para entrar, fazer parte do seu trabalho, e espero estar contribuindo de alguma maneira para que este trabalho seja um sucesso. Bom, meus estudos, sou de família muito simples, sempre estudei em escola pública e terminei em 1985 o magistério, comecei a trabalhar em 1986 em uma escola pública primária de crianças muito carente com dificuldades, além da dificuldade de aprendizagem, dificuldade econômica, socioeconômica. Trabalhei nesta escola dezesseis anos, com estas crianças dedicando e sempre fui apaixonada na área de educação e tanto é que estou até hoje trabalhando. Hoje trabalho em uma escola maior com ensino de sexto ao nono ano e que também continua este trabalho na área da educação. Fiz minha graduação, minha pós-graduação, somente a pós que tive que pagar, a graduação fiz em uma universidade pública também, e agora por fim terminei minha pós-graduação em uma universidade particular, sempre dedicando ao conhecimento, à busca do conhecimento para transmitir a estes alunos com quem eu trabalho.

***Eber Dornelas:*** E a sua graduação, sua pós graduação foi em quê?

***Maria Terezinha:*** Minha graduação eu fiz na área de história pela Universidade Estadual de Goiás e minha pós-graduação eu fiz na área de psicopedagogia e educação inclusiva na Universidade Afonsiano de Trindade.

### **Comparação entre o ensino do passado (recente) e o presente**

***Eber Dornelas:*** Ok, muito bom e este trabalho seu como professora, você já dimensionou que já faz bastante tempo que você está como professora. Como você vê este trabalho hoje, Terezinha, trabalho hoje em sala de aula, pela época que você iniciou o que mudou? O que você acha que poderia melhorar na educação hoje?

***Maria Terezinha:*** Olha da época que eu comecei para época atual... Quando comecei, comecei em uma escola primária... Primeira fase primária, as dificuldades eram enormes né? Por ser muito complexo o processo ensino aprendizagem, porém naquela época em que eu comecei tinham dificuldades, como hoje também, mas tinham alguns privilégios da educação que a gente tinha naquela época que hoje não tem. Qual essa vantagem que tinha naquela época? No meu ponto de vista, na época em que comecei as famílias se dedicavam mais aos filhos do que hoje, hoje a família não sei, se é por trabalhar ter várias atividades fora de casa, as famílias deixaram a responsabilidade com os filhos, então isto está afetando muito no ensino aprendizagem dos alunos, o que eu vejo de negativo é isso. Positivo, o que vejo de positivo da época que comecei até hoje, foram as mudanças também por parte da Secretaria da Educação, que vem dando abertura para que as escolas inovem o conteúdo, as metodologias e isto, para mim, é uma vantagem, avaliações... Então o professor hoje tem “N” maneiras de avaliar, de aplicar seus conteúdos então esta abertura que foi dada, para mim, foi o ponto positivo.

***Eber Dornelas:*** E os alunos, são participativos?

***Maria Terezinha:*** Alunos... Os alunos de hoje comparados aos do início da minha carreira, também por esta falta de participação da família, estão deixando a desejar. Por quê? Eles não têm compromisso com o ensino aprendizagem dele próprio, no caso, o ensino está sendo deixado de lado, eles estão indo à escola porque são obrigados. Na maioria das vezes os alunos não têm aquele interesse nas atividades escolares. E os pais? Os pais estão deixando de cobrar desse filho, as tarefas, as atividades que são mandadas para casa, a maioria das vezes voltam sem fazer. Então você fica sem saber o que fazer. Você tenta enviar estas atividades para casa, para que os pais possam se interar do que está sendo ensinado para o seu filho na escola, porém os alunos na maioria das vezes voltam sem cumprir com estas atividades. Então

os alunos por esta falta de compromisso da família com o filho, os filhos estão ficando também com este descompromisso com a realização dessas propostas.

**Eber Dornelas:** E a escola, o que a escola tem oferecido hoje para estes professores? Qual apoio do grupo gestor enquanto educação?

**Maria Terezinha:** No meu ponto de vista, a escola tem que mudar muita coisa, por quê? Os professores hoje em dia... (retoma) O professor está meio que, sozinho dentro de uma unidade escolar. Por quê? Não por culpa do grupo gestor, mas por culpa da burocracia que o gestor e a parte administrativa encontram para resolver, deixando este professor sozinho. Este professor sente a necessidade de parar de discutir e encontrar saídas para muitos problemas que acontecem no dia a dia. Normal é claro, só que este gestor tem tanto a resolver burocraticamente, que deixa desejar na parte do apoio pedagógico ao professor. A escola é o todo, é a unidade, se é unidade todos têm que participar e tentar resolver o problema do aluno, desde a aprendizagem até o bem estar do aluno na escola.

### **Normas reguladoras**

**Eber Dornelas:** Terezinha falando sobre as normas que regem o ensino... A escola tem cumprido com estas normas, tem sido visto no dia a dia com estas normas, principalmente em se tratando das matrizes curriculares.

**Maria Terezinha:** Sim. A escola tem um momento... Este é o único momento que a gente tem para discutir estas normas, estas leis, as matrizes curriculares, os problemas dos alunos. Este é o momento, muitas vezes tem pessoas que deixam de participar e é super importante, que é o momento coletivo. A gente deixa para discutir estes assuntos neste sábado coletivo que a gente tem. A matriz curricular, por exemplo, ela é estudada, tem projetos, é planejado em cima dos currículos e também junto a ele é anexado alguns conteúdos que a gente precisa, que sente necessidade, por exemplo o conteúdo município, a história do município, para a gente sempre tentar adequar o conteúdo a realidade.

**Eber Dornelas:** Quanto ao futuro você pretende continuar estudando?

**Maria Terezinha:** Bom é meu desejo... Parei, terminei minha pós, sempre estou buscando, agora mesmo neste momento eu faço o curso de libras. Porque na nossa realidade escolar nós temos alunos de inclusão com necessidades auditivas e eu faço o curso de libras estou fazendo e pretendo continuar que são dois anos neste curso e sempre estou buscando inovações maneiras para facilitar a minha transmissão do conhecimento para estes alunos.

**Eber Dornelas:** Em relação ao mestrado, você pretende chegar lá?

***Maria Terezinha:*** Bom, é um sonho, eu acho que se Deus quiser eu chego, é um sonho que eu tenho...

***Eber Dornelas:*** Em qual área?

***Maria Terezinha:*** Eu quero continuar na área de história...

***Eber Dornelas:*** Bom, Terezinha o que eu gostaria de conversar com você era isso, agradeço mais uma vez pela sua paciência, pelo seu carinho e muito obrigada.

***Maria Terezinha:*** Estou à disposição e espero ter contribuído em alguma coisa para seu trabalho.

## ENTREVISTA Nº. 06

Entrevistadora: Eber Dornelas da Costa Souza

Entrevistada: Maria do Amparo Moraes do Nascimento

Local de trabalho: Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula

Séries: 6º ao 9º ano

Data da entrevista: 30 de outubro de 2009

Local da entrevista: Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula

### **Narração Inicial de Eber Dornelas:**

Estou aqui com a professora Maria do Amparo, vamos começar agora a nossa entrevista. Maria do Amparo, em primeiro lugar quero te agradecer por ter me concedido estes momentos tão preciosos do seu tempo, pela sua disposição, para poder estar comigo, relatando um pouco da sua história de vida, seu trabalho e toda a sua qualificação e sei que isto vai contribuir muito com o meu trabalho. Gostaria que você ficasse à vontade para contar sobre sua trajetória de vida, a sua qualificação, por onde você passou, as coisas que você fez, até chegar hoje a esta qualificação sua.

### **História de Vida:**

*Maria do Amparo:* Meu nome é Maria do Amparo como você falou, sou goiana de Araguaína, que agora é Tocantins... Então meu início de escolaridade primária foi todo no Tocantins, estudei em escola pública e também em escola particular que era escola batista, onde fiz quase todo o meu primário. Depois passei para escola estadual, em Araguaína também e comecei fazendo até primeiro e segundo ano do segundo grau, fiz técnica hospitalar e também fiz técnico agropecuário, depois me casei, vim para Inhumas, aí continuei a estudar.

Nós éramos de uma família muito pobre, muito pobre mesmo, nem por isso meus pais deixaram de investir na gente, sempre, sempre, achavam que a escola era o lugar fundamental para a gente crescer. Minha mãe então muito batalhadora. Me casei e vim para cá e aqui comecei estudando no colégio Manoel Vila Verde, no segundo grau, o segundo ano de novo, só que aí fiquei grávida e não terminei, fiz o segundo grau em técnico... técnica de laboratório, né? Não terminei tive meu primeiro filho, depois voltei a estudar novamente fazendo o segundo ano científico no Colégio Ary Ribeiro Valadão Filho. A partir dali

comecei a trabalhar, comecei na prefeitura, depois fui fazendo concurso, fiz o primeiro concurso para professor, né? Porque nesse intervalo eu fiz o LUME, o que dava direito você prestar o concurso para a educação, inclusive fiz aqui neste colégio as provas do LUME e passei de imediato. Já fiz o concurso para a prefeitura, o primeiro foi para o Estado, e passei. Comecei a trabalhar com um ano depois, em 1996 ou 1997 se não me falha a memória, fiz o concurso para a educação e logo começamos a trabalhar e vai... Trabalhando né? Aí eu pensei “não, tenho que voltar a estudar”, porque eu sempre gostei de estudar, parece que a prioridade minha é estudar. Aí eu prestei vestibular na Federal, passei na primeira fase para enfermagem, não passei na segunda, aí resolvi prestar também na Católica foi onde eu prestei para a história, passei e comecei a estudar.

Meu primeiro trabalho como professora foi na Escola Estadual Belarmino Essado. Lá encontrei gente, mas muito, muito importante na minha vida, porque se não fosse aquela turma lá acredito que teria sido muito difícil para mim, porque estudando, trabalhando, e tendo uma família para criar não é fácil. Mãe de três filhos, neste meio tempo já tive as minhas outras crianças. Então comecei a estudar na Católica, noturno história. E você sabe que na Católica a gente estuda por créditos né? Então às vezes tinha matéria que não tinha no noturno, no sábado era matutino e às vezes tinha que voltar à tarde para fazer outras matérias, então a minha vida ficou um “bocadinho” corrida... E vai até terminar... Naquela época eram cinco anos de faculdade, trabalhando e estudando. E depois terminando esta faculdade, fiz licenciatura e bacharelado, fiz os dois juntos, demora um pouquinho mais, mais de seis meses, então terminando logo de imediato já tentei fazer uma pós. Fiz a pós pela Universidade Salgado de Oliveira que antes era pelo Rio de Janeiro, vinha os professores de lá para dar aula para gente aqui, também não foi fácil, foi corrido...

**Eber Dornelas:** E a sua pós foi em qual área?

**Maria do Amparo:** Foi, é... educacional...

**Eber Dornelas:** Se você lembrar depois você me fala...

**Maria do Amparo:** Humm... Gente... Pois é... A minha vida foi essa de estudante, e eu ainda espero fazer o mestrado. Agora estou trabalhando no Colégio Estadual Horácio Antônio de Paula e também trabalho pelo município no Colégio Municipal Padre Feliciano.

**Eber Dornelas:** Bastante tempo não é Maria do Amparo...

**Maria do Amparo:** Sim, muito tempo eu já tenho de trabalho pelo Estado, já tenho vinte anos.

## **Comparação entre o ensino do passado (recente) e o presente**

**Eber Dornelas:** Agora eu gostaria que você me falasse, sobre este momento atual, como você vê o ensino hoje, sala de aula, compromisso dos alunos, responsabilidade, e uma comparação do início quando você começou? Mudou muito? O que você acha que mudou? Tem alguma coisa que pode ser melhorada?

**Maria do Amparo:** No início do meu trabalho, eu trabalhava só com a primeira fase do ensino fundamental... Então nós tínhamos um respaldo muito grande dos pais... Por quê? Eu trabalhava em uma escola de periferia aqueles meninos muito carentes, mas uns alunos carentes, mas que os pais estavam mais presentes, eu acho, né? Porque eu tinha respaldo dos meus pais... Tinha alunos difíceis? Tinha, porque não vai deixar de ter... Então o que acho é assim, naquela época no começo do meu trabalho, acho que a educação tinha o seu maior respaldo. Hoje trabalho com a primeira fase, mas trabalho com a segunda fase, os alunos eles já andam por si só, então o que acontece, temos muitos alunos que ainda não sabem o que querem. Têm muitas faltas, alunos que às vezes, vêm para a escola, mas não vêm para estudar, a família, eu acredito está faltando mais a presença da família na vida dessa criança. Temos alunos difíceis agora? Temos, continuamos tendo, mas eu acho que não é por aí não. Porque se os pais estiverem mais presentes e nos derem mais respaldo acredito que a educação só tende a melhorar, a educação é necessária para todos. E espero que melhore, cada vez mais, que eles tenham consciência que eles vêm para estudar e nós estamos aqui de braços abertos para atendê-los.

## **Normas reguladoras**

**Eber Dornelas:** Em relação às normas que regem nosso ensino, estas leis nós começamos com o PCM, que é o Programa Curricular Mínimo, depois veio a LDB, na sequência vieram os PCN'S e agora, poucos anos para cá foi a Reorientação Curricular, que são as matrizes curriculares. O que você tem de conhecimento, principalmente sobre estas matrizes curriculares? Você tem trabalhado com elas?

**Maria do Amparo:** Vamos pelas normas, falando primeiramente pelo que eles implantam e mandam para nós. Acho assim, que tem muita gente que faz este material e eles nunca tiveram em sala de aula, principalmente as normas, para que nós sigamos dentro de sala de aula, tenho a convicção que eles não sentaram, que eles não trabalham diretamente com o aluno, porque tem coisas que não dá. Em relação às matrizes curriculares, tudo bem, nós trabalhamos que já vem os livros, esta matriz e tudo o mais. Então nós procuramos de todas as



formas seguir com estas matrizes, com este conteúdo que vem que eles colocam para que a gente trabalhe primeiro, porque tem os livros e nós vamos acrescentando aquilo que não tem. Nem sempre nós encontramos em único livro aquilo que é pedido, por isto que nós temos que fazer o plano de aula e tudo o mais, porque nós temos de estar sempre atentos àquilo que não tem.

**Eber Dornelas:** E o seu sonho em relação ao futuro, enquanto professora, educação...

**Maria do Amparo:** Ah, eu sonho, muito como eu te falei eu gostaria muito de fazer o mestrado na área da educação. O meu sonho é que... Nós tenhamos cada vez mais alunos de qualidade. Que nós possamos trabalhar com eles, ai Eber fico até... Porque precisamos, realmente precisamos de alunos, mas temos que ter alunos de qualidade, que a gente também trabalhe com amor, que todos nossos companheiros saibam que estamos trabalhando com criança, com gente, e que somos transformadores dessas cabezinhas, acho que estamos com a faca e o queijo na mão. Você está entendendo?

Nós trabalhamos com a criança desde pequena, chegam lá... Eu sei que a família está um pouco distante da criança e que tudo que fazemos aqui às vezes eles desfaz tudo de novo, mas estamos abatendo e vamos transformar a cabeça dessa criança para melhor, só espero que seja para melhor. Fazer este menino um cidadão que realmente dê gosto...

**Eber Dornelas:** Maria do amparo, este momento foi muito importante, muito bom ver você tão tranquila, relatando a sua história, os seus desejos, os seus anseios. Agradeço-te e fica o meu abraço para você, muito obrigada.

**Maria do Amparo:** Eu que agradeço você ter lembrado de mim, e estou aqui a sua inteira disposição.

## ANEXO (CARTA DE CESSÃO)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE MESTRADO EM HISTÓRIA  
PROJETO DE PESQUISA: “SENSIBILIDADES E PRÁTICAS NO ENSINO DE  
HISTÓRIA EM INHUMAS: 1996 – 2006”.

Inhumas,.....de.....de 2009.

Eu, ....., estado civil, C. I. ....., declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em (...../...../.....), transcrita e autorizada para leitura, para (entidade e pessoas), usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle à (instituição) que tem a guarda da mesma.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta de cessão.

---

Nome

Ps. Todas as entrevistas assinadas e autorizadas, por todos os entrevistados estão sob a responsabilidade da autora desta dissertação.